



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**VIVIANE ROCHA VIANA**

**A DANÇA NOS CLUBES SOCIAIS DA CIDADE DO**  
**SALVADOR: 1912 A 1935**

Salvador  
2022

**VIVIANE ROCHA VIANA**

**A DANÇA NOS CLUBES SOCIAIS DA CIDADE DO  
SALVADOR: 1912 A 1935**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientador: Prof Dr. Coriolano Pereira da  
Rocha Junior

Salvador

2022

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Viana, Viviane Rocha.

A dança nos clubes sociais da cidade do Salvador : 1912 a 1935 / Viviane Rocha Viana. - 2022.

200 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2022.

1. Danças - Aspectos sociais - Salvador. 2. Clubes - Aspectos sociais - Salvador. 3. Mudança social. 4. Modernização. I. Rocha Junior, Coriolano Pereira da. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 792.8 - 23. ed.

Viviane Rocha Viana

**A DANÇA NOS CLUBES SOCIAIS DA CIDADE DO SALVADOR: 1912 A 1935**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura Corporal e Lazer

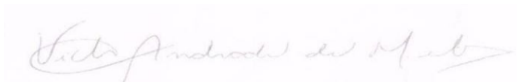
APROVADA em  
Salvador, 25 de março de 2022.

**BANCA EXAMINADORA:**



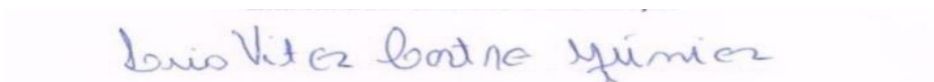
---

Prof. Dr. Coriolano P. da Rocha Junior, UFBA  
Orientador



---

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo, UFRJ  
Examinador externo



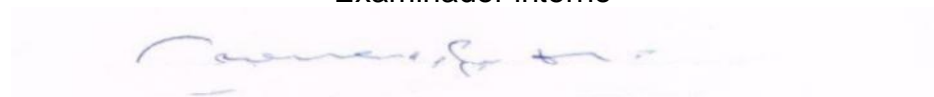
---

Prof. Dr. Luís Vitor Castro Júnior, UEFS  
Examinador externo



---

Prof. Dr. Augusto César Rios Leiro, UFBA  
Examinador interno



---

Prof. Dr. Romilson Augusto dos Santos, UFBA  
Examinador interno

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho,

Aos homens que amarei para sempre e serão, eternamente, grandes referências na forma de demonstrar amor, respeito e dignidade, e que comigo dançaram a alegria da vida: meu pai Augusto César Gomes Viana (in memorian), meu avô Paulo Alves Rocha (in memorian) e ao meu sogro do coração, Iveraldo Lucena (in memorian).

Ao meu esposo, Cláudio Lucena, o grande amor da minha vida. E a minha amada e doce filha, Júlia Rocha Lucena, razão do meu viver e a minha maior fonte de alegria e inspiração.

A minha mãe, Núbia, a minha avó, Arminda, e as minhas tias de ROCHA. Mulheres repletas de amor e cuidado, imprescindíveis a minha formação. Mulheres que cantam, dançam e me encantam.

## **AGRADECIMENTOS**

Não poderia fechar este ciclo da minha vida sem agradecer, mesmo sabendo que todas as palavras aqui escritas não serão capazes de traduzir a imensa gratidão e reconhecimento por quem partilhou comigo e muito me ajudou neste percurso acadêmico e de vida.

A Deus, pai todo poderoso, e a todos os meus guias espirituais, que em nenhum momento, mesmo que as pernas tenham fraquejado, mesmo sem qualquer inspiração, não me deixaram desistir.

Aos homens a quem também dediquei este trabalho e que fisicamente partiram da minha vida ao longo desta pesquisa, mas que serão sempre grandes referências quanto ao caráter, respeito, na alegria de viver e na forma de demonstrar o amor ao próximo, aqui registro meus agradecimentos: ao meu pai Augusto César Gomes Viana (in memoriam), ao meu avô Paulo Alves Rocha (in memorian) e ao sogro do coração e que tive o prazer de conviver, Iveraldo Lucena (in memorian).

Ao meu esposo, Cláudio Lucena, tão amado e querido, pela paciência e compreensão. Sempre ao meu lado, dedicando a mim um amor pleno, leve e sincero, compartilhando comigo sua vida e sonhos futuros.

A minha linda e amada filha, razão do meu viver, Júlia Rocha Lucena, que com sua paciência e alegria dedicou a mim atenção e carinho, tão necessários para esta caminhada. Esse momento também é por você e para você, minha filha!

A minha mãe, Núbia Farias Rocha, meu amor, minha melhor referência de mulher, de mãe. Uma Leoa em forma de gente que com todo seu amor e com tanto esforço e dedicação, inspirou-me nas escolhas da vida e a continuar acreditando e lutando pelos meus sonhos.

A minha avó Arminda, minha fortaleza, amor da minha vida, por ser uma mulher de gestos tão simples, mas tão afetuosos. Necessários demais para que, mesmo distante, eu seguisse firme e forte na minha caminhada.

Ao meu irmão, Luiz César, a minha cunhada, Ina Márcia, e a minha sobrinha, Maria Eduarda, por todo carinho e cuidado tão importantes.

As minhas tias de ROCHA, cada uma a sua maneira, obrigada pelo amor, respeito e parceria nas “danças” da vida.

As minhas primas e primos, incluindo os de coração, aos meus tios e a Raimundo, obrigada pela cumplicidade, amizade e carinho dedicados a mim durante toda minha vida, mas principalmente na trajetória desta pesquisa.

A família Lucena, minha família paraibana, agradeço por todo carinho, respeito e por tantas partilhas ao longo destes anos de convívio.

Aos professores membros da banca, devo agradecer a leitura atenta ao texto de qualificação e da tese. Vocês sempre com muito respeito e de maneira fraterna na forma de falar deixam ensinamentos importantes. A vocês Victor Andrade de Melo, Luís Vitor Castro Júnior, Augusto César Rios Leiro e Romilson Augusto dos Santos, muitíssimo obrigada.

Ao meu orientador, Coriolano Pereira da Rocha Junior, que passou a assumir o papel de amigo, sempre presente, preocupado, dedicado. Com seu jeito ímpar de viver e ser “humano”, sabendo, em todos os instantes, exatamente o que dizer e como dizer, sempre muito cuidadoso e respeitoso. Uma pessoa de uma escuta sensível a qualquer momento. Com um jeito leve de lidar com a vida e de nos mostrar possibilidades no caminhar acadêmico, mas também de viver (n)esse mundo. A você Cori, não cabe aqui a minha eterna gratidão!

A amiga-irmã, a qual o doutorado presenteou-me, Aline Machado, por quem tenho tanto amor e respeito. A pessoa que com seu jeito tão sincero e verdadeiro,

nunca se negou a segurar as minhas mãos, principalmente nos momentos mais difíceis. Você me ajudou a continuar acreditando!

As minhas “meninas, minhas filhas do coração”, Dayane Dórea e Isis Moreira. Mulheres competentes, dedicadas, estudiosas, por mim tão admiradas e respeitadas. A quem acredito ter conseguido inspirar e nutrir o amor pela dança. A vocês, que tanto contribuíram e contribuem no meu ser e fazer docente, muito obrigada.

Aos colegas e professores do grupo CORPO, minha gratidão pelas partilhas e pelo respeito mútuo. A energia e dedicação de cada um de vocês forma a verdadeira essência do grupo, e esta representa a porta de entrada e permanência de todas as pessoas no mesmo. E um afetuoso e especial agradecimento àqueles que pude conviver de maneira mais próxima e por quem, particularmente, nutro grande admiração e respeito: Carmem Lília, Danilo Raniery, Luan Machado e Wilson Brito.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA, pela pelo acolhimento e pela contribuição intelectual e profissional.

Aos amigos e amigas, que sempre se fizeram presentes, que acreditaram e torceram por mim.

A Djane e aos colegas que fazem o Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (Campus II – Alagoinhas), obrigada pela oportunidade de uma rica convivência e por juntamente comigo, acreditarem numa formação de excelência.

Aos meus alunos e alunas, que a mim confiaram um importante diálogo sobre a dança. A vocês, desejo que continuem “dançando” para o bem da Educação Física, mas sobretudo para o bem de vocês, dancem!

Por fim, preciso dizer a vocês que o caminho trilhado não foi fácil. Tantas coisas aconteceram. O país virou de cabeça para baixo e eu aqui, resistindo aos



desmontes da Educação e da Ciência, acreditando no SUS, na vacina e que vidas humanas importam! Perdi pessoas tão amadas, mas resisti! Hoje, ao findar esta fase, mesmo diante de tudo, posso dizer que valeu a pena. Conheci pessoas maravilhosas, fiz verdadeiras amizades e vivi momentos que levarei para toda a vida. Continuarei meu caminho acreditando e dançando.

A todos vocês, muito obrigada.

## Oração à Dança

Louvada seja a dança  
porque liberta o homem  
do peso das coisas materiais,  
e une os solitários  
para formar sociedade.

Louvada seja a dança,  
que tudo exige e  
fortalece a saúde, uma mente serena  
e uma alma encantada.

A dança significa transformar  
o espaço, o tempo e o homem,  
que sempre corre perigo  
de se desfazer e de ser somente cérebro,  
ou só vontade, ou só sentimento.

A dança, porém, exige  
o ser humano inteiro,  
ancorado no seu centro,  
e que não conhece a vontade  
de dominar gente e coisas,  
e que não sente a obsessão  
de estar perdido no seu ego.

A dança exige o homem livre e aberto  
vibrando na harmonia de todas as forças.

Ó homem, ó mulher, aprende a dançar  
senão os anjos do céu  
não saberão o que fazer contigo.

Santo Agostinho

VIANA, Viviane Rocha. **A Dança nos clubes sociais da cidade do Salvador: 1912 a 1935**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

## RESUMO

Este estudo discorre sobre a presença da dança nos clubes sociais da cidade do Salvador nas primeiras décadas do século XX. Trata de uma pesquisa qualitativa, descritiva e histórica, cuja metodologia está respaldada na Nova História Cultural (NHC). A questão investigativa apresenta-se a partir da seguinte pergunta: de que maneira a dança presente nos clubes na cidade do Salvador, entre as décadas de 1912 e 1935, expressa as mudanças sociais e culturais advindas do processo de modernização? O objetivo geral do estudo foi analisar de que maneira o processo de modernização dialogou com a dança presente nos clubes sociais da cidade do Salvador. Como objetivos específicos buscou mapear os clubes sociais em que a dança se fez presente na época, destacando seus aspectos históricos e suas principais características; identificar as manifestações culturais dançantes presentes nos diferentes clubes sociais da capital baiana no período de tempo estabelecido na pesquisa; e discutir as relações entre as danças presentes nos diferentes clubes da cidade do Salvador e os aspectos culturais da população soteropolitana. Para a obtenção dos dados, debruçou sobre alguns dos periódicos em circulação à época, dentre eles os jornais “A Capital”, “O Imparcial”, “Gazeta de Notícias”, “Etc - BA”, “O Combate”, “A Notícia” e o Jornal “A Tarde”. O recorte temporal da pesquisa compreendeu os anos entre 1912 e 1935. Este recorte se deu, inicialmente, por este período apresentar dois marcos de ideários de modernidade relevantes. O ano de 1912 foi escolhido como início da investigação por ser marco introdutório de um projeto de modernização da cidade do Salvador que proporcionou diversas mudanças na estrutura urbana e conseqüentemente nos hábitos de vida sociocultural da população. Já o ano de 1935 foi escolhido como delimitador final da investigação por ser um marco importante na agenda modernista baiana, com a realização da Semana de Urbanismo, promovendo à população outro espaço-tempo no que se refere à visão urbanística e as conseqüências dela nos aspectos socioculturais de quem vivia na capital baiana. Logo, foi possível identificar a presença marcante de diferentes danças em alguns dos clubes também identificados como importantes espaços de convivência social e cultural dos soteropolitanos e das pessoas que moravam na cidade do Salvador. Neste sentido, pode inferir, através de diferentes manifestações dançantes, as conseqüências sociais e culturais advindas dos ideários de modernidade e civilidade que marcaram as primeiras décadas do século XX na cidade do Salvador, muitas vezes expressas nos elementos simbólicos presentes no cotidiano da elite soteropolitana e da população em geral.

Palavras-chaves: Danças; Clubes; Mudanças sociais; Modernização.

VIANA, Viviane Rocha. Dance in the social clubs of the city of Salvador: 1912 to 1935. Thesis (Doctorate in Education) - Faculdade de Educação - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

## **ABSTRACT**

This study discusses the presence of dance in the social clubs of the city of Salvador in the first decades of the twentieth century. The investigative question arises from the following question: How dance, present in the clubs in the city of Salvador, between the decades of 1912 and 1935, expressed the social and cultural changes arising from the modernization process? The general objective of the study was to analyze how the modernization process dialogued with the dance present in the social clubs of the city of Salvador. As specific objectives it was sought to map the social clubs in which the dance was present at the time, highlighting its historical aspects and its main characteristics; identify the danceable cultural manifestations present in the different social clubs of the capital of Bahia in the time period established in the survey; and discuss the relations between the dances present in the different clubs of the city of Salvador and the cultural aspects of the Soteropolitan population. This is a qualitative, descriptive and historical research, whose methodology is based on the New Cultural History (NHC). To obtain the data, we focus on some of the periodicals in circulation at the time, among them the newspapers "A Capital", "O Imparcial", "Gazeta de Notícias", "Etc - BA", "O Combate", "A Notícia" and the newspaper "A Tarde". The time frame of the research comprised the years between 1912 and 1935. This clipping is given, initially, because we consider this period, two landmarks of ideas of modernity relevant. The year 1912 was chosen as the beginning of the investigation, for being an introductory milestone of a project of modernization of the city of Salvador that provided several changes in the urban structure and consequently in the habits of sociocultural life of the population. Already the year 1935 was chosen as the final delimitator of research, for being an important milestone in the modernist agenda of Bahia, with the realization of the Week of Urbanism, promoting to the population another spacetime when it comes to the urban vision and its consequences on the sociocultural aspects of those who lived in the capital of Bahia. Soon, it was possible to identify the striking presence of different dances in some of the clubs also identified as important social and cultural spaces of the Soteropolitans and the people who lived in the city of Salvador. In this sense, one can infer, through different dance manifestations, the social and cultural consequences of the ideas of modernity and civility that marked the first decades of the twentieth century in the city of Salvador, often expressed in the symbolic elements present in the daily life of the Soteropolitan elite and the general population.

**KEYWORDS:** Dances; Clubs; Social changes; Modernization.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Mapa das Cidades Alta e Baixa	48
<b>Figura 2</b>	Postal das Cidades Alta e Baixa	49
<b>Figura 3</b>	Cais do Porto após a reforma de Pereira Passos	59
<b>Figura 4</b>	Cais de Pharoux	62
<b>Figura 5</b>	Cais do Ouro – região do comércio de Salvador	63
<b>Figura 6</b>	Praça Marechal Deodoro	64
<b>Figura 7</b>	Elevador Lacerda com uma única Torre	65
<b>Figura 8</b>	Docas do arsenal da Marinha	65
<b>Figura 9</b>	Construção da Avenida Sete de Setembro	66
<b>Figura 10</b>	Construção da Avenida Sete de Setembro	67
<b>Figura 11</b>	Igreja Nossa Senhora do Rosário	68
<b>Figura 12</b>	Corredor da Vitória antes da Reforma	70
<b>Figura 13</b>	Corredor da Vitória após a Reforma	71
<b>Figura 14</b>	Ladeira do Pelourinho no final do século XIX	75
<b>Figura 15</b>	Ladeira do Pelourinho no final do século XIX	76
<b>Figura 16</b>	Monumento ao Dois de Julho	79
<b>Figura 17</b>	Dança em Arte Rupestre	89
<b>Figura 18</b>	Dança Batuque	97
<b>Figura 19</b>	Balé da Corte	99
<b>Figura 20</b>	O Lundu	101
<b>Figura 21</b>	Dança Maxixe	105
<b>Figura 22</b>	Inauguração das fotografias de Rui Barbosa e do servidor, o Sr. Luiz de Carvalho	126
<b>Figura 23</b>	Aniversário de Fundação de Clube	128
<b>Figura 24</b>	Sede da Associação Atlética da Bahia	134
<b>Figura 25</b>	Associados do Clube no Galpão sede (primeiras instalações)	139
<b>Figura 26</b>	O Bungalow, Antiga Sede do Club Bahiano de Tênis	140
<b>Figura 27</b>	Festa de Reveillon no Club Bahiano de Tênis	141
<b>Figura 28</b>	Estrutura física do Clube Bahiano de Tênis nas primeiras décadas do século XX	142
<b>Figura 29</b>	Associação Commercial da Bahia	144
<b>Figura 30</b>	Clube Commercial	146

<b>Figura 31</b>	Clube Commercial	147
<b>Figura 32</b>	Soirée no Club Commercial	148
<b>Figura 33</b>	Salão Principal do Clube Inglês. Recepção ao Príncipe de Galles na Bahia	150
<b>Figura 34</b>	Vista parcial da área do Clube Alemão de Salvador	153
<b>Figura 35</b>	Sede do Club Fantoches da Euterpe nas primeiras décadas do século XX	156
<b>Figura 36</b>	Sede do Club Fantoches da Euterpe, sede inaugurada em 1940	156
<b>Figura 37</b>	Carnaval da década de 1930 – Clube Fantoches da Euterpe	158
<b>Figura 38</b>	Sede da Cruz Vermelha no Campo Grande	159
<b>Figura 39</b>	Baile de Máscaras	161
<b>Figura 40</b>	Palace Hotel	164
<b>Figura 41</b>	Restaurant Cabaret Palace Club	164
<b>Figura 42</b>	Elite Club	166
<b>Figura 43</b>	Elite Club	166
<b>Figura 44</b>	Teatro Polytheama Bahiano	167
<b>Figura 45</b>	Teatro Polytheama Bahiano	167
<b>Figura 46</b>	Carnaval no Clube Inocentes em Progresso	177
<b>Figura 47</b>	Carros de Fantoches	178

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>MODERNIZAÇÃO DAS CIDADES BRASILEIRAS</b> .....	<b>35</b>
2.1	CIDADE DO SALVADOR, DE CAPITAL DO PAÍS À METRÓPOLE REGIONAL: MUDANÇAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS DA CIDADE .....	43
2.2	O GOVERNO DE JOAQUIM JOSÉ SEABRA: EMBATES POLÍTICOS E TRANSFORMAÇÃO URBANA .....	51
2.3	A CIDADE DO SALVADOR E OS MODOS DE VIDA DE SUA POPULAÇÃO .....	81
<b>3</b>	<b>DANÇA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES HISTÓRICAS</b> .....	<b>89</b>
3.1	DOS PASSOS DA DANÇA NO BRASIL A SUA CHEGADA EM SALVADOR .....	93
3.2	A DANÇA COMO FENÔMENO CULTURAL NOS CLUBES SOCIAIS DE SALVADOR .....	111
<b>4</b>	<b>OS CLUBES</b> .....	<b>115</b>
4.1	OS CLUBES SOCIAIS EM SALVADOR .....	119
4.2	OS CLUBES: SUAS HISTÓRIAS, SEUS ASSOCIADOS E SUAS DANÇAS .....	124
4.3	CLUBES CARNAVALESCOS .....	154
4.4	OUTROS CLUBES, OUTRAS SOCIEDADES, OUTRAS DANÇAS ...	162
4.5	CLUBES, ASSOCIAÇÕES E AGREMIações AFRICANAS .....	169
4.6	OS CARNAVAIS NOS E DOS CLUBES: A DANÇA EM CENA .....	173
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>181</b>
	REFERÊNCIAS .....	189

## 1 INTRODUÇÃO

A necessidade de realização desta pesquisa surgiu a partir das experiências advindas do meu processo formativo, inicialmente como alguém que, desde criança, viveu a dança na sua constituição histórica, pessoal e cultural, bem como na vida adulta, como construção profissional e acadêmica.

Deste modo, farei um breve relato da minha trajetória, pessoal e profissional, com a dança, para que o/a leitor/a identifique minha relação com a temática, enquanto pesquisadora e os motivos que me levaram ao estudo e a uma maior aproximação com este tema ao longo dos anos.

Ainda na infância, na cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, convivi com pessoas do meio artístico, onde tive e tenho minha mãe como grande referência. Na medida em que ela se profissionalizava e evoluía na arte musical, fui me aproximando e me permitindo viver a música e, também a dança, porém, esta última de maneira mais íntima. Inicialmente, apenas como amante das artes, o que provocava em mim curiosidade e encantamento pela beleza das festividades e das manifestações populares, onde a dança se fazia presente. Com o passar dos anos, entre a fase da adolescência e o início da idade adulta, foi possível tê-la em minha vida nos momentos de festividades, mas também como profissão<sup>1</sup>.

Ao cursar Licenciatura em Educação Física, a dança despertou olhares outros, permitindo-me dar os primeiros passos para a compreensão da importância do acesso a conhecimentos científicos. Então, me apropriei das experiências profissionais com a dança, também como fenômeno artístico e cultural, e passei a investir em conhecimentos acadêmicos.

Ao adentrar o mercado de trabalho como professora de educação física, a dança passou, mais uma vez, a fazer parte do meu cotidiano profissional. Seja lecionando na educação básica, seja como docente de disciplinas relacionadas à dança nos cursos de formação de professores de educação física.

---

<sup>1</sup> Entre os anos de 1992 e 2003 fui integrante das Bandas Goma de Mascar e Mulher Rendeira, ambas originárias da cidade de Aracaju (SE). Nelas, experimentei o mundo artístico exercendo a função de backing vocal (voz de apoio), dançarina e coreógrafa.



Logo, na oportunidade de realização do mestrado<sup>2</sup>, pesquisei a formação dos professores de educação física na capital baiana e o trato com a dança. Naquele momento já havia um acúmulo de experiências relevantes para com a dança.

Em 2017, ingressei no doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGE/UFBA) e, ao fazer parte do grupo CORPO<sup>3</sup>, conheci outra realidade no campo da produção científica. Como pesquisadora, me encantei pelas pesquisas de caráter histórico e, naquele momento, diante da tentativa de responder a outras lacunas, também importantes referentes ao assunto, além do interesse em dar continuidade e aprofundamento aos estudos no âmbito da dança, passei a estudá-la como fenômeno cultural presente nos clubes sociais da cidade do Salvador, entre os anos de 1912 e 1935.

Neste primeiro momento da escrita, embora a pesquisa em tela esteja voltada para as primeiras décadas do século XX, para uma melhor compreensão acerca da temática em questão, tentei estabelecer um breve diálogo a partir de alguns elementos considerados importantes, sobretudo quanto ao caráter histórico. Isto permitiu uma aproximação inicial e o entendimento dos aspectos culturais que envolvem a dança.

Sendo assim, é importante ressaltar que desde o início da civilização, antes mesma da fala, a dança era considerada uma forma de expressão e comunicação compreendida por todos os povos. Dançando era possível, através de movimentos simples, representar seus pensamentos, suas paixões, angústias, emoções e sentimentos (TADRA, 2009).

No contexto da era primitiva, a dança era percebida de forma diferente. Ehrenberg (2003) afirma que ela já se configurava como uma forma de expressão e comunicação, sem subestimarmos o caráter religioso que apresentava, na realização de rituais que comemoravam a boa colheita ou se preparavam para as guerras, por exemplo.

À medida que a sociedade seguiu seu rumo, a história da dança foi sendo registrada de formas distintas, aderindo, portanto, nos diferentes contextos, às características e concepções também distintas. Na literatura é possível encontrar

---

<sup>2</sup> O Mestrado (2012-2014) foi cursado no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB / Campus I – Salvador.

<sup>3</sup> Grupo CORPO – Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação, coordenado pelo prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior, está localizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA).

registros da dança como elemento artístico, técnico, teatral, estético, folclórico, social, cultural, também relacionada aos aspectos étnicos, religiosos, dentre outros.

De acordo com Faro (2004), o século XVII é considerado um marco delimitador da dança sob a forma como é concebida atualmente. Naquele momento, houve um processo de transição importante entre a Idade Medieval e a Era Moderna que culminou na disseminação de vários tipos de dança, ao mesmo tempo em que elas, também, foram se modificando para se adequar a novas realidades sociais.

Neste período, as danças de salão descendentes das danças de caráter popular, ganharam novos adeptos e novos espaços para experimentação. A valsa, por exemplo, considerada por especialistas como a mais antiga das danças de salão, permitia uma aproximação mais íntima entre os casais, o que encantava a muitos, mas também desagradava a classes mais conservadoras, como a própria igreja<sup>4</sup>, por exemplo.

Diante deste processo de transição entre a Idade Medieval e a Era Moderna, houve também uma transição entre a burguesia e a classe popular. Uma vez que, ao ser praticada nos grandes salões burgueses, a valsa, por exemplo, permitia o comportamento mais refinado e elegante por parte dos casais dançantes, mas ao se popularizar, passou a ser uma afronta aos bons costumes da sociedade burguesa, pois dançar aos pares e com corpos mais próximos feria a moral e os bons costumes da sociedade (RIED, 2003).

Dessa forma, as danças foram marcando presença em vários lugares no mundo, ao mesmo tempo em que se espalhavam, também adquiriam seus significados de acordo com as manifestações históricas, sociais e culturais dos povos.

Logo, com base nos elementos iniciais acima apresentados e enquanto pesquisadora instigada com esta temática, destacamos que a perspectiva deste estudo está voltada para a dança como fenômeno cultural, e neste sentido, gostaríamos de ressaltar que, de acordo com Ehrenberg (2003), ela representa valores e costumes sociais de determinado povo, num dado período histórico e, ainda, caracteriza a sociedade da qual é originária ou mesmo está relacionada.

---

<sup>4</sup> A Idade Média foi responsável por uma ruptura brutal na evolução da dança. Na antiguidade, a dança era sagrada. Por não aceitar outras crenças, a Igreja Católica medieval proibiu esses tipos de dança e a modernidade continuou o processo evolutivo apenas da dança recreativa (FARO, 2004; ELLMERICH, 1987).

A dança se faz presente na humanidade, sendo praticamente um marco de cultura, crença e participação da comunidade. Ela é considerada por estudiosos como manifestação artística e forma de comunicação que se faz a partir do próprio corpo humano nas suas interações com o meio. Ela também representa o “estado de espírito”, as emoções e expressões entre as pessoas, desenvolvendo habilidades de movimento e exercendo possibilidades de autoconhecimento.

Podemos ainda entender que a dança carrega em si um sentido de ancestralidade, que aqui é entendida como uma tradição, um legado vivido e significado nas experiências culturais humanas, ganhando sentido, expressões e representações a partir de cada cenário composto por diferentes realidades e, por isso, sua trajetória pode ser entendida, associada à própria trajetória da formação humana.

Para Voss (2013), a dança pode ser compreendida como o lugar em que está presente a relação corpo, cultura e arte, contribuindo para a compreensão do ser humano, para além da formação profissional. Segundo a autora, a dança se apresenta como atividade híbrida em si mesma, uma vez que é corporal, artística e cultural. E é dessa forma que ela deve ser discutida, nos espaços híbridos capazes de permitir a sua legitimação.

Sendo assim, pensar a dança como manifestação cultural de uma sociedade leva-nos a entender a importância de retratar ideias e interesses de toda uma época para melhor compreendê-la. Para Laban (1990), isto se alia à necessidade do ser humano de se mover e ultrapassar a sua essência, ou seja, transcender a sua existência, de forma positiva e significativa, no contexto da vida real.

Desse modo, refletir sobre a dança, mesmo que num contexto inicial, é perceber que ela também se desenvolveu e vem se desenvolvendo, como o próprio ser humano, em vários aspectos. Por isso, pensar a dança é pensar a própria ação do ser humano movendo-se no espaço e no tempo. Uma ação de constante mudança.

Para Ossona (1998), esta forma vai revelando, pela história, a mutação social e cultural, e a relação do ser humano com a paisagem, marco geográfico que lhe impõe distintos modos de vida, os quais serão destacados mais à frente neste estudo.

Viana (2014) aponta que, por meio da dança, percebe-se a expressão corporal como forma de se comunicar, encontrando influências culturais dos países

onde os ritmos são dançados e se originaram. É também desta forma que cada cultura transporta seus conteúdos às mais diferentes áreas. A dança absorve boa parte destas transferências, pois sempre foi de grande importância nas sociedades, ao longo dos tempos, seja como forma de expressão artística e cultural, como objeto de culto aos deuses, ou como entretenimento.

Oriunda de diferentes linguagens e paralelamente às histórias de vida de cada pessoa ou de grupos sociais, não podemos deixar de destacar que a dança pode oferecer ao profissional que lida com ela, bem como aos que apenas a experimentam como arte, uma amplitude de conhecimentos que vem ao encontro dos saberes existenciais, juntamente com características importantes que ultrapassam o tempo.

Portanto, o diálogo sobre dança neste estudo é traçado a partir da compreensão desta, como uma manifestação cultural e artística, que vai representar, em diferentes espaços e tempos, o ser humano em suas diferentes expressões de sentimentos e comunicação, carregadas de sentidos e significados que são e serão reproduzidos pelos diferentes sujeitos e seus grupos sociais.

Tais informações nos remetem a pensar a cidade do Salvador<sup>5</sup> e, seu envolvimento com a dança, já que a cidade, até o início do século XIX foi um importante centro político-social, econômico e cultural, justamente por ter sido a primeira capital da colônia portuguesa nas Américas, fato este que marcou profundamente a identidade da capital baiana (ROBATTO, 2012).

Para a referida autora, influências do Barroco português, o legado animista indígena e, sobretudo, o africano, propiciaram a cultura mestiça da Bahia e, conseqüentemente, sua vocação para a dança, expressa nas manifestações populares e sagradas presentes até os dias atuais. Vale dizer que a dança se tornou um grande atrativo para a indústria de diversão e entretenimento, movimentando as tradições culturais muito presentes na história, nos valores, nos hábitos e crenças da população soteropolitana.

Para Santos (1974), o país e a cidade de Salvador guardavam marcas e hierarquias arraigadas, numa sociedade que se reinventava no processo de transição entre os séculos XIX e XX.

---

<sup>5</sup> O termo “cidade do Salvador” aparecerá de maneira recorrente no texto e poderá, eventualmente, ser substituído por “Cidade da Bahia”, “capital baiana”, “cidade de Salvador” entre outros. A posteriori faremos um aprofundamento explicando detalhes sobre a cidade à que se debruça a análise deste trabalho, bem como do uso dos termos.

A inicial industrialização e tentativa de urbanização ocorridas entre os séculos XIX e XX, em diversas localidades, contribuíram para o começo do processo de mudanças da organização espacial das cidades e a relação entre as classes e grupos dentro da sociedade urbana. Essa nova construção espacial teve como consequência a segregação social e uma nova divisão funcional, conforme afirma Pinheiro (2011). Segundo a autora, isso aconteceu para atender aos novos ideais modernos e higiênicos, em decorrência do avanço científico, de novas tecnologias e de novas ideologias.

Para Santos (1974), a noção de modernidade se instalou sem haver, de fato, uma modernização dessas instâncias. O dito moderno construiu-se articulado a diferentes e distantes dimensões simbólicas, pois naquele momento pensavam transformar Salvador numa capital, como Rio de Janeiro e Paris<sup>6</sup>, ratificando o processo de europeização que acontecia em várias cidades brasileiras. Era modificado o cenário, no que tange a estrutura para lazer, práticas de sociabilidade e cultura, sem considerar aspectos específicos da estrutura local, o que certamente impactou na sociedade.

Sobre uma dimensão da modernidade, Kumar (1996) aponta que:

[...] extrai seu significado tanto do que nega como do que afirma. [...] a modernidade sente que o passado não tem lições para ela; seu impulso é constantemente em direção ao futuro. Ao contrário de outras sociedades, a sociedade moderna recebe bem e promove a novidade. É possível dizer que ela inventou a “tradição do novo” (p. 473).

Desse modo, compreendemos que em busca da reinvenção, do novo, muitas cidades modificaram sua estrutura urbana e com ela novos hábitos de vida foram criados, muitas vezes atendendo apenas a uma minoria da população, em particular a elite<sup>7</sup> urbana.

De acordo com Robatto (2012), a miscigenação cultural, que marcou a colonização das regiões brasileiras, está expressa, além da dança, também na diversidade de sons, ritmos e na culinária local. Para o Brasil, são imensas e, ainda

---

<sup>6</sup> A capital francesa tornou-se, ainda no século XIX, o principal modelo de cidade burguesa moderna. Desse modo, as principais reformas urbanas brasileiras até as primeiras décadas do século XX aconteceram tendo Paris como molde (PINHEIRO, 2011).

<sup>7</sup> Por elite consideramos a parcela da população que detinha poder político e/ou econômico. Não nos deteremos no debate deste conceito, tomando esta compreensão por base no andamento do texto.

hoje, incomensuráveis, as contribuições desses povos nas culturas existentes em várias cidades, sobretudo, em Salvador por ter sido a primeira capital do país, funcionando, por alguns anos, portanto, como porta de entrada para o Brasil.

Vale dizer que as expressões musicais, conseqüentemente as danças, mesmo sem ter o devido protagonismo registrado, estiveram associadas às festas populares desde o período colonial e provocou na população um “movimento dançante”, principalmente em Salvador, hoje considerada capital da dança, segundo Napolitano (2002).

Para Robatto (2012), este movimento ocupou um lugar privilegiado na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico cultural.

Considerando os aspectos apontados pelos autores citados, vale destacar que a vida social das pessoas que viviam na cidade do Salvador estava também representada na profusão de clubes e outros espaços criados especialmente para a prática da dança, muitos localizados na região central da cidade, inicialmente desprovidas de maior infraestrutura.

Para Ickes (2013), a criação dos clubes, e outros espaços, gerou um movimento que demarcava o poder da dança e dos bailes como fundamental elemento da vida social e amálgama do estabelecimento de relações comunitárias e valores sociais periféricos, já nas primeiras décadas do século XX.

Assim, ao nos determos ao estudo histórico e cultural da dança, buscamos analisar também o contexto em que esta manifestação apareceu e se destacou. Para tanto, procuramos analisar e identificar a dança a partir de seus atores e das influências culturais, considerando as que surgiram, permaneceram, desapareceram e/ou foram ressignificadas ao longo dos anos (1912-1935), bem como analisar o plano estratégico cultural previsto no projeto de modernidade da cidade de Salvador, nas primeiras décadas do século XX, conforme explicitados nos objetivos abaixo.

A partir dos dados iniciais expostos, reafirmamos que esta pesquisa tem como objeto de estudo a dança, compreendida como fenômeno cultural, presente nos clubes sociais da cidade do Salvador nas décadas de 1912 a 1935. Como problema de pesquisa temos o seguinte questionamento: de que maneira a dança presente nos clubes na cidade do Salvador, entre as décadas de 1912 e 1935, expressou as mudanças sociais e culturais advindas do processo de modernização?

Nesta conjuntura, o objetivo geral do estudo é analisar de que maneira o processo de modernização dialogou com a dança presente nos clubes sociais da cidade do Salvador. Como objetivos específicos, temos: mapear os clubes sociais em que a dança se fez presente à época, destacando seus aspectos históricos e suas principais características; identificar as manifestações culturais dançantes presentes nos diferentes clubes sociais da capital baiana no período de tempo estabelecido na pesquisa; discutir as relações entre as danças presentes nos diferentes clubes da cidade do Salvador e os aspectos culturais da população soteropolitana.

O recorte temporal da pesquisa compreende as primeiras décadas do século XX, mais particularmente o período entre 1912 e 1935. Este recorte se deu, inicialmente, por consideramos que desde o final do século XIX a cidade da Bahia era considerada um dos maiores centros urbanos do Brasil. Além de ser sede político-administrativa, segundo Santos (1982), era também a capital de um estado com características multirregionais e, nesse tempo específico, passou por significativos processos e tentativas de uma modernização. Já o ano de 1935 foi escolhido como delimitador final da investigação por ser um marco importante na agenda modernista baiana, com a realização da Semana de Urbanismo, promovendo à população outro espaço-tempo no que se refere à visão urbanística e às consequências dela.

Para além da escolha do recorte temporal, a realização desta investigação também se deu em virtude de algumas situações e acontecimentos que se relacionam mais diretamente à dança. Dentre esses, o fato de termos poucos registros literários que marque a presença da Dança e suas práticas na história da constituição do país. Enquanto professora de educação física que se apropria dos saberes relacionados à dança, sempre busquei referências que pudessem subsidiar minha prática pedagógica, no entanto, me deparei com muitas lacunas e passei a me questionar sobre o porquê da ausência de registros de práticas de dança no Brasil e, de maneira particular, em Salvador até meados do século XX. Será que pela falta de interesse de especialistas e estudiosos para com esta área e com este tempo histórico? Será que não tivemos manifestações dançantes consideradas relevantes até meados do século passado?

Silva (2012) salienta em seu estudo que, no Brasil, os artistas da Dança tiveram influência dos balés importados da Europa e da dança moderna americana.

Ainda assim, apesar destas referências, a ideia era consolidar as práticas das danças em todo o país e, por isso, buscaram estratégias de inserção e consolidação destas danças, cujas características sociais eram pouco valorizadas como expressões artísticas.

Para a escrita deste estudo foram muitas as buscas referentes à história da dança no Brasil que contemplassem a primeira metade do século XX. Dentre as referências utilizadas busquei respaldo teórico no diálogo de Robatto e Mascarenhas (2002), ambas precursoras da dança no estado da Bahia, ao referirem que, somente com a criação do curso de graduação em Dança na Universidade Federal da Bahia, na década de 1950, é que começou um investimento maior em nível de produção escrita. Ainda assim, durante muitos anos, estas estiveram vinculadas às experiências práticas. As autoras reforçam que os primeiros livros que chegaram à Bahia vieram trazidos pelos colonizadores, mas com base nas experiências e produções europeias. As publicações nesta área passaram a acontecer apenas em meados do século XX.

Tal situação corrobora com a realização do diagnóstico acerca das produções científicas, logo na fase inicial da pesquisa. Este esforço foi feito, inicialmente, acessando blogs e sites de grupos de pesquisas vinculados às instituições de ensino superior, e ao acervo digital dos cursos de pós-graduação das principais Instituições de Ensino Superior da região nordeste, particularmente nos cursos na área de Educação, História, Dança e Artes<sup>8</sup>. Isto por reconhecermos a existência de uma produção envolvendo as manifestações culturais da região, dentre elas a dança, uma vez que o nordeste do país é rico em suas vivências e valorizações culturais, conforme registros encontrados nos principais programas das referidas instituições.

Também foi feita uma busca através das plataformas digitais, em outras instituições de ensino superior que também têm em seus programas e grupos de pesquisas uma já consolidada tradição na área da dança<sup>9</sup>.

A partir desta busca inicial junto aos grupos de pesquisa e programas de pós-graduação, percebemos que a ausência de produções é ainda mais acentuada no que se refere à Bahia. Mesmo contando com muitas e qualificadas produções científicas acerca de seus elementos culturais, com destaque especial para

---

<sup>8</sup> Foram acessados os acervos de teses e dissertações dos cursos de Pós-graduação das seguintes instituições: UFBA, UNEB, UEFS, UFS, UFAL, UEPE, UFPE, UEPB, UFPB, UFRN e UFMA.

<sup>9</sup> UFRJ, UNICAMP, UFRGS e UFMG.



Salvador, pouco se tem sobre estudos históricos em dança no período tratado na pesquisa.

Vale ressaltar que estudar a dança também fortalece o processo histórico de formação da nossa sociedade, considerando as influências culturais herdadas de outros povos, bem como esclarece nossa base cultural, de formação identitária e, ainda, contribui para o fortalecimento da atividade como manifestação cultural no âmbito da Educação, Educação Física, História, da própria Dança e das Artes.

A relevância da pesquisa também está em contribuir para a consolidação de estudos que pretendem discutir a dança na sua perspectiva histórica, a partir do processo de modernização da cidade do Salvador. Uma vez que, apesar do reconhecimento desta prática como elemento importante para forjar um modelo de “homem” no conjunto de mudanças relacionadas ao projeto de estado/cidade idealizado no período histórico referido (1912 a 1935), poucos estudos voltam-se à temática na cidade de Salvador.

Além dos aspectos já pontuados que também ratificam a importância da realização do estudo, não podemos deixar de refletir, mesmo que de maneira breve neste momento do texto, sobre a conjuntura política e econômica vigente no período estudado. Sobretudo, por compreendermos que os interesses da elite soteropolitana<sup>10</sup> em transformar a capital baiana numa cidade moderna e civilizada, pode, muitas vezes, se sobrepor as condições urbanas à época, assim como aos aspectos socioculturais da população.

Desse modo, é importante salientar que, nas duas primeiras décadas do século XX, Salvador vivia um quadro político e econômico de incertezas (FREIRE, 2020), dado o momento de transição entre o período do Brasil Império para o Brasil República. Havia no país, naquele momento, um contraste entre a fase de prestígio vivida, e a fase de decadência do setor econômico dada a transição do período (RISÉRIO, 2014; LEITE; ROCHA JUNIOR; SANTOS, 2010).

A Revolução de 1930, de acordo com Risério (2014), marcou fortemente a Bahia e, embora o comércio baiano estivesse voltado para a exportação de cacau – produto este que se tornou uma das maiores produções do estado, além do açúcar e fumo – a concorrência nacional e internacional proporcionou uma oscilação no setor de exportação.

---

<sup>10</sup> O termo utilizado aparecerá em outros momentos do texto e se refere à população residente na cidade do Salvador. Portanto, não necessariamente aos que nasciam na capital baiana.

Em meio às incertezas do momento, Santos (1982) reforça em seus estudos, que além de ser sede político-administrativa, Salvador era também a capital de um estado com importantes características multirregionais que, nesse período passou por significativos processos e tentativas de alcançar a modernidade.

Para o autor, a Bahia tinha uma produção diversificada de produtos tropicais, que colocavam o estado numa estrutura capitalista internacional. Estas características do estado o deixavam numa condição importante junto ao mercado mundial, seja para o intercâmbio comercial, seja para investimentos de capitais estrangeiros.

De acordo com Menezes (2002), o Porto de Salvador, o terceiro mais movimentado do país, depois dos Portos do Rio de Janeiro e Santos (São Paulo), alimentava o fluxo de importações e estimulava o crescimento do comércio em todos os níveis e ramos. Logo, diante do crescimento do comércio interno por parte dos comerciantes locais, bem como dos estrangeiros, houve, segundo Santos (1982), uma pressão cobrando a expansão física da cidade e de sua modernização urbanística.

Diante da necessidade de modificações em virtude das realidades políticas e econômicas do país, foram instaladas no Brasil distintas iniciativas de construção presentes em vários projetos de modernidade (ROCHA JUNIOR, 2011). De acordo com o autor, uma das iniciativas implicava na reorganização urbana destas capitais.

Assim, a capital baiana foi mudando suas estruturas para atender ao ideário de cidade modernizada. Tentavam apagar os vestígios coloniais e escravistas, em busca de uma cidade livre, republicana e moderna. Segundo Nascimento e Silva (2000), foi no governo de José Joaquim Seabra, conhecido como J. J. Seabra (1912-1916), que Salvador iniciou seu processo de transformação urbanística e, dessa forma, foram abertas ruas, avenidas e praças, além de serem implantados serviços de canalização de águas, esgotos, eletrificação e telefonia. Introduziram novos veículos, como o automóvel e o bonde elétrico.

Estes dois autores afirmam ainda que essa reorganização da cidade impactou positivamente na ampliação do comércio interno, pois cada vez mais suscitava a expansão física da cidade, uma vez que grande parte da elite cultural da época, que ocupava a parte central da cidade (Pelourinho), já havia migrado para a região das praias, pois as casas não satisfaziam mais às necessidades da era que se iniciava. Os padrões arquitetônicos tornaram-se obsoletos. O comércio foi deslocado para a

parte mais central da cidade, concentrando por lá comerciantes e investidores financeiros. A urbanização desta área da cidade teve como consequência o alargamento de ruas e avenidas e um maior apoio e investimento financeiro aos clubes sociais e recreativos da época.

Logo, a remodelação do centro de Salvador emergiu, num maior grau, de intenções particulares das ideias apresentadas pelas classes dominantes. Evidentemente, vários segmentos da sociedade foram identificados naquela área da cidade que deixou de receber tantas modelações a partir da década de 1930.

Para Ickes (2013), a significação dos locais de trabalho, moradia e lazer, onde se inclui a dança, para os segmentos “elites e populares” sugere ter pertencimento às mais diversas manifestações dos habitantes e visitantes da cidade, já que se originaram a partir de imagens socialmente construídas. Desse modo, o autor afirma que a concepção do centro urbano, para os sujeitos sociais que vivenciaram as manifestações, estava ligada certamente a todos. Porém, as notícias dos periódicos das décadas de 1920 e 1930 conduziam o leitor a aceitar aquele espaço restrito para o gozo de poucos na sociedade. A participação ativa daqueles que foram negligenciados pela tentativa de dominação cultural era uma questão não resolvida.

Ainda, no período entre 1912 e 1935, existiram duas fases importantes no que tange a presença dos clubes da época: o auge e a decadência, respectivamente, em virtude de grandes investimentos estrangeiros e da crise econômica que tomou conta do país, o que fez com que grandes clubes fechassem suas portas abrindo espaço para pequenos clubes.

Com isso, de acordo com Santos (1974), houve mudanças no perfil de associados que, naquele momento, eram empresários, grandes comerciantes locais e estrangeiros, assim como também políticos, e que passou a ter a classe trabalhadora como seus principais associados. Houve proibição de determinados tipos de dança, surgimento de outros etc. A elite tentava manter a influência das danças com características europeias (em declínio), e os populares viviam as experiências das danças negras, sem que, no entanto, um estrato não tivesse deixado de experimentar, ou ao menos querer, práticas diferentes de dança. Tal situação atingiu o cenário sociocultural e conseqüentemente interferiu nas manifestações de dança à época, o que também fortaleceu a delimitação temporal da pesquisa.

Quanto aos aspectos metodológicos, salientamos que a natureza desta pesquisa é qualitativa, pois discorre sobre aspectos sociais e subjetivos dos sujeitos (MANAYO, 2011), aplicando-se também ao estudo da história, das relações, das representações e interpretações que as pessoas fazem a respeito de seus modos de ser, viver, sentir e pensar (MINAYO, 2007). Seguindo o pensamento de Triviños (1987), ela é compreendida como qualitativa pela possibilidade de analisar a interferência do fenômeno num determinado contexto.

A pesquisa é histórica e neste sentido, faz-se necessário ressaltar que os estudos nesta linha permitem conhecer e refletir acerca de um fenômeno, considerando como base o domínio de conceitos e hipóteses, da compreensão das relações da História com o Tempo, com a Memória ou com o Espaço.

Para isso é relevante destacar alguns aspectos de cunho metodológico que fortalecem o entendimento acerca das características da pesquisa. Assim sendo, destacamos, inicialmente, que o pesquisador - historiador - tem alguns papéis importantes, dentre eles a “escolha”. Para Bloch (2001), selecionar as ferramentas, como métodos e teorias, assim como selecionar os recortes temporais, geográficos e documentais são determinantes, junto à trajetória do pesquisador, para os resultados da pesquisa. Quanto ao tempo, este é considerado na pesquisa histórica como um fator essencial para a compreensão dos fenômenos estudados.

Outro papel considerado importante é a compreensão de seu objeto de estudo, uma vez que, para Bloch (2001), o conhecimento acerca das causas, consequências, construção, percepção relacionados ao objeto estudado contribui para que a pesquisa seja exitosa.

Esta modalidade de pesquisa também pode ser tratada a partir do entrelaçamento de diversos atores do cotidiano, na busca da aproximação do vivido, “[...] não lidando apenas com a sequência dos acontecimentos e das intenções conscientes dos atores nesses acontecimentos, mas também com as estruturas – instituições, modos de pensar [...]” (BURKE, 1992, p.37).

Os estudos na área de História vêm tomando um novo rumo nos últimos anos, no qual o recurso às imagens, aos textos e às ações passou a ter um lugar de destaque no entendimento e interpretação do passado.

Podemos dizer que esta é uma nova forma de perceber a História. Neste sentido, o pesquisador pode se instrumentalizar com os achados, conceitos e categorias que suportam informações capazes de reconstituir os processos

efetivamente vividos. Este é um dos pontos em que se evidencia o interesse histórico pelo estudo que busca olhar para as práticas da dança enquanto fenômeno cultural nos clubes de Salvador (1912 a 1935).

Para o desenvolvimento desta pesquisa optamos pela perspectiva da Nova História, centralmente a História Cultural<sup>11</sup>, pois elas se encaixam na visão ontológica que possuímos do fazer científico. A História Cultural, dentre outros aspectos importantes, tem um enfoque totalizado do objeto de investigação, na busca não só da aparência, mas de todo desenrolar do objeto investigado, pretendendo conhecer e compreender a realidade como práxis (MELO JÚNIOR, 2015).

No diálogo com a História Cultural, Barros (2011, p. 41) aponta a seguinte compreensão:

Dialogar com a História Cultural é considerar que a própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social embasam uma noção mais ampla de Cultura. ‘Comunicar’ é produzir Cultura, [...] sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu ‘modo de vida’.

A Nova História Cultural, além de ampliar os horizontes de diálogos da história para com outras áreas, como a sociologia, antropologia, psicologia, passa a enxergar novos objetos de pesquisa, novas fontes, novas formas de se fazer história (BURKE, 1992).

Autores, como Pesavento (2005), afirmam que a proposta da História Cultural leva a compreensão da realidade do passado através de suas representações, pois, seja através dos discursos ou das relações imagéticas, os homens podem expressar a si próprios e ao mundo. A autora dialoga em seus estudos com o aspecto do Imaginário. Logo, entende-se “por imaginário um sistema de ideias e imagens de representações coletivas que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (PESAVENTO, 2005, p. 43).

Mas no campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo

---

<sup>11</sup> A História cultural tornou-se nossa maior referência e, por conseguinte, base para nossa pesquisa, em virtude do próprio objeto de estudo, a dança como fenômeno cultural, embora reconheçamos que a História social também está relacionada às questões aqui apresentadas, apesar das suas grandes contribuições no âmbito das discussões política, historiográfica e metodológica sobre o universo da cultura centrada nos sujeitos históricos e em sua diversidade, enfocando os confrontos culturais presentes em diferentes espaços e práticas sociais.

fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas (PESAVENTO, 2005, p. 51).

Para a compreensão do significado de representações partiremos dos estudos de Chartier, cujo significado diz respeito ao:

[...] trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais 'representantes' (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuada existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 2002, p. 73).

Logo, as representações apresentadas por Chartier (2002) são percebidas por práticas que se moldam a um determinado espaço e são construídas a partir de um ideal coletivo ou individual. Para tanto, são estas práticas, coletivas ou individuais, que contribuem para a formação das identidades sociais, estas resultantes das relações de forças que são impostas por quem tem o poder de classificar, nomear e definir padrões, normas, modelos sociais, educacionais, políticos e culturais.

Partindo de entendimento de Barros (2011) acerca das noções complementares de "práticas e representações", percebemos que têm sido relevantes para os historiadores culturais, uma vez que através delas pode-se investigar tanto os objetos culturais, como também os processos que envolvem a produção e a difusão cultural, os sistemas que dão suporte aos processos e sujeitos, e as normas as quais se encontram as sociedades através da consolidação de seus costumes. Segundo Barros:

'Práticas' e 'representações' são ainda noções que estão sendo elaboradas no campo da História Cultural. Mas, tal como já ressaltamos, elas têm possibilitado novas perspectivas para o estudo historiográfico da Cultura, porque juntas permitem abarcar um conjunto maior de fenômenos culturais, além de chamarem atenção para o dinamismo desses fenômenos (2011, p. 52).

Chartier (1990) afirma que de acordo com este horizonte teórico, a cultura pode ser compreendida através da noção interativa entre práticas e representações. Para tanto, de acordo com Barros (2005), são consideradas práticas culturais não apenas um elemento artístico ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como os homens falam e se calam, comem e bebem, conversam ou discutem. Para este estudo, em particular, a noção de práticas culturais se estabelecerá no modo como, numa dada sociedade, num determinado tempo e espaço, homens e mulheres dialogaram com a dança.

E a dança, neste contexto, será um produto histórico da ação humana. Para Britto (2008), ao dançar, homens e mulheres constroem uma dança com características próprias, porém essas características serão relativas aos acontecimentos em cada circunstância histórica e a forma como o corpo dançante desenvolve para estabelecer suas correlações com o mundo, conseqüentemente com outros corpos, outras danças, outros acontecimentos.

Esta realidade para Melo Júnior (2015) não apenas amplia os horizontes da pesquisa histórica, dando legitimidade a temáticas que, até então, eram marginalizadas, ou inexistentes, assim como também apresenta este novo quadro conceitual e metodológico imerso no conjunto de reflexões da Nova História Cultural e delinea um campo de investigação ao redor das práticas corporais, colocando a dança num outro lugar da história, dando legitimidade às pesquisas na área. É nessa conjuntura teórico-metodológica que desenvolvemos o estudo em torno da Dança na cidade de Salvador entre as décadas de 1912 e 1935.

Dessa maneira, situamos o objeto de estudo em um tempo e espaço com características peculiares ao seu momento histórico, pois o ofício do historiador começa pela análise do tempo, privilegiando o entendimento da duração dos fenômenos e da herança que atravessa as gerações (ALMEIDA, 2017).

Vale ressaltar que a Nova História Cultural inova acerca do tipo de fontes utilizadas como instrumento de pesquisa. Diferentemente da História Tradicional, na qual apenas os documentos oficiais são considerados, a Nova História Cultural desestabiliza este conceito e traz os materiais que relatam o cotidiano para o contexto da pesquisa, como: artefatos arqueológicos, construções arquitetônicas, manifestações culturais, testemunhos, filmes, revistas, fotografias, jornais.

Desde então se passou a adotar uma perspectiva mais ampla do que se deve considerar como documento, não somente no que diz respeito ao seu uso pelo investigador, mas também para efeitos de conservação. Assim, de acordo com Bellotto (1984) o documento também pode ser entendido como qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. Deste modo, o livro, o artigo de jornal ou revista, o relatório, o processo, o dossiê, a correspondência, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc. Enfim, tudo que seja produzido por razões funcionais, jurídicas, científicas, culturais ou artísticas pela atividade humana.

Neste sentido, a partir das leituras e observações dos estudos históricos que vêm sendo publicados ao longo do tempo, com os resultados de pesquisas científicas sobre os mais variados temas que permitem o olhar histórico, verificamos que estes estudos apresentam na descrição metodológica a opção pelo método, técnica ou fontes utilizadas. Esta descrição normalmente é definida pelo objeto de estudo que está sendo investigado, pelo recorte histórico selecionado, ou outros aspectos que possibilitem ao pesquisador ter um olhar mais profundo, concreto e crítico sobre este objeto.

Para iniciar uma pesquisa documental, na perspectiva histórica, é imprescindível que o historiador se aproprie dos locais onde pode encontrar os materiais de análise, e as fontes que são importantes para responder à hipótese e ao método do estudo em pauta e, além disso, se essas fontes são confrontáveis e comparáveis (PADILHA et al, 2017, p. 07).

A partir da colocação de Padilha e colaboradores, é importante esclarecer que, atualmente, as pesquisas realizadas com a perspectiva histórica podem contar com o avanço da comunicação e, conseqüentemente, das novas tecnologias, o que têm ampliado bastante as fontes de pesquisa. Sendo assim, além de documentos oficiais, outros elementos também podem ser considerados fontes, como cartas, diários, fotografias, relações pessoais, trabalhos artísticos, dentre outros.

O contato com as fontes aconteceu em dois formatos, através de periódicos impressos e digitalizados. No ano de 2019, frequentamos o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Nele buscamos fontes impressas que trouxessem textos e imagens como registros dos clubes sociais à época da pesquisa (1912 – 1935), e, por conseqüência, as danças neles registradas.



Dentre os periódicos apresentados e em diálogo com meu orientador, lidamos com todos que nos apareceram. Realizamos uma análise minuciosa acerca das informações textuais e das fotografias registradas. Estes registros foram selecionados a partir de palavras-chave ou categorias de publicação, como clubes sociais, clubes recreativos, dança, manifestações dançantes, festas, festejos, festividades, lazer, diversão e divertimento. A única ressalva feita é que tivessem relação com a capital baiana. É importante salientar que, naquele momento, os jornais não apresentavam uma organização recorrente de suas publicações por colunas, como é atualmente.

O ano de 2020 foi destinado à continuação da análise das fontes. No entanto, em virtude do início da pandemia do Coronavírus (SARS-CoV-2) e da necessidade de cumprimento dos protocolos sanitários, o IGHB foi fechado, assim como as demais repartições públicas no estado da Bahia. Desse modo, a pesquisa ganhou outras fontes em formato digital. Passamos, então, a acessar os arquivos digitais da Biblioteca Nacional (BN digital).

No campo da Hemeroteca Digital, buscamos os periódicos digitalizados que estiveram em circulação na cidade de Salvador, ou no estado da Bahia entre os anos de 1912 e 1935. Já no campo da Brasileira Fotográfica, considerando o mesmo período, buscamos fotografias que registrassem as danças e os clubes sociais na capital baiana.

Logo, considerando as especificidades no formato digital da BN, ao usarmos os descritores/palavras-chave *club*, *clubs*, *clubes*, *danza*, *dansa*, *dança*, *festas*, *festividades*, *lazer*, foram encontrados os seguintes periódicos em circulação à época: A Notícia, Gazeta de Notícias, Bahia Ilustrada, A Hora, Revista do Brasil (BA), Correio de Porto Seguro, O Combate, A Capital, A Manhã – Diário de Notícias, Etc (BA), Única, A Flor, A vida Moderna, Correio do Povo, O Imperial, Bahia Tradicional e Moderna.

É importante ressaltar que, ao digitar os descritores/palavras-chave em busca das fontes, em alguns momentos mantivemos as palavras digitalizadas com a grafia utilizada à época, como os termos *dansa/danza* e *club*, com o objetivo de aumentar nossas possibilidades de acesso a diferentes fontes, o que nos foi favorável. Ao final da análise registramos um pouco mais de 4.000 ocorrências pesquisadas de forma minuciosa e atenta. O formato digital exige de nós pesquisadores uma leitura dos textos e das imagens de maneira mais atenta, o que tornou, juntamente com o uso

da tela do notebook, o trabalho ainda mais delicado e exaustivo, em virtude da quantidade de horas numa posição anatômica desfavorável e o brilho/luz da tela afetando diretamente à saúde dos olhos.

De acordo com a compreensão apontada pela Nova História Cultural (NHC), cada periódico foi analisado de maneira atenta às representações que as danças eram destacadas e narradas nos clubes à época, visto que a grande maioria dos jornais pesquisados pertencia a determinados grupos políticos e, por consequência, reproduzia os anseios de seus dirigentes. Conforme aponta Almeida (2017), nas pesquisas históricas é comum encontrarmos registros que nos deixem em dúvida quanto ao tratamento dos fatos, pois aos serem registrados muitas vezes são alterados por interesses sociais e/ou políticos tentando representar um modelo desejado na época. Por isso a necessidade de ampliarmos o cuidado na análise dos registros.

O Jornal A Tarde, por exemplo, logo quando inaugurado (1912) apoiou o governo de J. J. Seabra, pela necessidade de cobrir os acontecimentos do respectivo governo. No entanto, o grupo era representado pelos líderes oligarcas Otávio Mangabeira, Miguel Calmon e Rui Barbosa, que se uniram formando o Partido Republicano da Bahia (PRB) e logo passaram a fazer oposição a J. J. Seabra.

Diante destas colocações, consideramos relevante esclarecer que dentre os jornais pesquisados, encontramos distintas formas de narrar as notícias. No entanto, a grande maioria mostrava representar a elite econômica e intelectual à época, e por isso, muitas notícias demonstravam os interesses desta elite urbana, sobretudo na busca pelo ideário de modernidade, como o Jornal A Tarde, por exemplo. Outros estavam vinculados a grupos independentes, o que justifica o pouco tempo de circulação, como os Jornais A Flor e A Capital.

Ferreira (2002) destaca em seus estudos que a imprensa usava de suas próprias “armas” para noticiar o que era de seu interesse e da forma que lhes era conveniente, muitas vezes provocando interpretações indesejáveis e, até mesmo, divulgando notícias falsas com a finalidade de enfraquecer politicamente seus adversários.

Ao nos debruçarmos sobre as fontes, a análise dos dados coletados e os registros imagéticos obtidos permitiram uma escrita sobre a realidade apresentada nos referidos jornais que, seguindo a leitura de Pesavento sobre a História Cultural,

novos olhares foram permitidos a partir da representação como construção da realidade elaborada pelos sujeitos para dar sentido ao mundo. Para a autora “as representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos sociais” (PESAVENTO, 2014, p. 41).

Desse modo, na tentativa de despertar novos olhares a partir da realidade apresentada em cada periódico analisado, todas as manifestações e características que estiveram relacionadas aos eventos cotidianos da vida urbana, e que configuraram particularmente o viver em sociedade na capital baiana, entre os anos de 1912 e 1935, foram considerados, sobretudo quando estiveram relacionados aos clubes sociais à época.

O estudo compreende mais três capítulos e as considerações finais acerca da investigação realizada, que estão organizados da seguinte forma: no capítulo dois dialogamos inicialmente sobre a modernização das cidades brasileiras, apresentando os motivos que levaram as principais capitais à reestruturação de várias ordens, principalmente, a urbana, em busca de se tornarem modernas e civilizadas. Neste mesmo contexto focamos o olhar para a cidade de Salvador, lócus da nossa pesquisa, que, assim como outras grandes capitais da época pesquisada, passou por grandes modificações para atender ao ideário de modernidade tão desejado pela elite urbana.

Neste mesmo capítulo, provocamos uma reflexão acerca das mudanças estruturais que a cidade sofreu em busca de se tornar moderna e, por consequência, como estas modificações afetaram os clubes, que foram os espaços onde, a princípio, aconteceram estas manifestações dançantes.

No capítulo três, apresentamos algumas concepções e características dos clubes sociais a partir do diálogo com autores considerados importantes referências para com a temática. Nele também são apresentados os clubes sociais encontrados nos periódicos investigados, conseqüentemente suas características e os dados analisados quanto a alguns elementos envolvendo as danças.

Já no capítulo quatro, a dança entra em cena. Nele aprofundamos alguns elementos estruturantes no tocante aos aspectos históricos e a sua importância no que se refere aos elementos culturais de uma sociedade. No decorrer da escrita são apresentados os tipos de dança presentes nos clubes sociais de Salvador entre os

anos de 1912 e 1935, assim como algumas manifestações culturais dançantes que foram relevantes para a população da cidade e que, certamente, marcaram a época.

## 2 MODERNIZAÇÃO DAS CIDADES BRASILEIRAS

O entendimento acerca do processo de evolução urbana das cidades brasileiras nos leva à compreensão não apenas das mudanças estruturais ocorridas em muitas capitais, mas também das mudanças nos aspectos socioculturais da população, nos seus modos de vida durante as primeiras décadas do século XX, sobretudo, na primeira capital do país, lócus desta pesquisa.

Todavia, para compreender o contexto das cidades brasileiras no que se refere à modernização, entendemos a importância de ressaltar que, durante todo o século XIX e início do século XX, em todo o mundo, houve necessidade de reformas urbanas para adaptar as cidades as novas realidades em detrimento da Revolução Industrial na Europa.

Para tanto, cabe salientarmos que a Revolução Industrial resultou de desafios e oportunidades criados pela economia global, no processo de transição entre o capitalismo comercial e o capitalismo industrial que, apesar de ter se iniciado na Inglaterra e de ter se expandido pela Europa, impactou todo o mundo. Assim sendo, para Marx e Engels (1998), o capitalismo é de todo revolucionário, sobretudo diante do entendimento de que, a partir dele, além das mudanças em vários setores, as transformações sociais e suas relações existentes foram diretamente impactadas com a Revolução Industrial.

A Inglaterra, com sua indústria têxtil, mais particularmente no setor de lãs, liderou a Revolução entre os séculos XVI e XVII, e a medida que se expandiu no setor, adentrou o século XVIII dando origem ao comércio intercontinental nas Américas e também na Índia (LIMA; OLIVEIRA NETO, 2017). Além das mudanças nos equipamentos provenientes do avanço da tecnologia, à medida que a Revolução crescia e se fortalecia, surgiam também novas formas de organização industrial.

Todo esse processo de industrialização resultou na necessidade de modernização das cidades para atender as demandas que foram surgindo, como o próprio inchaço dessas cidades, também o aumento da mão de obra urbana em busca de empregos nas indústrias, a necessidade de rever a organização desses locais, portanto, demandando outras transformações de cunho espacial.

Dessa forma, várias cidades espalhadas ao longo do mundo, foram aderindo aos novos projetos de urbanização, por isso a necessidade das reformas para acompanhar as demandas desses novos tempos. No entanto, o processo de

industrialização não é favorável a todas as esferas. Ao mesmo tempo em que promoveu o progresso, permitindo, inclusive, melhores condições de vida para uma parte da população, acabou também por contribuir com o crescimento das desigualdades sociais e econômicas, promovendo diferenças gritantes entre ricos e pobres, conseqüentemente demarcando a separação de classes, que antagonicamente passaram a ser reconhecidas como burguesia e proletariado.

Diante da compreensão da necessidade de reformas urbanas, como uma das conseqüências da modernização, citaremos neste estudo a reforma de Paris, pois entendemos que é uma das principais reformas realizadas que simbolizou esse movimento modernizador. Também, foi para o Brasil a maior referência de mudanças para atender as necessidades de uma cidade moderna, principalmente para a cidade do Rio de Janeiro, que teve muitos pontos de mudanças semelhantes, inspirando, inclusive, a reforma urbana na cidade do Salvador, que discutiremos mais adiante no texto.

A compreensão dessas transformações em Paris, nos ajuda a pensar nossos próprios casos. Assim, durante o período do Segundo Império (1852 – 1870), sob o governo de Napoleão III, o então Georges-Eugène Haussmann, mais conhecido historicamente como o Barão Haussmann, realizou uma grande reforma na cidade de Paris, a fim de expandir toda a área urbana, adequando a cidade ao pensamento urbanístico moderno, gerando um novo movimento sociocultural na cidade e, conseqüentemente, novos modos de vida da população (PINHEIRO, 2011).

Para os países latino-americanos, a principal referência cultural no final do século XIX e início do século XX foi a França. A capital francesa, Paris, tornou-se para a elite brasileira e seus governantes, o melhor exemplo de civilidade, referência. A isto, Ortiz (1991) vai chamar de “modernidade localizada”, uma vez que, naquele momento, eram poucos os países no mundo considerados desenvolvidos, mas alguns já atendiam aos anseios de reestruturação urbana em virtude da Revolução Industrial, com diferentes projetos de modernidade transformando suas cidades.

Para Benjamin (2000), essa transformação denota a ambigüidade presente na modernidade, ou mesmo, demarca a presença da contradição. Ao mesmo tempo em que foi possível perceber claramente a evolução urbana, a chegada e exploração dos elementos técnicos, percebia-se também a necessidade do homem se

ressignificar diante de tantas mudanças, haja vista que as transformações provocarão o surgimento de novos estilos de vida.

Desse modo, pensar a evolução urbana das cidades, suscita pensarmos o ambiente urbano modificado para receber uma grande quantidade de circulação de pessoas, de automóveis, de mercadorias, por exemplo, mas que também pode se tornar um espaço privilegiado de vivências sociais (MELO; PERES, 2005).

Consideramos importante relatar que, ao discutirmos a temática da urbanização das cidades, Paris se destaca, não porque foi a única a aderir a um padrão de modernização reestruturando os espaços da cidade e, por isso, foi considerada “modelo de modernidade”, mas porque foi a primeira a se adaptar às necessidades econômicas e sociais de um novo tempo, assim como a primeira a atender as demandas da sociedade burguesa. Mas outras cidades europeias também aderiram à modernização, conforma afirma Pinheiro (2011).

Intervenções radicais na estrutura urbana não são exclusividade de Paris. Muitas grandes cidades passam por intervenções em busca de modernização, abrem grandes eixos, largas avenidas e destroem quarteirões insalubres no centro. Mas são os trabalhos de Haussmann, em Paris, os que simbolizam esse tipo de ação, pelo fato de as obras impressionarem tanto pela grandeza dos trabalhos executados como pela rapidez com que são feitos (PINHEIRO, 2011, p. 82).

Desse modo, é possível inferir que as intervenções realizadas pelo Barão Haussmann mudaram a forma de pensar a cidade e a rua, o principal elemento diante das reformas, e a sua composição após a reforma difere totalmente do que era no século XVIII. De acordo com o estudo de Pinheiro (2011) o espaço foi ocupado de maneira diferente do passado. Nas ruas e calçadas era possível encontrar cafés, restaurantes e outros serviços que passaram a ocupar, a transformar a vida das pessoas, permitindo-lhes mais sociabilidade e divertimento, por exemplo.

O que aconteceu em Paris pode ser observado em outras cidades. Um movimento de mudanças considerado importante para a chegada de novos tempos. Todavia, não podemos deixar de refletir que as mudanças estruturais atingiram também outros espaços nas cidades e os bairros. Diversos locais das cidades foram

reestruturados, ganhando funções mistas, ora residenciais, ora comerciais, dando sentidos múltiplos no que se referem aos aspectos socioculturais.

Analisando estas mudanças e suas consequências para a população, não podemos deixar de relatar que nem sempre conseguimos identificar benefícios de uma reestruturação urbana para toda a população. Tal fato contribuiu em Paris, por exemplo, para a formação de um espaço específico para a burguesia, agravando a segregação social, deixando de lado, muitas vezes, a população considerada indesejada. Acontecendo de forma semelhante no Rio de Janeiro (MELO; PERES, 2005), assim como também na cidade do Salvador.

Neste sentido, Pinheiro (2011), ao analisar as mudanças em Paris após a reforma urbana de Haussmann, quando este tornou a capital parisiense esteticamente harmônica quanto à estruturação das ruas, dos jardins e dos imóveis, criando, portanto, uma cidade coerente com as ideias burguesas, afirma também que “todo esse movimento tem um outro lado. A cultura popular é excluída dos novos espaços: os teatros populares são demolidos, e os pobres perdem seus espaços de lazer” (PINHEIRO, 2011, p. 82). Tal condição também é percebida no Brasil, conforme relata Melo e Peres num estudo comparativo entre Paris e Rio de Janeiro no tocante aos aspectos culturais e de lazer no processo de transição entre os séculos XIX e XX.

Por mais que se tentasse controlar os espaços públicos e gerar “diversões adequadas” aos intuitos da reforma em vigor (garantindo uma determinada “imagem”), esse projeto não era de todo coerente, homogêneo, unidimensional, monolítico; nem seguido exatamente pelo grande cômputo da população. Observava-se um processo de tensão de adequação e resistência que vai prosseguir por toda a modernidade (MELO; PERES, 2005, p. 80).

Estes mesmos autores fazem referência à contradição e ambiguidade presente na modernidade, exposta na reforma de Haussmann, como também na reforma realizada pelo então prefeito Pereira Passos, no Rio de Janeiro, quando do não ordenamento das atividades públicas de caráter cultural, esportivo e de lazer no Rio de Janeiro. Atividades como o remo e os bailes no Teatro Municipal eram consideradas “práticas corretas” para um país que aspirava ser moderno, no entanto, tais práticas não substituíam, tão pouco concorriam com as brigas de galo, a capoeira, o samba de roda e nem a presença dos lundus e jongos nas festas carnavalescas, práticas que destoavam da compreensão de moderno.



A partir deste momento, tentaremos aprofundar nossa discussão com a intenção de entendermos como a necessidade de reforma urbana, oriunda do avanço da modernização, chegou às cidades brasileiras e as consequências dessas reformas, principalmente, nos aspectos socioculturais da população brasileira, considerando a experiência Haussmaniana em Paris.

Entre o final de século XIX e meados do século XX, o Rio de Janeiro se tornou a primeira capital brasileira a passar por uma transformação urbanística mais radical, notadamente entre os anos de 1902 e 1906. O intuito era que, através de sua nova aparência, pudesse se mostrar moderna e civilizada. Logo em seguida, outras cidades foram aderindo à modernização, adotando a novos planos urbanísticos, como São Paulo, Manaus, Porto Alegre e Salvador (PEREIRA, 2011). Aos poucos, muitas cidades foram substituindo suas paisagens coloniais por estruturas mais modernas.

Neste sentido, para os países latinos, as modificações, as ideias, bem como as intervenções consideradas revolucionárias introduzidas na França contribuíram para o desenvolvimento do capitalismo. Aos poucos, a revolução industrial foi se instalando e com ela o desenvolvimento das tecnologias e a formação social foram se estabelecendo. Para Ortiz (1991), todas essas questões ocorridas durante o século XIX contribuíram para o aprimoramento dos elementos técnicos que, com a virada do século, se tornaram um prolongamento da ciência, elemento estruturante da modernidade, por certo, da promoção de mudanças culturais.

Esses acontecimentos marcaram um novo cenário para as capitais brasileiras. As cidades assumiram uma necessidade de mudanças para acompanhar as transformações tecnológicas. Dentre estas mudanças, o que aconteceu com a estrutura urbana, bem como com seus elementos culturais, tendeu a criar uma forma de pensar e viver o espaço/tempo destas cidades.

Ao que podemos chamar de avanço, estas transformações tecnológicas contribuíram para o desenvolvimento de um modo de vida social bastante acelerado. As mercadorias e os objetos passaram a circular com mais facilidade e rapidez. Os meios de transporte foram redimensionados com a chegada da energia elétrica, os bondes, por exemplo, deixaram de funcionar por tração animal, passando a atender uma maior quantidade de pessoas, deslocando-se a lugares mais distantes. As cidades também passaram a ter mais iluminação, tanto nas residências, como nos espaços públicos. Tudo isto teve impactos diversos, como melhoria na segurança, o

que foi muito importante, principalmente na parte comercial de várias cidades, além do conforto e a garantia de uma maior e melhor sociabilidade entre as pessoas.

No final do século XIX, o impacto das mudanças oriundas do processo de modernização das cidades fez surgir a necessidade de ampliar a circulação de pessoas e veículos exigindo que os espaços das cidades fossem reestruturados. A partir de então, tivemos cidades “modernas e civilizadas”, onde suas principais características estavam pautadas na fluidez, na higiene, bem como nos elementos estéticos (PEREIRA, 2011).

Apesar da virada do século ter tido uma perspectiva de mudanças, sobretudo pelo novo regime político assumido, a República, nas primeiras décadas do século XX, o país, em grande parte, ainda estava preso a um passado aristocrático, no tocante a estrutura urbana e aos aspectos socioculturais que marcaram o período.

Essas mudanças foram consequências da modernidade, que para Salvador, de acordo com Santos (1994), chega de maneira tardia. Diferentemente de alguns países europeus e latino americanos.

Ainda sobre o processo de modernização e modernidade, cabe dizer algumas palavras que possam esclarecer a diferença entre os conceitos, haja vista a aproximação semântica dos termos. Lechner (1990) distingue modernização e modernidade, caracterizando a primeira como sendo o desenvolvimento da racionalidade instrumental. Já a modernidade é compreendida por ele como a racionalidade normativa. O que para o autor, ao longo de sua discussão, aponta que a modernidade leva a autodeterminação política e a autonomia moral, já a modernização leva ao controle dos processos sociais e naturais, conforme destacado.

A modernização é um processo socialmente valorizado porquanto implica uma reflexão normativa que remete a exclusão presente a uma integração social futura. Vale dizer, a dinâmica da modernização se apoia, definitivamente, numa noção de coletivo, da comunidade (LECHNER, 1990, p. 9).

A modernidade carrega em si um complexo sentido de ambiguidade. Ao mesmo tempo em que ela promove a socialização, também afasta e exclui. Para o geógrafo e professor Milton Santos (1994), quase sempre o conceito de modernização está atrelado ao de modernidade, portanto vamos concentrar nossa

reflexão nas experiências de modernização urbana, mais especificamente as que nos farão compreender esse processo na cidade do Salvador no início do século XX.

Ainda sobre essa compreensão, Faoro (1992) aponta que a modernidade acaba atingindo toda a dinâmica da sociedade, expandindo-se a todas as classes, já a modernização se diferencia porque suas ações chegam apenas em benefício particular.

Para tanto, vale referendar que, para Berman (2007),

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos [...] (BERMAN, 2007, p.24).

Logo, a noção de modernização urbana que acreditamos baseia-se nas experiências de vida permeadas de contrastes, inclusive materiais, os quais implicam nas condições de vida, assim como também nas condições estruturais e socioculturais.

Um dos aspectos que chama a atenção é o aprimoramento das tecnologias e com ele a transformação das áreas urbanas. Desse modo, Pinheiro (2011, p. 37) infere que,

[...] as novas tecnologias introduzidas mudam as relações dentro das áreas urbanas, diminuem as distâncias e melhoram o saneamento, o que implica uma renovação do espaço urbano, com rápidas alterações no modo de vida urbano, no uso do solo, nas relações de produção e na própria estruturação da sociedade.

As novas mudanças vão se consolidando, e assim vão surgindo cidades com características bem distintas umas das outras, porém, com suas particularidades, pois ora caracterizavam-se como industriais, ora como comerciais, e por vezes como portuárias. Independentemente de suas características, é importante ressaltar que o cenário urbano das cidades brasileiras foi se modificando, e o século XIX foi marcado por grande crescimento urbano, o que impactou as cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX.

Diante do processo de reestruturação urbana das cidades, percebemos que são diversos os fatores que contribuíram diretamente para a reorganização dos espaços, desde fatores econômicos, aos políticos e sociais. É exatamente diante dessa organização que os espaços foram ganhando novo formato, a população foi

se movimentando e ocupando diferentes lugares na cidade, sem esquecer que áreas comerciais ou mesmo residenciais foram se modificando.

As classes sociais dividem-se no espaço urbano em bairros residenciais diferenciados: os bairros operários distanciam-se e diferenciam-se dos bairros burgueses, cada grupo com suas próprias características e tipologias. As residências distanciam-se dos locais de trabalho, e as diversas funções – moradia, trabalho, lazer – ocupam espaços distintos (PINHEIRO, 2011, p. 45).

Percebemos que a urbanização promoveu, nos espaços da cidade, uma remodelação que foi acontecendo à medida que o comércio cresceu, as indústrias ganharam espaços, e as residências passaram a ocupar outros locais, muitas vezes distantes da parte central da cidade. Neste sentido, pressupomos que a ocupação das áreas urbanas aconteceu de maneira segregada, visto que a população acabou se dividindo por classes sociais, se organizando em bairros com características diferentes uns dos outros.

No caso da capital da Bahia, o centro da cidade era ocupado, até o início do século XX, por grupos da elite que pretendiam transformar as ruas do centro da cidade em vias de maior circulação de automóveis, o que facilitaria a circulação do comércio, conseqüentemente aumentaria os lucros.

Essa urbanização decorrente do processo de modernização das cidades foi acontecendo desde o século XIX e cada período é marcado por ideologias políticas de grupos dominantes, tendo como consequência mudanças na paisagem urbana, mas, principalmente, nos costumes e hábitos da população.

Vale ressaltar que, ainda no final do século XIX, várias cidades europeias foram modificando sua estrutura urbana alterando, portanto, suas características mais medievais para uma condição estrutural mais moderna. Os motivos foram bem diversificados, conforme aponta Pinheiro (2011), visto que havia necessidades de adaptação das cidades para com a chegada das novas tecnologias, a mudança na oferta dos meios de transporte, o que demandou alargamento de ruas para facilitar o deslocamento da população, necessidade de melhorar o saneamento básico das cidades, o que impactou em rever as condições de moradias, dentre outros aspectos.

As discussões teóricas realizadas por autores, como Ferreira Filho (2003), Pinheiro (1999), demonstram que os motivos dessas reformas foram bem variados,

assim como também fica claro o quanto estas reformas urbanas tiveram relações com elementos políticos e econômicos, impactando e/ou beneficiando muito mais as elites locais do que a população mais vulnerável.

Para Hobsbawm (1996), as transformações das cidades acontecem em virtude da pressão do setor de construções e planejamento, e pela busca do lucro. Para este autor, as mudanças na imagem e estrutura das cidades corroboraram com as ideias e fortalecimento da presença da elite, deixando os pobres cada vez mais distantes das áreas nobres da cidade, uma vez que para os empreendedores os pobres não geram lucro.

Além destes aspectos é importante ressaltar que outros fatores também levaram a reorganização das cidades. As péssimas condições de higiene, assim como a má condição das moradias (SANTOS, 2001) fortalecem as mazelas da população e por consequência contribuem para a deterioração do quadro sanitário. Assim, falamos de cidades em que, neste período, a má circulação do ar estava garantida pela existência de ruas muito apertadas e escuras, além também da falta de tratamento de água e esgoto.

## 2.1 CIDADE DO SALVADOR, DE CAPITAL DO PAÍS À METRÓPOLE REGIONAL: MUDANÇAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS DA CIDADE

Ao longo deste subcapítulo serão levantadas algumas questões que merecem atenção significativa, pois, embora, tenham relação direta com as mudanças realizadas na cidade do Salvador nas primeiras décadas do século XX, no tocante à estrutura física, aspectos políticos e econômicos, é importante voltar o olhar para as consequências destas mudanças no comportamento e modos de vida das pessoas, assim como nos aspectos socioculturais da população, por isso a necessidade de conhecê-las.

Tomando como base Gilberto Velho (1995) ao discutir estilo de vida urbano e modernidade, percebemos que há várias mudanças importantes no tocante à chegada do processo de modernização das cidades, principalmente no que tange aos contrastes entre o meio urbano e o mundo rural. Para Tavares (2001), o setor econômico vivenciado à época, mobilizou a cidade da Bahia. Para além do porto,

que muito movimentou a economia baiana, houve também um crescimento no setor varejista, na agricultura e nos serviços domésticos (CASTELLUCCI, 2001).

Essa movimentação frente ao setor econômico à época nos provoca questionamentos que nos levarão a compreender as questões pertinentes a presença da dança nos clubes sociais da cidade. Para isso, perguntamos inicialmente, qual a base da economia da cidade nos anos iniciais do século XX? O que a economia movimentou na cidade? Quem foram os moradores da cidade no período em questão? Quais mudanças foram provocadas pelo processo de modernização das grandes capitais brasileiras na cidade da Bahia, ou ainda, na cidade do Salvador? Qual o impacto destas modificações nos aspectos socioculturais da população soteropolitana?

Tais questionamentos também são importantes à medida que trazem à tona elementos relevantes que nos farão compreender o processo que envolve a modernização de uma cidade que teve sua relevância como a primeira capital do país e enquanto capital regional, nas primeiras décadas de século XX. Para isso será necessário, no decorrer da escrita, apontarmos questões concernentes ao processo de transição entre os séculos XIX e XX, consideradas estruturantes para com a discussão e entendimento do que aconteceu entre 1912 e 1935, espaço tempo da nossa investigação.

Ao nos apropriarmos dos estudos de Santos (2009), acerca dos caixeiros<sup>12</sup> de Salvador no período da República Velha, percebemos um movimento econômico importante para com os produtos agrícolas da região. Algodão, açúcar e fumo teriam uma boa circulação na linha dos produtos de exportação, sem falar do cacau, que seria o grande responsável pelo aumento do comércio exterior, conseqüentemente foi o produto que interferiu diretamente na economia baiana, sendo responsável pelas grandes exportações realizadas pelo Porto de Salvador<sup>13</sup>, e a fonte de renda direta da população (TAVARES, 2001).

---

<sup>12</sup> Expressão utilizada para se referir às pessoas que trabalham no comércio. Durante o estudo, para alguns dos autores pesquisados, bem como nas fontes primárias acessadas, aos caixeiros entendemos a atribuição de vender algo estando diretamente relacionado a atividade comercial. Para um melhor entendimento do assunto, recomendamos a leitura da obra “Casa e Balcão: os caixeiros de Salvador (1890 - 1930)” de Mário Augusto da Silva Santos, 2009, EDUFBA.

<sup>13</sup> Desde o período do Brasil Colônia, o Porto de Salvador ganhou destaque na história econômica, social e cultural da cidade. Assim como outros espaços, a reforma do Porto foi considerada uma das grandes obras de infraestrutura da cidade, realizada pelo então governador José Joaquim Seabra em seu primeiro governo.

Neste sentido, as atividades econômicas da região concentravam-se no Recôncavo baiano e em algumas cidades no Sul do Estado. No entanto, graças à existência e funcionamento do comércio interno, os comerciantes que levavam suas mercadorias para serem negociadas em Salvador, reconheciam a cidade como um grande polo comercial, o que permitia à cidade do interior se referir a Salvador como a Cidade da Bahia, como a única e/ou a melhor capital da região.

O estado da Bahia tinha uma economia com produção diversificada em artigos tropicais. Até o final do ano de 1940, a região do Recôncavo e do Sul do estado foram responsáveis pela produção de vários produtos para a exportação (ALMEIDA, 2008). Contudo, por serem produtos de fácil manipulação, passaram a ser produzidos por outras regiões do país, aumentando a concorrência, deixando Salvador e outras regiões do estado aquém nos mercados nacionais e internacionais.

Logo, com o que se produzia na capital de produtos agrícolas de subsistência era possível suprir a população local, mesmo que timidamente. No entanto, a população tinha hábitos alimentares que geraram dependência do comércio externo. Produtos como a carne de charque, por exemplo, também conhecida como carne de sertão, muito consumida entre os baianos, aumentou bastante o preço em toda a região. O fornecimento desta carne vinha de outros lugares, inclusive fora do país (SANTOS, 2001), gerando muito lucro aos comerciantes locais, suas vendas garantiram fortunas.

A economia baiana passou por momentos difíceis nas primeiras décadas do século XX, em virtude do aumento da dívida interna e externa, da queda da arrecadação de impostos (FREIRE, 2020) e pelo declínio econômico da região do Recôncavo, em virtude das lavouras modernas no sul do país (RISÉRIO, 2004), resultando numa estagnação até os anos de 1930. Tal fato se deu pelas características atribuídas às fragilidades do setor agrário e comercial, principalmente no que se refere à exportação, pelas dificuldades na aquisição de novos maquinários e de atualização dos antigos, o que poderia equiparar a concorrência nas vendas com os estados do sul do país.

Nesta esteira, o atraso no acesso dos maquinários mais modernos se deu em consequência do baixo nível tecnológico e de investimentos no setor. É possível, também, que as dificuldades observadas quanto ao abastecimento tenham tido

relação com baixa acumulação de capital, principalmente, vinculada à agricultura de subsistência.

Ainda que a cidade apresentasse uma estrutura capitalista de cunho internacional pela peculiaridade na produção diversificada de produtos tropicais, essa característica não permitiu uma troca contínua com mercados mundiais, mas, ao mesmo tempo, Salvador se tornou um espaço para investimentos estrangeiros (SANTOS, 1990).

Dessa maneira, percebemos o quanto a economia baiana nunca foi dependente das indústrias, ao menos até meados do século XX, porém o pouco movimento econômico observado no setor industrial relacionava-se as indústrias têxteis, com algumas fábricas de chapéus, velas, cigarros, charutos e calçados, e num formato artesanal (ALMEIDA, 2008).

Além de representar uma pequena parcela populacional, os empregados industriais de Salvador não estavam concentrados. Em 1923, das 564 fábricas localizadas na Capital, 489 empregavam, no máximo, 6 operários; 43, mais de 6; 32, mais de 120. Em 1930, do total de fábricas da Bahia (sujeitas ao imposto do consumo federal), em número de 2.204, somente 61 empregavam mais de 12 operários. Ressalte-se a existência, então, de 1.325 estabelecimentos designados de “fabricante gratuito”, nos quais não havia trabalho assalariado (BARBOSA, 1931, p. 16).

Logo, observamos que o setor industrial, de fato, não contribuía significativamente para o crescimento da economia local, tão pouco para satisfazer os interesses e necessidades dos consumidores locais. Na maioria das vezes, tanto a capital baiana, quanto outras regiões dependiam, de fornecimentos externos. ora por parte de outros estados brasileiros, com uma maior produção, ora com produtos importados de outros países. Fato que dialogaremos mais à frente, quando for abordado o contexto dos clubes sociais em Salvador.

A capital da Bahia já se configurava, portanto, como uma capital mercantil, cuja economia estava relacionada aos produtos da agricultura de exportação. Apesar de sua fragilidade industrial, a economia era estimulada pelo comércio “grossista” – que podemos chamar de atacadista, nos dias de hoje – e pela funcionalidade do porto de Salvador.

Os poucos centros urbanos existentes na Bahia, até a primeira metade do século XX, encontravam, a exemplo de Salvador, nas



atividades de comércio e administração pública, seus principais suportes econômicos. Boa parte da população economicamente ativa era formada por descendentes analfabetos de escravos. A maior parcela das ocupações era encontrada na prestação de serviços pessoais, no artesanato, na burocracia estatal, na construção civil e no pequeno comércio varejista (ALMEIDA, 2008, p.17).

Fazendo uma análise a partir do que aponta Almeida (2008), inferimos que o comércio tinha um movimento limitado. O que existia dava conta de suprir as necessidades econômicas locais, o que caracterizava um fluxo de negócios muito ínfimo entre a capital e as cidades menores. Sem falar que ainda não existia meio de transporte adequados que pudesse favorecer o comércio entre a capital e cidades menores.

Em virtude destas dificuldades, as cidades baianas não atraíam novos investimentos financeiros, por consequência, não atraíam imigrantes em busca de mão de obra (ALMEIDA, 2008). O comércio grossista começou a crescer e a se tornar um empreendimento muito lucrativo, foi quando a Bahia passou a dar uma maior contribuição de impostos ao tesouro da União (SANTOS, 2009).

Diante do crescimento do chamado comércio de importação, exportação e grossista, é que a cidade do Salvador começou a modificar sua estrutura urbana, principalmente nos bairros mais comerciais, que a princípio, encontravam-se no centro da cidade. A partir deste cenário, o Porto de Salvador, um dos primeiros do Brasil, necessitou urgentemente de melhorias, visto que, além de ser responsável pelo movimento de importação e exportação de produtos que mexia com a economia local, também passou a ser responsável e/ou contribuir com o fluxo de pessoas na cidade, inclusive de estrangeiros, o que vai implicar no crescimento urbano.

Assim sendo, seriam necessárias algumas melhorias no Porto e em toda a região ao seu entorno, ou seja, na parte central mais concentrada na Cidade Baixa. Para melhorar o acesso das pessoas, de mercadorias, ou mesmo dos transportes, as obras no Porto e região contaram com o alargamento das ruas, assim como seus calçamentos e iluminação, e com a abertura da Avenida Jequitaia (FREIRE, 2020; ALMEIDA, 2008; SANTOS, 2001, 2009;).

Sobre a Avenida Jequitaia, encontramos uma reportagem no Jornal A Tarde que aponta os primeiros indícios do avanço da modernização na cidade.

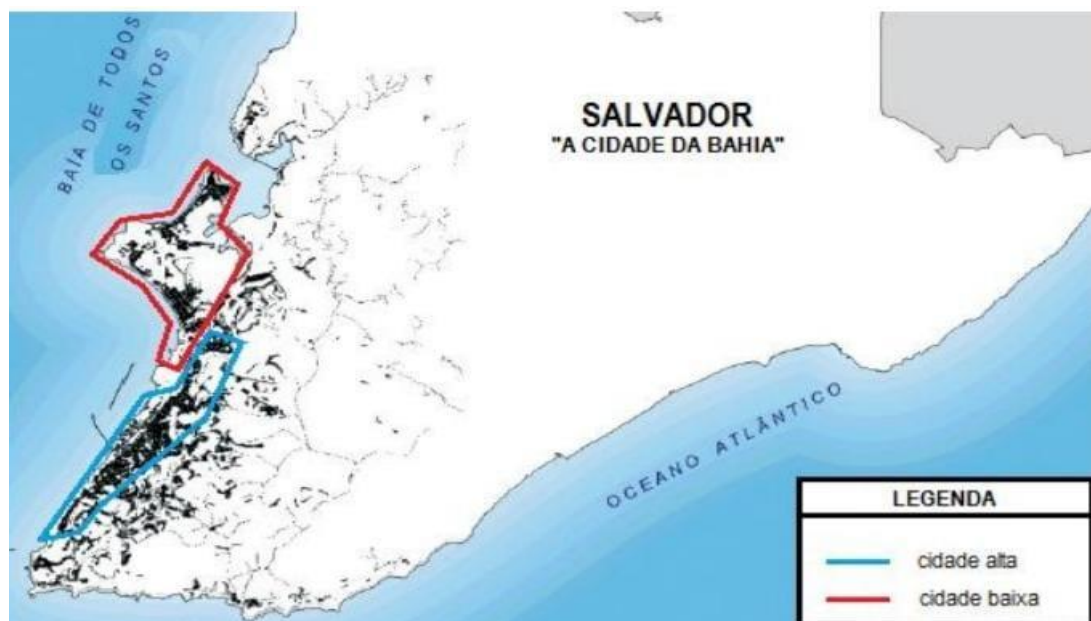
Os velhos prédios já desapareceram e a perspectiva actual, realmente, põe de manifesto a grandiosidade da obra que está em vésperas de conclusão. Deante dela, a Prefeitura, não deve ficar desattenta deante de dous problemas importantes de sua alçada exclusiva: – um de saneamento da rua do Gazômetro, desapropriando os pardieiros em ruínas nella existentes, para ampliação e embellezamento da praça [...] – outro a desapropriação das terras devolutas, vasto areal que vae até o largo dos mares. [...] Este o grande plano urbanístico que o prefeito da Capital com a comissão recém-nomeada, deve examinar com urgencia, antes que surja no areial a construcção de uma serie de casinhas que virão dificultar essa sugestão de tão importantes e vitaes interesses para a modernização da cidade (A TARDE, 13 fev 1935, p. 2).

Esses dados, também, nos fazem pensar que no plano urbanístico da cidade da Bahia, a princípio, não existia um planejamento voltado para atender as demandas da população mais pobre. A civilidade e o progresso previstos no projeto de modernização atendiam apenas aos anseios da elite.

Consideramos pertinente neste momento do diálogo, destacar através das figuras abaixo (01 e 02) como se dá a organização espacial da capital baiana, por entendermos que haverá uma melhor compreensão de como se deu a circulação comercial e urbana da cidade à época estudada, discutida de maneira mais aprofundada neste capítulo.

Desse modo, selecionamos uma imagem do Atlas escolar da Bahia (2004), no qual os destaques em azul e vermelho, mostram mais claramente esta organização.

**Figura 1 – Cidades “Alta” e “Baixa”:**



Fonte: Atlas Escolar Bahia: espaço geo-histórico e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Grafset, 2004.

Acompanhando a organização da figura 01, observamos que na parte destacada em cor azul, conforme legenda, concentra-se a Cidade Alta. Esta, localiza-se no platô que se ergue em escarpa olhando para a parte acima do porto, circulado da mesma cor na figura 02. Já a cidade baixa, encontra-se na planície litorânea, circulado de cor vermelha na figura 02, legendada na mesma cor figura 01. Nela encontraremos o núcleo das atividades portuárias e comerciais, sobretudo do setor grossista.

**Figura 2 – Cidades “Alta” e “Baixa”:**



Fonte: Imagens de Salvador. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/salvador.htm>. Acesso em 18 de abril de 2022.

A partir do entendimento desta organização geográfica e urbana da capital baiana, buscamos esclarecer que com as mudanças estruturais na cidade, os comerciantes em busca de melhorar suas vendas, tanto no sentido de receber mais negociantes, como na circulação das mercadorias (chegada e saída para o porto), tentaram, junto ao governo à época, melhorar o sistema de transportes. É importante dizer que em várias negociações a Associação Comercial esteve à frente, representando seus associados junto ao governo do estado.

Com a retomada da economia, mesmo que de maneira ainda tímida, com os lucros advindos deste tipo de comércio, o centro da cidade foi ganhando outra

(trans)formação estética, tornando-se ainda mais comercial. Neste momento, tivemos a construção do bairro chamado Nações. Localizado na Cidade Baixa, com muitos terrenos voltados para mar, portanto com muito espaço livre, a região foi ampliada com o surgimento da rua Chile<sup>14</sup>, da Avenida da França, Praça da Inglaterra, entre outros logradouros.

Sobre a Rua Chile, salientamos que historicamente a rua é conhecida como a primeira do Brasil. Foi também a primeira via pública de Salvador a receber um sistema de iluminação elétrica (SANTOS, 2009). Considerada um dos principais centros comerciais da cidade, a Rua Chile foi umas das primeiras a passar pela reforma urbana realizada por J. J. Seabra, conforme explicitado na notícia abaixo:

Na Rua Chile, que é realmente uma de nossas mais importantes vias públicas, as obras de melhoramentos vão a caminho de próxima realização.

Parte da dita rua já se acha asphaltada e quasi promptos os novos trilhos por onde hão de trafegar mais duas linhas de bondes (O CORREIO, 1914, n.p.).

Ainda na parte baixa da cidade, muitos prédios residenciais deixaram de existir com esta função e se tornaram estabelecimentos comerciais. Os distritos da Sé, Conceição e Pilar são exemplos destas modificações. O Distrito da Sé, conforme afirma Santos (1990), mantinha-se como centro administrativo, mas ao mesmo tempo crescia como um centro de negócios. Era possível observar em suas ruas alguns comércios voltados para a venda a varejo de tecidos, de modas, assim como era possível encontrar a presença e o crescimento de consultórios médicos e alguns escritórios.

Nos distritos do Pilar e da Conceição, por serem próximos ao Porto, foram instalados trapiches e grandes armazéns. Nos distritos mais centrais, como os de Nazaré e Santana, o comércio esteve representado por produtos alimentícios e de vendas a retalho. É importante relatar que, mesmo com a expansão do comércio na parte central da cidade, alguns prédios residenciais de baixa qualidade se mantiveram no local e vários comerciantes passaram a utilizar seus galpões e

---

<sup>14</sup> Em 1902, a Bahia recebeu a marinha chilena, então uma das mais invejadas esquadras do mundo, com uma festa extraordinária, uma das maiores, senão a maior que Salvador havia testemunhado. O apogeu foi o desfile dos militares do país irmão pela Rua Direita do Palácio, que por decreto da Câmara Municipal, de 17/08/02, passava a ser denominada, Rua Chile em homenagem aos visitantes. Sobre a rua Chile, ver: <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2012/09/16/a-inauguracao-da-rua-chile-e-a-origem-do-nome/>

grandes armazéns para hospedar seus empregados que dormiam muito mal acomodados em cima dos fardos de mercadorias.

A Cidade Baixa, portanto, era vista como uma região comercial, uma vez que a presença do porto fortalecia o serviço de importação e exportação, importantes para a economia local e regional. Já na Cidade Alta considerada sede político-administrativa, encontravam-se a população mais favorecida economicamente (SAES, 2007).

Na Cidade Alta teremos os distritos periféricos concentrando uma maior quantidade de habitações residenciais, por consequência da presença de bastante área verde e espaços mais amplos para o crescimento urbano. Fato este que, junto ao pequeno movimento do comércio, fez crescer o setor imobiliário com vendas e aluguéis no setor, gerando acúmulo de capital (SANTOS, 1990). Vale dizer que os donos de imóveis na região aproveitaram o crescimento do comércio para superfaturarem as transações.

Desse modo, a organização espacial da cidade foi se estruturando com a presença de bairros comerciais e residenciais. Estando alguns mais na parte central da cidade, outros na região mais periférica. No entanto, cabe dizer que, mesmo estando na parte central da cidade, os bairros da Graça, Barra e Vitória, foram ganhando a preferência pelos comerciantes que compunham a elite local para a construção de suas imponentes e luxuosas residências.

## 2.2 O GOVERNO DE JOAQUIM JOSÉ SEABRA: EMBATES POLÍTICOS E TRANSFORMAÇÃO URBANA

Antes mesmo de adentrarmos a uma discussão acerca do processo de transformação urbana ocorrida no governo de J. J. Seabra, consideramos necessário situar nosso leitor sobre algumas questões políticas pertinentes ao momento, visto que a pesquisa em tela compreende o recorte temporal (1912-1935) que caracteriza dois momentos importantes na história brasileira, consequentemente, na história da cidade da Bahia. São eles, os primeiros anos da Primeira República (1899 – 1930) e os anos do Governo Provisório de Getúlio Vargas (1930-1935).

Durante o período da Primeira República, o poder político esteve concentrado nas oligarquias locais<sup>15</sup>. O poder advindo das oligarquias fez com que, durante este período, não houvesse apenas um partido político de maior representação no país, e as relações regionais determinassem os caminhos políticos do país. Foi um momento tenso, pois as práticas políticas estiveram nas mãos dos coronéis que mantinham o poder à base de violência e/ou troca de favores.

Além dos aspectos políticos, tivemos as questões econômicas decorrentes da fragilidade do processo de industrialização, bem como a insegurança com o futuro do país diante de tais fragilidades. Estas situações impactaram diretamente o cenário político brasileiro que, por sua vez, reverberou na organização e administração de várias cidades, como a capital da Bahia.

Dito isso, vale salientarmos que, durante toda a Primeira República, cabia aos governadores o papel determinante nas intervenções das cidades, principalmente nas capitais. Fato bem notório na Bahia. A “Cidade da Bahia” sempre comportou a sede do governo estadual (RISÉRIO, 2004) e foi morada de uma importante elite econômica, política e intelectual (FREIRE, 2020), tendo nomes de destaque na cena nacional.

Consideramos relevante que, mesmo de forma breve, antes de adentrarmos uma discussão mais aprofundada sobre as questões políticas que estiveram relacionadas ao período em questão, possamos dialogar sobre os aspectos da vida de Joaquim José Seabra, mais conhecido como J. J. Seabra, precursor da primeira grande reforma na capital baiana e político importante à época.

Percebemos na literatura publicada que há controvérsias quanto aos aspectos da vida da família de Seabra, principalmente no tocante à situação econômica da família (PANG, 1973; BARROS, 1931). Porém, mediante os estudos de Meireles (2012), encontramos que Seabra, o velho pai, foi funcionário da Alfândega em Salvador e pertencia a uma classe social que podemos chamar de classe média. Ele não era um homem rico, mas tinha condições financeiras suficientes para financiar os estudos do seu primogênito nas melhores escolas da cidade, bem como de arcar

---

<sup>15</sup> As oligarquias são pequenos grupos que sustentavam seu poder a partir das riquezas produzidas em suas propriedades rurais. As principais oligarquias no Brasil durante a Primeira República estiveram concentradas no Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Toda prática política foi marcada pela presença do coronelismo, clientelismo e mandonismo. Ler mais em: PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. Estudos avançados 13 (35), 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/vfdbdpstqSj3P9gLWcFRs7g/?format=pdf&lang=pt>.

com as despesas de sua estadia na Faculdade de Direito de Recife, o que não seria possível para uma família considerada humilde na época.

Logo, Seabra, o filho, formou-se em direito na cidade do Recife (PE). Foi nomeado, ainda muito jovem, promotor público em Salvador, o que favoreceu bons contatos e aproximações sociais e políticas. Casou-se aos 23 anos com uma jovem, cuja família era respeitada no cenário político, o que garantiu a Seabra grandes diálogos com pessoas influentes na política provincial. Como político, assumiu os cargos de Deputado da Constituinte Republicana, conseguindo ser reeleito em 1889 e foi nomeado ministro da Justiça e Negócios Interiores no ano de 1902, no mandato do novo presidente Rodrigues Alves.

Diante das experiências políticas de Seabra, podemos dizer que, de acordo com Sarmiento (2011), o ministério foi sua porta de entrada para o ingresso e permanência na elite política brasileira, tendo certo prestígio entre eles. Desse modo, foi possível estabelecer um projeto político considerado relevante para a Bahia, seu estado de origem. Assim, entre os anos de 1912 e 1916, Joaquim José Seabra governou seu estado e com seu prestígio político contou com a colaboração dos intendentess municipais e da administração federal.

É dessa forma que, ao assumir o Governo do Estado da Bahia, em sua primeira gestão, Seabra colocou em prática um conjunto de características que lhes foram favoráveis, como o fato de já ter experiência no quesito intervenção urbana. Uma vez que foi ministro no governo do presidente Pereira Passos que foi responsável pela reforma urbana na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, sua força política e as condições econômicas eram consideradas, naquele momento, favoráveis, ao desejo de mudança da cidade do Salvador (PINHEIRO, 2011). Em seu primeiro governo, Seabra promoveu a reestruturação dos serviços de saúde com o objetivo de combater as epidemias, realizou a ampliação da malha ferroviária, a criação da Imprensa Oficial, bem como o Tribunal de Contas e o Juízo dos Feitos da Saúde Pública (HAFFBAUER, 2020).

Os cargos políticos ocupados por Seabra, principalmente o Ministério, o colocaram em proximidade com a experiência da grande reforma urbana do Rio de Janeiro, capital federal. Este fato permitiu que Seabra, para atender aos interesses da elite, tentasse reordenar todo o espaço urbano da capital baiana.

Essa mesma elite mantinha uma divisão, comum até nos dias atuais, no que se refere aos apoios políticos. Assim, era possível observar a forte presença do

coronelismo nas disputas entre as oligarquias, o que se faz presente também atualmente. Na disputa pelo segundo mandato ao governo da Bahia, de acordo com Risério (2014), tivemos um embate político entre Goes Calmon e J. J. Seabra. Seus grupos defensores ficaram conhecidos, respectivamente, na história política baiana como calmonistas e seabristas.

No ano de 1920, Joaquim José Seabra foi novamente eleito governador da Bahia, após um governo conturbado do seu aliado político Antônio Moniz (1916-1920). Foi uma campanha conturbada e marcada pela violência e, apesar do ímpeto da vitória para o segundo mandato, Seabra encontrou muita resistência por parte dos políticos considerados anti-seabristas, por isso muitas articulações políticas foram fragilizadas (RISÉRIO, 2014). Os “coronéis” insatisfeitos com o retorno de Seabra ao poder, juntaram-se aos seus adversários políticos para tentaram provocar uma intervenção federal que ficou conhecida como “Revolta Sertaneja”<sup>16</sup>.

Durante esse novo mandato (1920-1924), Seabra manteve o projeto de investimentos na estrutura urbana da cidade com o intuito de realizar reformas na orla da cidade e no porto, porém à medida em que se envolvia nas eleições presidenciais, perdia seu prestígio político (TAVARES, 2001). Vale destacar que foi um processo eleitoral marcado pela ruptura das oligarquias locais.

Este segundo governo foi marcado por menos obras, embora ele tenha continuado o que foi iniciado por Antônio Muniz, seu antecessor, e tentado garantir o equilíbrio das contas públicas. Para isso demitiu funcionários públicos, aumentou os impostos e realizou mais empréstimos a estrangeiros (HAFFBAUER, 2020). Ao final do seu segundo governo, deixou a Bahia em estado de sítio, exilando-se na França, em 1924, na tentativa de se proteger de possíveis represálias de Artur Bernardes. Ao retornar para a Bahia, em 1926, foi recebido em Salvador com festa popular.

Com o fim do governo de J. J. Seabra, em 1924, assumiu o poder o candidato de oposição, Góes Calmon. Neste momento, o setor de transportes tinha prioridade, por isso tivemos a ampliação das estradas de ferro e de rodovias. Também, um aumento de investimento no setor educacional que contou com a participação de

---

<sup>16</sup> A Bahia, não diferente de outras cidades e estados brasileiros neste período e, portanto, era dominada por coronéis, de maneira que para governar era necessário ter o apoio dos mesmos e não contrariá-los. O desentendimento político entre os apoiadores de Seabra e os coronéis levaram à Revolta Sertaneja, que só foi resolvida com um acordo assinado entre os coronéis e o Governo Federal (RISÉRIO, 2014).



Anísio Teixeira<sup>17</sup>, como diretor do órgão de “Inspetoria Geral de Instrução Pública” (TAVARES, 2001).

Paralelo a esse movimento político na Bahia, o país viveu a efervescência da disputa presidencial até culminar na crise de 1929 e na Revolução de 1930. Com a crise mundial gerada após o fim da primeira guerra mundial, vários países tiveram seus setores econômicos afetados, como os Estados Unidos que eram o maior comprador do café brasileiro, com a crise, a importação diminuiu e os preços do café brasileiro despencou no mercado internacional, atingindo muitos estados brasileiros, inclusive a Bahia.

A Revolução de 1930 aconteceu em meio ao enfraquecimento dos arranjos políticos que marcaram a Primeira República. Desse modo, a crise política instalada neste período estava relacionada diretamente as disputas eleitorais de 1930. Com a quebra de acordos e alianças políticas, o grupo de políticos que representava as oligarquias dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba se revoltaram contra o presidente do país, Washington Luís.

Durante este período, a Bahia também sofreu as reações da Revolução iniciada em São Paulo. No cenário político, foi possível identificar uma forte oposição dos políticos baianos à Getúlio Vargas e, por isso, passaram a fazer parte de uma campanha a favor da Constituinte. No tocante às consequências do cenário político na economia baiana, compreendemos que não houve avanços neste setor. O pequeno “celeiro” industrial estava estagnado, enquanto em outros estados, como Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro, o desenvolvimento industrial mostrava-se em crescimento (ALMEIDA, 2008; RISÉRIO, 2014). Portanto, a ausência de um plano de desenvolvimento industrial organizado por Getúlio Vargas que pudesse descentralizar o crescimento das indústrias em determinados estados, contribuiu para o declínio econômico, mantendo a Bahia dependente economicamente da produção do cacau, açúcar e fumo.

Após a compreensão do cenário político na cidade da Bahia, nas primeiras décadas do século XX, adentraremos em outro diálogo importante que versa sobre as transformações urbanas que passou a cidade do Salvador até os anos de 1935,

---

<sup>17</sup> Tido como um personagem central na história educacional do Brasil, com destaque em sua atuação nas décadas de 1920 e 1930. Colaborador atuante do movimento da Escola Nova, que buscava o desenvolvimento do intelecto e da capacidade de julgamento, em detrimento ao tradicional processo de memorização. Atuou nas reformas do sistema educacional da Bahia e do Rio de Janeiro, tendo atuado em vários cargos executivos.

considerando este espaço-tempo como um marco importante no projeto de modernização da cidade.

Para tanto, vale salientarmos que ainda no final do século XIX, Salvador passou pelas primeiras mudanças em sua estrutura urbana, porém sem a relevância do período posterior. Como aponta Pinheiro (2011), foram pequenas reformas que não chegaram a mudar, de maneira significativa, a rotina da cidade, tão pouco de sua população. Porém, no governo de Joaquim José Seabra isso se acentua radicalmente, conforme relata a autora.

O processo de modernização da cidade do Salvador não se limita ao período de sua mais importante reforma urbana, 1912-1916, pois se desenvolve ao longo do século XIX como resposta a uma necessidade de estruturar a urbe, ampliar sua área, acomodar uma população que cresce, aumentar o número de habitações, erradicar as epidemias, melhorar a salubridade, facilitar a circulação de pessoas e de mercadorias, implantar os transportes e os novos serviços urbanos. A idealização da cidade moderna está presente em Salvador sob a forma de uma preocupação com a estética e com elementos determinantes, como salubridade, setorização e fluidez (PINHEIRO, 2011, p. 204).

Desse modo, corroboramos com Pinheiro (2011) e Meireles (2012) quando estas destacam que desde a sua fundação, a capital baiana cresceu de maneira lenta até se consolidar em meados do século XIX. A partir deste período ela foi se expandindo de maneira acentuada, o que justifica as primeiras modificações na sua estrutura urbana. Ainda assim, manteve traços do período colonial até o início do século XX, quando houve investimento para uma reforma mais ampla.

Para tanto, considerando os investimentos para a reforma da cidade, tentaremos, neste momento, estabelecer um diálogo de maneira que deixe nosso/a leitor/a mais próximo/a das características que Salvador apresentava quanto a sua organização estrutural, até mesmo antes do governo de J. J. Seabra.

Sendo assim, no que se refere ao transporte utilizado à época, podemos dizer que na cidade do Salvador usaram-se por muito tempo os bondes puxados por animais. No entanto, este serviço foi um dos primeiros a serem substituídos quando se instalou a necessidade de modernizar a cidade, o que por muitos anos foi movido por tração animal passou a ser substituído por bondes elétricos.

Ao final do século XIX, muitas companhias de transportes urbanos passaram por dificuldades financeiras que impactaram seus projetos de eletrificação dos

bondes. Tais dificuldades foram provenientes da crise econômica gerada também pela abolição da escravidão, mudança no regime político (monarquia/república) e pelas epidemias que mataram muitos animais das empresas (SAES, 2007).

Um dos problemas momentosos da Bahia, é o respeitante aos serviços de transportes. Um sem numero de vezes tem a imprensa tratado do assumpto, chamando a atenção dos poderes competentes para uma solução de conveniência do povo. As queixas se multiplicam, diariamente, contra os bondes e autos que fazem o serviço. [...] E que fazem as empresas responsáveis por esses serviços? Continuam indiferentes, respondendo aos queixosos com a canção do dia "Té já, meu bem!". (A TARDE, 15 mar 1935, p. 2).

Tais fatos deram abertura para investimentos estrangeiros nesse setor, em detrimento do nacional. Sendo assim, por volta do ano de 1905, a parte alta da cidade passou a ter eletrificação nas suas linhas de bondes com uma moderna tecnologia estrangeira, possibilitando implementar as tecnologias estrangeiras, por sinal muito modernas, nas concessões brasileiras (SAES, 2007). Ao final da década de 1920, a capital baiana já havia crescido e se modernizado quanto à distribuição de energia elétrica e transportes urbanos, se assemelhando as grandes cidades no tocante a presença da tecnologia e o uso dos serviços considerados modernos.

Joaquim José Seabra, logo que assumiu o governo em sua primeira gestão, teve como prioridade em termos de projeto, transformar as ruas da velha cidade para adequar as características de uma cidade "civilizada", sinônimo de modernidade, por isso realizou obras em todas as partes, conforme anuncia Pereira (2011) em seu estudo.

Renova-se o Distrito da Sé, orienta-se o crescimento da cidade em direção sul, com a abertura de uma grande avenida. Remodela-se e amplia-se o porto e alargam-se ruas da Cidade Baixa, uma nova avenida liga essa parte da cidade à península de Itapagipe. Conquista-se o litoral, constroem-se novos edifícios e incentiva-se a construção de casas para os operários. São tempos de mudança, tempos de novidades (PEREIRA, 2011, p. 218 - 219).

Foram muitas as transformações nos espaços da cidade que levaram a tentativas de mudanças também nos costumes da população. Ainda que houvesse a necessidade de mudanças para se adequar ao novo momento, ao fazermos as leituras das fontes pesquisadas, por repetidas vezes, a sensação para com os

documentos acessados era de que existia também o interesse em “limpar as ruas da cidade”.

Quanto à construção da Avenida Jequitaia, encontramos uma matéria no Jornal A TARDE que caracteriza aquele momento e reforça nossos argumentos ao nos referirmos ao “limpar as ruas” da cidade.

Os velhos prédios já desapareceram e a perspectiva actual, realmente, põe de manifesto a grandiosidade da obra que está em vésperas de conclusão. Deante dela, a Prefeitura, não deve ficar desattenta deante de dous problemas importantes de sua alçada exclusiva: – um de saneamento da rua do Gazômetro, desapropriando os pardieiros em ruinas nella existentes, par aampliação e embellezamento da praça [...] – outro a desapropriação das terras devolutas, vasto areal que vae até o largo dos mares. [...] Este o grande plano urbanístico que o prefeito da Capital com a comissão recém-nomeada, deve examinar com urgencia, antes que surja no areial a construcção de uma serie de casinhas que virão dificultar essa sugestão de tão importantes e vitaes interesses para a modernisação da cidade (A TARDE, 13 fev 1935, p. 2).

De fato, as mudanças foram muitas para um governo que se iniciava, no entanto, a obra do porto já se mostrava necessária mesmo antes do governo de J. J. Seabra. O espaço era precário para os trabalhos ali realizado, urgindo por reforma, uma vez que exercia grande papel na economia baiana, como ainda o é nos dias de hoje.

**Figura 3** – Porto de Salvador (1913)



Fonte: Guia Geográfico Digital. Figura disponível em <http://www.salvador-antiga.com/comercio/antigas.htm> (2021).

A imagem acima retrata o Porto de Salvador no início do século XX, quando passava por uma de suas primeiras reformas, cuja parte principal, que dava caminho aos navios, precisou ser aterrada com o objetivo de ampliar o acesso e de construir mais docas e armazéns, contribuindo para a circulação, armazenamento e saída de mercadorias.

Vale ressaltar que os portos brasileiros, no início do Brasil Colônia, tiveram sua importância para os portugueses e, Salvador, pelas excelentes condições portuárias na Baía de Todos os Santos, tornou-se o principal destino das rotas comerciais que cruzavam o Atlântico.

Antes da reforma de Seabra, a estrutura do porto se resumia a um conjunto de armazéns e pequenos ancoradouros, até que foi feito o aterramento de uma extensa faixa do bairro do comércio, o que fez com que este movimento passasse a ser reconhecido como uma das grandes obras de infraestrutura do país.

Assim, a reforma que aconteceu no Centro da Cidade, no período de 1912 a 1916, caracterizou dois tipos de intervenção que estavam relacionados diretamente com as características de cada espaço, a Cidade Alta e Cidade Baixa, mas ambas tiveram a finalidade de introduzir a modernidade, conforme destaca Pereira (2011) no seu estudo intitulado Europa, França e Bahia.

Se a Cidade Baixa ganha terreno ao mar e constrói uma nova urbanização, a Cidade Alta inaugura largas avenidas, numa tentativa de romper com seu passado. Até 1940, o crescimento urbano caracteriza-se pela expansão dos bairros afastados e a conquista crescente de terras ao mar, na Cidade Baixa (PEREIRA, 2011, p. 214).

A reforma da cidade, na primeira gestão de J. J. Seabra, ficou conhecida como “urbanismo demolidor”, uma vez que na busca pela mudança na antiga imagem da capital, construções antigas, inclusive alguns prédios importantes para a história do povo baiano, seja na arquitetura civil ou mesmo na religiosa, foram demolidos em nome do “progresso”.

Oxalá todos dêem sem demora sua adesão aos dignos chefes do Estado e da cidade, brasileiros que revelam o seu interesse, a cada momento, pelo embelezamento desta terra que os acolhe, com carinho affecto e aos quais já deve serviços relevantes, particularmente no que diz respeito à sua viação urbana (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1913, n.p.).

O fragmento acima foi retirado de uma publicação do jornal Gazeta de Notícias em 1913. Em vários trechos da nota publicada é possível perceber que a imprensa representada possivelmente pela elite, tinha total interesse na modernização da estrutura urbana da cidade, por isso suas publicações sempre enalteciam a figura dos governantes do estado e da cidade. Embora, não tenho sido possível identificar se os jornais em circulação pertenciam a algum político à época, podemos pensar que esse possa ter sido um dos motivos para que as publicações estivessem sempre favoráveis aos chefes de estado e da cidade.

Apesar de todas as mudanças ocorridas na estrutura urbana da cidade de Salvador nos primeiros anos do século XX, é importante ressaltar que ainda no século XIX a capital baiana havia passado por uma primeira reforma, mais especificamente a Cidade Baixa. Nos anos entre 1810 e 1818 surgiu a ideia de transferir o centro administrativo da Cidade Alta para a península de Itapagipe, aproveitando parte da construção ali existente, que atendia as demandas dos armazéns e da alfândega. Porém o planejamento não dá certo e as mudanças não aconteceram permanecendo o centro administrativo na cidade alta.

Mesmo diante da permanência do Centro Administrativo na Cidade Alta, o século XIX representou a consolidação da Cidade Baixa como a zona comercial de Salvador que, naquele momento, deveria ser transformada no cartão postal de

entrada da cidade, principalmente para as pessoas que chegavam pelo mar. Atraindo e agradando comerciantes e demais investidores que tinham por Salvador grande interesse comercial.

Logo, para Cardoso (1991), apesar desse olhar preocupado para a Cidade Baixa, é importante pontuar que outros bairros e espaços da cidade guardavam consigo suas peculiaridades e importância durante o século XIX, como os bairros de Ondina, Barra, Rio Vermelho, pela imponência de beirar o Oceano Atlântico, e a Sé, por ser centro político, administrativo e religioso.

A maioria das intervenções realizadas foram feitas ainda no século XIX, porém, novas construções marcaram as primeiras décadas do século XX. Dentre elas, destacava-se, em 1930, a construção da sede da Imprensa Oficial do Estado que, por ser favorável a sociedade elitizada, passou a acompanhar e a apoiar todas as obras realizadas por Seabra, muito antes da construção de sua sede.

É com prazer que registramos o movimento progressista de uma certa parte da população que, de bom grado, está indo ao encontro dos desejos patrióticos dos ilustres srs. drs. governador e intendente, no intento de cooperar pela modernização da cidade, dotando-a de edifícios cuja perspectiva produza no anonimato dos nossos visitantes, a melhor das impressões (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1913, n.p.).

O periódico Gazeta de Notícias, um dos que circulavam à época, costumeiramente publicava notas enaltecendo às figuras dos gestores e, por consequência, as obras por eles realizadas, mesmo que estas colocassem em risco símbolos importantes da história da fundação da cidade.

No recorte acima destacado, o jornalista, que não teve seu nome divulgado na notícia, reportava-se à construção dos prédios no bairro comercial da cidade, atribuindo, ao então governador Seabra, um título de honraria pelas construções de inúmeros prédios em vários pontos da Cidade Alta e nos arrabaldes. No texto original é destacado que entre os espaços edificadas ou reformados estão a praça Deodoro da Fonseca, o antigo Caes do Ouro que, de acordo com a Gazeta de Notícias, no formato em que se encontrava entristecia os baianos, uma vez que esteticamente não atendia aos padrões do progresso. Todavia, por ser considerada uma miniatura do velho Caes Pharoise, foi reformado e passou a ser um confortável e lindo ponto de desembarque que já honrava a Bahia. É importante

ressaltar que a grafia em destaque se refere ao Cais Pharoux, no localizado na cidade do Rio de Janeiro.

**Figura 4 – Cais Pharoux**



Fonte: Brasiliana Fotográfica. Figura disponível em <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/> (2021).

A imagem acima retrata o Cais Pharoux, na cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1890. Inicialmente o cais chamava-se Cais da Praça do Carmo e foi um dos primeiros do Brasil. No entanto, quase a sua frente encontrava-se o Hotel Pharoux que, tamanha importância, deu ao cais o seu nome.

O cais, ao mesmo tempo em que recebia gente importante chegando de viagens internacionais, fazia o deslocamento das pessoas e de mercadorias até Niterói. Quando da ampliação da fotografia original é possível perceber que no cais também existia um comércio popular, e nele há grande movimentação de mulheres negras vestidas de branco, usando turbantes para levar os balaios de mercadorias na cabeça, o que configurava o retrato do cotidiano de trabalhadores daquela



localidade. Pelas laterais da fotografia é possível visualizar alguns quiosques que foram retirados na reforma de Pereira Passos.

**Figura 5** – Cais do Porto após a Reforma de Pereira Passos (RJ)



Fonte: Acervo Digital do Instituto Moreira Salle. Disponível em <https://ims.com.br/acervos/fotografia/> (2021).

**Figura 6** – Cais do Ouro – Região do comércio de Salvador (início do século XX)



Foto: Acervo do Guia Geográfico Digital disponível em <http://www.salvador-antiga.com/comercio/antigas.htm> (2021).

**Figura 7** – Praça Marechal Deodoro (1912)



Foto: Acervo de Salvador Antiga disponível no Guia Geográfico Digital. <http://www.salvador-antiga.com/comercio/cais-ouro/antigas.htm> (2021)

A fotografia 6 traz o registro da Cais do Ouro no início do século XX. Uma fotografia publicada por João Pedroso que marca a imagem do Cais antes da urbanização promovida pelo governo de J. J. Seabra. A figura 7 é uma fotografia do Cais do Ouro que, após a reforma urbana, foi transformado na Praça Marechal Deodoro<sup>18</sup>. O cais foi como um dos principais e mais intensos comércios na região que, para ganhar mais espaço para atender a essa demanda, precisou ser aterrado, ainda no final do século XIX, passando pela reforma anos depois.

Além do cais dourado/Praça Marechal Deodoro, ainda na região do Comércio, não podemos deixar de falar sobre um dos grandes cartões postais da cidade desde a sua construção, o Elevador Lacerda<sup>19</sup>. Foi e ainda é responsável por ligar a parte baixa e a parte alta da cidade. Foi o primeiro elevador do mundo a ser utilizado como transporte público, um marco de modernidade para uma cidade que buscava se enquadrar a um padrão europeu de civilidade.

<sup>18</sup> A Praça Marechal Deodoro foi construída no lugar do antigo Cais do Ouro, onde existia uma das maiores feiras populares da capital baiana. Ela foi reformada no início do século XX e recebeu o nome do primeiro presidente da República. Sobre a praça, ver: <http://pelourinhodiaenoite.salvador.ba.gov.br/index.php/59-onde-visitar/monumentos-largos-pracas/1437-praca-marechal-deodoro>

<sup>19</sup> Sobre o elevador Lacerda ver <https://www.salvadorbahia.com/experiencias/elevador-lacerda/>

**Figura 8** – Elevador Lacerda com uma única torre



Fonte: Figura disponível no Guia Geográfico Digital Salvador Antiga <http://www.salvador-antiga.com/comercio/antigas.htm> (2021).

**Figura 9** – Docas do Arsenal da Marinha (1912)



Fonte: Figura disponível no Guia Geográfico Digital Salvador Antiga. <http://www.salvador-antiga.com/comercio/antigas.htm> (2021).

Na figura 6 temos uma parte do comércio em destaque, exatamente na localização do elevador Lacerda, ainda quando tinha apenas uma torre. O registro



foi feito pelo francês Sr. Mercier, por volta do ano de 1902. A parte de baixo da imagem era um hangar de barcos que pertencia a Marinha, que conforme os registros foi retirado no ano de 1912, na primeira fase do governo de J. J. Seabra, para a construção de uma das primeiras arquiteturas do mercado Modelo<sup>20</sup>. A figura 7 é o Elevador Lacerda reformado e abaixo do Elevador encontra-se o antigo Mercado Modelo, por volta dos anos de 1940.

Dentre as várias transformações da cidade, uma das mais comentadas e talvez a obra de maior relevância da primeira gestão do Governo de J. J. Seabra foi a abertura da Avenida Sete de Setembro. Ela aproximou a parte mais central da Cidade Alta da área nobre da cidade. Ela ganhou iluminação elétrica, tubulações para redes de água e esgoto, deixando a cidade limpa e organizada.

**Figura 10** – Construção da Avenida Sete de Setembro (1906)



---

<sup>20</sup> O mercado Modelo foi construído no início do século 20, quando a estrutura do bairro do Comércio de Salvador foi bastante modificada, inclusive com muitos aterros, para a ampliação do Porto. Antes existiam alguns centros comerciais, com seus próprios cais. Com o novo Porto, esses cais foram desativados. Para maiores informações sobre o mercado Modelo, ver: <http://www.salvador-antiga.com/comercio/mercado-modelo/antigo.htm>.

Fonte: Figura disponível no Guia Geográfico Digital Salvador Antiga. <http://www.salvador-antiga.com/vitoria/antigas.htm> (2021).

**Figura 11** – Construção da Avenida Sete de Setembro (1906)



Fonte: Figura disponível no Guia Geográfico Digital Salvador Antiga. <http://www.salvador-antiga.com/vitoria/antigas.htm> (2021).

A imagem 8 refere-se a um antigo cartão postal, por volta do ano de 1906, cujo autor não conseguimos identificar. Nele é possível visualizar o prédio do Senado, localizado na Praça da Piedade. Por volta do ano de 1913, diante do projeto de urbanismo demolidor do governo de J. J. Seabra, o lado esquerdo do prédio foi demolido, conforme visualizado na imagem 9, para dar passagem a Avenida Sete de Setembro.

Além da demolição de parte deste importante prédio que, assim como outros, marcou a construção histórica da cidade, a igreja do Rosário<sup>21</sup>, erguida no século

<sup>21</sup> A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é uma das mais importantes da cidade da Bahia. Construída no século XVIII tem sua história relacionada à diáspora negra que, desde a sua elevação à categoria de Ordem Terceira, permitiu a incorporação da devoção a outros santos de tradição afro-católica, por isso a liturgia dos cultos faz uso de músicas, cantos e danças da cultura africana. Para mais informações sobre a igreja de Nossa Senhora do Rosário, assim como outras obras que fazem parte do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional da Bahia (IPHAN) consultar <http://www.ipac.ba.gov.br/?s=Igreja+Nossa+senhora+do+Ros%C3%A1rio+dos+pretos&buscar> ou ainda no sítio <https://arquiocesalvador.org.br/tag/igreja-nossa-senhora-do-rosario-dos-pretos/>.

XVIII, teve suas belíssimas torres demolidas para dar passagem a Avenida Sete de Setembro.

**Figura 12** – Igreja Nossa Senhora do Rosário (1918)



Fonte: Figura disponível no acervo do Guia Geográfico Digital Salvador Antiga (<http://www.salvador-antiga.com/rosario/antigas.htm>) (2021)

A imagem acima é de um postal datado do ano de 1918. Consta no acervo do Guia Geográfico Digital, na seção Salvador Antiga, que este postal foi enviado a Turquia entre os anos de 1910 e 1911, e retornou ao Brasil no ano de 2014, mais de cem anos depois. Podendo ser acessado em formato digital, é um registro importante da memória e história de uma das mais belas igrejas da Bahia.

Ainda com relação à imagem da antiga rua do Rosário, vemos ao fundo, ao lado esquerdo da imagem, a igreja do Rosário. Parte dela, assim como a parte

frontal dos antigos prédios, à esquerda, foram demolidos para a passagem da Avenida Sete de Setembro<sup>22</sup>.

Sobre a Avenida Sete, uma das principais avenidas da cidade do Salvador, podemos dizer que sua construção foi marcada por consideráveis polêmicas. Projetada e inaugurada (1915) durante a primeira gestão do governo de J. J. Seabra, a avenida provocou questionamentos desde os recursos financeiros utilizados para sua obra, ao projeto arquitetônico que embasou sua construção.

Assim sendo, as ambiguidades e contradições presentes na modernidade também aparecem no contexto do projeto de urbanização da capital baiana que tinha como objetivo principal atender ao chamado do progresso e da civilidade. Durante o desenvolvimento urbano e a expansão econômica da cidade, os resquícios de um passado colonial que dava à capital um ar de cidade pacata, ainda que o comércio na região já fosse um tanto intenso, foram dando lugar a uma nova estrutura, por consequência a novos espaços-tempos para a vida cotidiana da população à época.

A Avenida Sete de Setembro, assim como o Porto e outros espaços destacados representaram o conceito arquitetônico dos grandes projetos de reformas urbanas iniciadas na Europa, mais particularmente em Paris, pelo Barão de Haussmann, tendo sua porta de entrada no Brasil pelo Rio de Janeiro, chegando a Salvador nas primeiras décadas do século XX. A construção desta Avenida serviu como um fio condutor e estruturante para a construção de outras grandes avenidas que ligam vários bairros importantes da cidade aos arrabaldes.

Partindo desta análise, é importante destacar outro espaço que surgiu como uma extensão da Avenida Sete, o Corredor da Vitória<sup>23</sup>. Este foi cobiçado pela elite local como sendo uma das melhores moradias da cidade. O padrão de construção de seus prédios era semelhante ao padrão das grandes metrópoles internacionais.

As imagens adiante registram o admirável Corredor da Vitória. Famoso por abrigar pessoas ilustres da nobreza baiana no século XIX, inclusive diplomatas e

---

<sup>22</sup> Sobre a Avenida Sete de Setembro ver mais informações na Fundação Pedro Calmon/Secretaria de Cultura do Estado da Bahia <http://www.fpc.ba.gov.br/2015/09/134/Avenida-Sete-de-Setembro-100-anos-de-historias.html>

<sup>23</sup> Para maiores informações sobre o corredor da Vitória acessar: <http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com/2011/03/corredor-da-vitoria.html>

estrangeiros, foi considerado um dos lugares mais bonitos da capital baiana por seus nobres e luxuosos casarões.

Em 1914, com a transformação causada pelas reformas de J. J. Seabra, a iluminação a gás deu lugar à eletricidade, e a rua foi alargada para a passagem da Avenida Sete de Setembro, assim como dos carros e bondes elétricos.

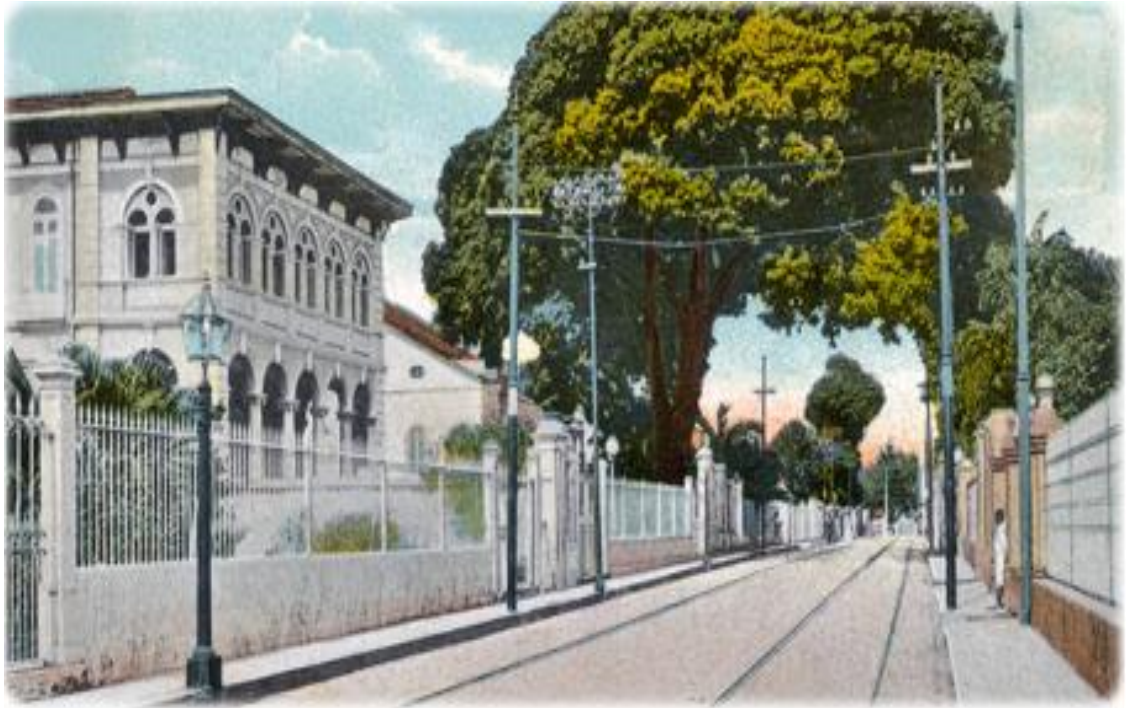
**Figura 13** – Corredor da Vitória antes da Reforma



Fonte: Figura disponível do Guia Geográfico Digital Salvador Antiga (<http://www.salvador-antiga.com/vitoria/antigas.htm>) (2021).

**Figura 14:** Corredor da Vitória após a reforma





Fonte: Figura disponível no Guia Geográfico Digital Salvador Antiga (<http://www.salvador-antiga.com/vitoria/antigas.htm>) (2021).

Nas figuras anteriores, temos na 11 o Corredor da Vitória antes do seu alargamento. Já na 12, na imagem registrada aparece o corredor já duplicado. É importante destacar que em ambas aparecem um casarão ao lado esquerdo, trata-se da primeira sede do Clube social Fantoches de Euterpe, que será descrito com profundidade mais adiante no texto.

Seabra sabia que precisaria muito mais do que intervenções no setor urbano da capital baiana. Além de resolver as questões relacionadas à abertura dos espaços, melhorias no saneamento básico evitando que a população adoecesse em virtude do acúmulo de águas paradas, lixo acumulado em encostas, dentre outras questões, ele entendia que a intervenção no espaço público era insuficiente para mudar os hábitos de vida da população, conforme aponta Pinheiro (2011), ao afirmar que,

A dificuldade de intervir no espaço privado para mudar hábitos e modos de vida faz com que o poder público, por meio das obras e da consequente valorização do solo na área central, retire dali a população pobre, que se desloca em direção a áreas específicas a ela destinadas. Para esse grupo, projetam-se, mas não necessariamente se constroem, conjuntos homogêneos de casas proletárias, dentro dos preceitos higiênicos, para deixar livre o centro, espaço apropriado pela burguesia. Esse constitui, pois, também um processo de exclusão na cidade (PINHEIRO, 2011, p. 240).

Além da questão higiênica, a sociedade elitizada também vislumbrava projetos de embelezamento da cidade, pois a estética passou a ser um aspecto importante para a construção de uma nova identidade, uma nova imagem para a cidade do Salvador. E neste sentido, houve o reordenamento da população em algumas na capital baiana, como em outras cidades do país.

No caso de Salvador, segundo Leite (1996), existiu uma particularidade tendo em vista as características e os interesses da população, pois enquanto São Paulo e Rio de Janeiro tiveram suas populações empurradas para as margens da cidade, na capital baiana, as mudanças na infraestrutura urbana não acompanhou essa ideia de expulsão das populações do seu centro. Pelo contrário, a população, em grande parte negra, permaneceu nos seus espaços e quem se mudou foi a elite.

Em virtude desta situação, com a concentração da população negra no centro da cidade, Leite (1996) afirma que as autoridades passaram a investir na criação de políticas de controle social que objetivaram disciplinar os costumes, bem como de “civilizar a cidade”.

Logo, à medida que a cidade cresceu, suscitou diferentes mudanças para atender às demandas de uma urbe moderna, como a ampliação dos espaços urbanos para que a população e comerciantes com suas mercadorias pudessem circular, a abertura de praças, e a modernização dos transportes que iriam demandar o alargamento das ruas para um melhor deslocamento, melhorando sua funcionalidade e se tornando acessível a um maior número de pessoas.

A topografia de Salvador foi destacada por muitos estudiosos como um dos principais problemas de organização da cidade. Pinheiro (2011) afirma que características advindas desta topografia dificultavam bastante o deslocamento, tanto das pessoas, como também de mercadorias. Tal fato contribuiu para a disposição do centro comercial, ficando este concentrado no centro da cidade. Nele era possível encontrar muitas atividades comerciais, de lá também saía uma grande quantidade de meio de transportes na direção de vários bairros da cidade, inclusive os mais distantes.

Ainda no que se refere à topografia da capital baiana, esta que se apresenta de forma acidentada, dividida em dois níveis, conforme já abordado, com escarpa acentuada, favoreceu um sistema defensivo no período da colonização, pois serviu de muralhas de proteção contra os ataques à capital (BRITTO; MELLO; MATTA, 2017). Já na transição dos séculos XIX - XX, essas características permitiram que

seus terrenos desnivelados promovessem uma divisão territorial, destacando em partes Alta e Baixa, acirrando a segregação social.

Localizada às margens do mar está a Cidade Baixa. Nela é possível encontrar, à época estudada, estabelecimentos relacionados à atividade portuária. Lá, a presença da Casa da Fazenda e da Alfândega, assim como o armazém, a ferraria e os demais serviços que atendiam a demanda do Porto.

Essa organização ratifica o que Saes (2008) aponta quanto à localização litorânea das principais cidades brasileiras até o final do século XIX, uma vez que a presença dos portos caracterizou, ao longo dos anos, o perfil da economia de muitas cidades pautadas no comércio de exportação dos produtos vindos do campo.

Dessa forma, é relevante ressaltar que ainda no final do século XIX os espaços que compunham a Cidade Baixa foram aterrados, ampliando a região Portuária. As avenidas ali já existentes foram alargadas contribuindo para que o espaço ganhasse novos edifícios, com estruturas mais modernas.

Destaca-se, ainda, que na parte mais central e baixa da cidade tinha-se uma organização de serviços e a concentração de grupos específicos da população, que atendiam as necessidades da época, como por exemplo, no bairro da Penha onde era possível encontrar as fábricas têxteis e alguns serviços de manufatura relacionados a produtos alimentícios. Na Conceição da Praia mantiveram-se muitas casas comerciais, cuja base de negócio era a venda em atacado nas mais variadas lojas e por muitos anos continuou movimentando a região com grande circulação de pessoas. Por fim, no sentido centro da península de Itapagipe era possível perceber um maior deslocamento e concentração de proletários.

Já na parte alta da cidade foi possível encontrar, nas primeiras décadas do século XX, resquícios históricos da capital da colônia, estes que fazem a parte central ter também grande importância para o povo baiano. Nesse mesmo período, tinha a manutenção do centro administrativo, religioso e comercial na parte central. Porém, no sentido Campo Grande encontrava-se um público mais elitizado, conseqüentemente, ocupando locais considerados ricos, como o Corredor da Vitória.

Muitos espaços e estruturas foram modificadas na cidade, o que alterou novos e distintos modos de vida da população. O que antes funcionava graças à mão de obra escrava, como o transporte de pessoas, o abastecimento de água e organização das casas, passou a funcionar de modo diferente em virtude das novas

tecnologias e do trabalho assalariado que, em parte, passava a valer com o fim da escravatura.

Vale ressaltar que, por muitos anos, Salvador sofreu com o abastecimento de água e com a falta de saneamento básico na cidade. O esgoto era despejado nas ruas e o mau cheiro fazia parte da rotina da população, pelo menos até que as chuvas chegassem. O que contribuía com os problemas de saúde da população que vivia concentrada nas regiões mais populosas da cidade.

Uma cidade civilizada e moderna tem de ser limpa e higiênica. Os engenheiros e os médicos estão à frente das transformações que se produzem na área urbana, para mudar as condições de salubridade de Salvador, incompatíveis com os ideais de uma sociedade civilizada. Mudar o aspecto de higiene da capital é um dos passos para atingir a modernidade (PINHEIRO, 2011, p. 204).

No entanto, percebemos que, de acordo com a autora acima citada, outras mudanças passaram a ocorrer quando Salvador se assumiu como uma cidade comercial. A situação da expansão e modernização dos transportes, por exemplo, levou a valorização do espaço e, por consequência, ao aumento da especulação imobiliária. Foi nesse momento que surgiram outros bairros semelhantes ao da Vitória, como Barra e Graça, os quais passaram por melhorias na urbanização e ganharam o acesso de bondes mais modernos, recebendo mais pessoas.

Diante desta condição de melhorias de alguns bairros foi possível observar que houve implantação de um melhor sistema de iluminação da cidade, sobretudo na parte central, pois, desde o século XIX o serviço oferecido era inapropriado, considerando a organização do espaço. No entanto, é importante salientar que alguns modelos de iluminação já utilizados em outras cidades serviram como referência, como os de Paris e Londres, que inicialmente funcionavam com lampião à base de gás carbônico (PINHEIRO, 2011).

À medida que a cidade foi se adaptando às recentes mudanças associadas ao novo tempo, foi possível investir na reestruturação dos espaços urbanos. Isso se deu quando Salvador se reafirmava como uma cidade comercial, o que permitiu, inclusive, a entrada de capital estrangeiro e possibilitou o intercâmbio com o comércio externo. Neste sentido, a administração pública obteve, junto aos estrangeiros, capital suficiente para implementar suas obras.

Desse modo, por muitos anos, os insumos e alguns materiais utilizados para tocar os serviços urbanos foram importados ou ainda copiados dos modelos europeus. E aos poucos a cidade foi se estruturando e introduzindo serviços como a colocação dos trilhos para os bondes, trocando toda a iluminação pública, deixando de lado os lampiões a gás, passando a utilizar materiais mais modernos (PINHEIRO, 2011), a rede de esgoto e o tratamento de água tiveram melhorias, sem falar nas ruas que foram alargadas e pavimentadas com paralelepípedo, material utilizado naquele momento.

Com a implementação das obras de urbanização da cidade muitos bairros foram crescendo para o sentido do litoral, no entanto o centro da cidade continuou muito cheio, seja na parte alta ou baixa, visto que ele foi se definindo socialmente com características bem funcionais. Dessa maneira as pessoas continuaram amontoadas em sobrados ou em casas térreas com os cômodos sempre muito cheios, pois, eram subdivididos e alugados a muitas famílias.

**Figura 15** – Ladeira do Pelourinho no final do século XIX (1859)



Fonte: Figura disponível no Guia Geográfico Digital Salvador Antiga (<http://www.salvador-antiga.com/pelourinho/antigas.htm>) (2021).

**Figura 16** – Ladeira do Pelourinho



Fonte: Figura disponível no Guia Geográfico Digital Salvador Antiga. Na publicação não foi possível identificar o exato ano em que a fotografia foi registrada (<http://www.salvador-antiga.com/pelourinho/antigas.htm>) (2021).

As imagens anteriores são registros da ladeira do Pelourinho em períodos distintos. O Pelourinho faz parte do Centro Histórico da cidade que esteve até o final do século XIX ocupado por senhores de engenho, desembargadores e grandes negociantes (MATOSO, 1992).

Na figura 13 temos uma fotografia de meados do século XIX (1859) na qual é possível identificarmos, à direita da imagem, algumas pessoas sentadas ao chão, em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, segurando uma espécie de guarda-chuva no que aparentam serem feirantes e suas mercadorias. Do lado esquerdo da ladeira, identificamos uma espécie de mastro/poste com candeeiros suspensos.

Na figura 14, conseguimos perceber algumas diferenças na imagem quando comparada com a anterior. Os mastros com os candeeiros foram substituídos por postes com fios, o que nos dá a ideia da chegada da eletricidade na cidade, no início do século XX.

Diante dos estudos de Pinheiro (2011) e Risério (2004), inferimos que as habitações eram malconservadas, muitas inclusive já em ruínas e com péssimas condições de higiene. A população que habitava os sobrados no centro da cidade era constituída por pessoas pobres, por negros alforriados que, mesmo com a

liberdade, não conseguiam qualquer auxílio que os ajudassem em sua sobrevivência. A permanência desta população no centro da cidade se dava por necessidade, pois muitos circulavam entre os comerciantes em busca de oportunidade diária de trabalho.

Mesmo com o processo de reestruturação da cidade iniciado no final do século XIX, que culminou no crescimento dos bairros e no alargamento das avenidas, o Centro da cidade continuava com problemas nas habitações, sendo estas insuficientes para a quantidade de pessoas que ali viviam. O retrato desta parte da cidade demarcava a realidade vivida até as primeiras décadas do século XX. Com uma estrutura colonial que favorecia o acúmulo de muitas pessoas num mesmo lugar, as consequências, no que se refere à higiene e insalubridade das ruas, contribuíam para o aumento das epidemias da época, como febre amarela e varíola.

Logo, diante da preocupação com as condições de saúde da população, que durante todo o século XIX esteve por várias vezes comprometida, principalmente dos habitantes da parte central, nos primeiros anos do século XX, os líderes políticos e a elite passaram a idealizar mudanças que transformassem a cidade num espaço higiênico, funcional, limpo, bem administrados e esteticamente modernos.

De acordo com Fernandes e Gomes (1992), este projeto idealizado por políticos influentes e a elite, teve três focos de transformação: o espaço público, o espaço privado e o modo de vida das pessoas. Na tentativa de estruturar os comportamentos individuais e coletivos, o projeto visou intervir no fluxo de normatizar as habitações, por consequência, a população teve sua vida familiar, privada invadida.

Partindo do entendimento deste projeto, com a inserção de uma ideologia capitalista, Salvador precisou mudar sua estrutura para se adequar as novas necessidades. O acesso ao porto, por exemplo, precisou ser melhorado, uma vez que a capital e toda a região tinha sua economia com base na agro exportação.

Para que essa melhoria acontecesse seria necessária uma intervenção nas ruas sinuosas e muito estreitas da região central da cidade para que se tivesse mais rapidez, melhor acessibilidade. Nesse mesmo movimento pretendia-se resolver os problemas de toda a mobilidade urbana melhorando e implantando novos meios de transporte.

Já no tocante ao aspecto estético da cidade, herança do século XIX em virtude da chegada de modelos estrangeiros, como o de Paris e o dos Estados Unidos, a cidade também tratou de se reestruturar.

Assim, as ruas e praças públicas ganharam esculturas para dar características mais cenográficas, embora vale ressaltar que isso acontece com base nas mudanças em Paris (XIX), pois as esculturas eram marco importante nas mudanças ocorridas na reforma Haussamaniana. Aqui na capital baiana, elas tornaram-se grandes e importantes atrações visuais.

A figura adiante retrata o imponente Monumento ao Dois de Julho em fase final de sua montagem, numa fotografia assinada por Rodolpho Lindemann, no ano de 1895, no Largo do Campo Grande. O Monumento é considerado um dos mais belos construídos no continente americano.

Puppi (2009) destaca que a construção dos monumentos arquitetônicos em Salvador foi uma das questões relevantes para os dirigentes da época. Eles consideravam que, assim como os monumentos tiveram um papel importante na reconstrução de Paris e por consequência para a sua história, na capital baiana não seria diferente, inclusive porque outros centros republicanos brasileiros já traziam construções monumentais em suas estruturas urbanas, além de denotarem uma ideia de nobreza.

**Figura 17** – Monumento ao Dois de Julho (1895)





Fonte: Figura disponível no Guia Geográfico Digital Salvador Antiga (<http://www.salvador-turismo.com/largo-2dejulho/antigas.htm>), 2021.

Nas demais construções houve uma necessidade de mudar os contrastes existentes, por exemplo, entre os prédios religiosos e os residenciais. O primeiro se destacava pela opulência e riqueza na construção de detalhes, o segundo pela falta de originalidade (PINHEIRO, 2011). Sendo assim, em virtude da influência parisiense baseada em sua escola de belas artes, os edifícios foram construídos com base no ecletismo arquitetônico. Esse ecletismo, por sua vez, se deu pela possibilidade de juntar elementos da arquitetura clássica, medieval, renascentista, barroca e neoclássica. Todos eles marcaram importante presença no século XIX.

Dessa forma, a cidade foi aos poucos mudando seu cenário. Os mendigos foram retirados das ruas e levados para albergues (PINHEIRO, 2011), a nova elite deixou seus sobrados escuros, mal ventilados e passou a viver em novas mansões na Vitória, acreditando ser essa forma a melhor estratégia para se alcançar a modernidade e o progresso.

Diante do movimento de mudança idealizado pela elite, a população da cidade, em geral, passou a cobrar que houvesse uma reforma que atendesse as necessidades de todos, não apenas da elite, conforme anunciado no Jornal de Notícias do ano de 1912.

'Higiene nas ruas', 'Saneamento geral e esthetico', 'Approvo o remodelamento completo de todo o districto da Sé', 'Ruas largas e iluminadas', 'Architectura, mas architectura de um novo estylo moderno', 'De tudo quanto precisa uma cidade moderna', 'Avenidas, calçamentos, edificios', 'Melhoramentos materiais' (Jornal de Notícias, 1912, n.p.).

Vale ressaltar, conforme já destacado, que essa mesma elite teve o apoio da imprensa que era totalmente favorável à reforma e que, por isso, ajudou a influenciar a população acerca dos “benefícios” das mudanças oriundas, porventura, da reforma, mesmo diante da derrubada de construções importantes para a história de uma Salvador colonial.

Em meio à derrubada do passado representado pelos antigos casarões e monumentos, foi surgindo, na segunda década do século XX, uma nova cidade e uma nova forma de sociabilidade, que por consequência, ajudaria na formação de um ambiente bom, e um homem bom (PEREIRA, 2011). A estética que acompanha a modernidade foi se consolidando nas novas construções, na abertura das avenidas e no crescimento da cidade em direção ao mar.

Mesmo com o fim do segundo mandato de Seabra (1920 – 1924), a capital baiana continuou na linha de estruturação urbana com o prefeito engenheiro Sr. Francisco de Souza. Ele iniciou um programa de melhoramentos que foi se intensificando, seguindo uma linha de melhoria estética da cidade com foco também no conforto, atendeu ao centro da cidade, demais bairros, chegando até os subúrbios.

Engenheiro notável, com brilhantes tradições de administrador, o Sr. Francisco de Souza ingressou na Perfeitura do Salvador para realizar uma gestão fora do Typo commun e vae levando vencida, sob applaulos geraes, o seu programma de modernização condigna de nossa urbs (ETC, 1929, n.p.).

A notícia em destaque faz referência a nova fase de modernização da capital baiana, tendo em vista um movimento político diferente do período de Seabra. Com a presença de um engenheiro governando a cidade que, certamente com olhar diferenciado, colocou em ordem a administração da cidade e iniciou seu programa de melhoramentos que foi se intensificando durante todo o período de sua gestão, conforme destaque.

Essa questão do tráfego de veículos é mais importante do que parece, à primeira vista.

Elles constituem por assim dizer o sangue arterial do organismo urbano, sendo preciso fazê-los circular livremente para que esse organismo se desenvolva (ETC, 1930, n.p.).

Diante da nova fase de modernização na estrutura urbana, o fragmento destacado trata-se do recorte de uma publicação no jornal ETC – BA, no ano de 1930, numa coluna intitulada “um facto incontestável”. Na notícia o assunto em questão refere-se ao calçamento nas ruas da cidade. Foi feita menção a importância da colocação do empedramento, conhecido como “parallelipipedeo” nas várias ladeiras que eram intensamente movimentadas e que estavam situadas fora do centro urbano, nos chamados “bairros da pobreza”, eram obras que beneficiavam a população menos abastada.

Na notícia é possível identificar também aspectos referentes ao acúmulo de água da chuva. Em virtude dos problemas de saneamento básico e esgotamento sanitário, as águas se acumulavam nas encostas das ladeiras, formando lamas que escoavam até o declive das vias públicas, impedindo o trânsito de pessoas e o tráfego de veículos.

A situação de Salvador era muito comum às cidades com características coloniais. Uma forma de minimizar algum dos problemas relacionados ao urbanismo foi modernizar os calçamentos das ruas, praças e logradouros públicos, inclusive alargando o que era possível para facilitar o deslocamento.

Contudo, houve dificuldades em realizar simultaneamente obras de pavimentação “moderna” em todas as principais ruas e praças da cidade. O Sr. Francisco, então gestor, adotou o critério de fazer pavimentação nos espaços onde já existia uma grande circulação de veículos, deixando-os em melhores condições de tráfego.

### 2.3 A CIDADE DO SALVADOR E OS MODOS DE VIDA DE SUA POPULAÇÃO

A partir do entendimento de como se deu a economia da cidade e os aspectos políticos que marcaram as primeiras décadas do século XX, achamos por bem estreitarmos um diálogo sobre o cotidiano das pessoas que viviam em Salvador

entre os anos de 1912 e 1935, a fim de compreendermos como estas questões, junto às transformações urbanas impactaram nos modos de vida da população.

Para tanto, iniciamos esse diálogo retomando alguns aspectos político-econômicos, de forma breve, apenas como ponto de partida para aprofundarmos as questões de natureza sociocultural ao longo desta narrativa.

Assim sendo, partimos do entendimento que Salvador teve sua economia afetada por algumas conjunturas, dentre elas, o crescimento de outros centros econômicos como São Paulo e Rio de Janeiro, conforme discutido no subcapítulo anterior. Desse modo, até os anos de 1940, a economia baiana cresceu lentamente devido a falta de dinamismo ou mesmo pela instabilidade do setor agroexportador, considerando que algumas regiões do estado, como o Recôncavo, por exemplo, sempre foram mais eficientes em termos de atividades econômicas do que a capital (ALMEIDA, 2008).

Quanto ao setor industrial, este só veio apresentar uma dinâmica crescente a partir de 1950. Antes disso, as pequenas empresas fizeram movimentar timidamente a economia local com produtos de artesanato e alguns produtos têxteis. Apesar das incertezas no campo industrial, o comércio, internamente, manteve a circularidade da economia, continuou funcionando e suprindo as demandas da população local.

Durante o projeto de modernização da cidade, o bairro comercial foi reformado, e a elite soteropolitana ocupou novas áreas residenciais (ALMEIDA, 2008; FREIRE, 2020). Com o deslocamento da elite para outros espaços, os serviços de infraestrutura começaram a acontecer na parte central da cidade, inclusive, expandindo-se para outras regiões mais afastadas do centro.

Com a reforma e expansão da Avenida Sete de Setembro, o comércio local foi ampliado, os comerciantes passaram a realizar suas atividades de compra e venda de mercadorias, tanto na Cidade Alta quanto na Cidade Baixa. No entanto, segundo Freire (2020), o comércio na parte baixa da cidade ganhou mais expressividade com a reforma e ampliação do Bairro das Nações (Bairro do Comércio). De acordo com o autor, a comercialização dos produtos era diferente. Na Cidade Alta era comum encontrar calçados e vestimentas, já na Cidade Baixa os gêneros alimentícios tinham destaque, como peixes, frutas, leguminosas dentre outros.

Embora a reforma do centro da cidade tivesse alavancado a economia dos comerciantes da região, não podemos deixar de ressaltar que outros aspectos

também influenciaram na economia baiana, como a limitação da oferta de energia elétrica, conforme discutido anteriormente, o que acabou sendo um dos pontos cruciais para estreitamento da economia baiana, e o atraso na reforma e modernização do porto de Salvador.

Do ponto de vista urbanístico e da ocupação da cidade, podemos dizer que historicamente Salvador foi uma cidade marcada pela segregação espacial e racial. Antes da reforma de J. J. Seabra, as ruas da cidade eram estreitas com pouca iluminação e com limitações na circulação do ar, causando insegurança e desconforto aos seus moradores.

As moradias à época, ao menos a grande maioria, eram estilo sobrado e ou casas baixas, no formato térreo. Com estrutura precária, muitas vezes em ruínas, havia muita insegurança quanto aos aspectos de higiene, pois eram várias pessoas morando num mesmo espaço, num momento que havia muitas dificuldades quanto ao tratamento de água e esgoto, cujos dejetos das casas eram despejados no mar da baía de todos os santos.

Estes sobrados eram ocupados por escravos alforriados à procura de oportunidade de trabalho na cidade. Haja vista que, com a proibição do escravismo no Brasil (1888), houve uma intensa imigração destes negros do campo para a cidade da Bahia, o que à época provocou grandes prejuízos financeiros aos fazendeiros, em virtude da diminuição da mão de obra e/ou o abandono da lavoura.

Por isso, há que se dizer que grande parte da população economicamente ativa era formada por descendentes de escravos e, por não terem, na maioria das vezes, condições de leitura e escrita, empregavam-se em setores como a construção civil e seus serviços pesados, pequenos comércios varejistas, espaços para a produção de artesanatos e serviços pessoais (ALMEIDA, 2008).

A diminuição da mão-de-obra disponível no campo produziu dois impactos distintos: (1) prejuízos para a lavoura e crescimento considerável nos números da população urbana, fruto, entre outros motivos, da imigração desses mesmos ex-escravos do campo; (2) transferência de investimentos para atividades modernas, como o transporte público, instituições bancárias, comércio e imóveis (ANDRADE; BRANDÃO, 2009, p. 65).

Quando da reestruturação da cidade, a Salvador modernizada passou a compor espaços que eram habitados por pessoas com classes sociais distintas,

conforme interesse da burguesia local. E assim cada bairro tinha uma função definida implantada pela Reforma Seabrista que, diante da nova estrutura urbana, ratificou a segregação socioespacial de cidade.

A elite, por sua vez, criou espaços com interesses de minimizar a frustração da não materialização de uma cidade europeizada. Para isso, bairros como Barra, Ondina e Vitória foram criados e passaram a ser ocupados por esse público que possuíam semelhanças socioeconômicas.

A partir de então, teve-se uma distinção entre bairros comerciais e bairros residenciais, assim como entre bairros pobres e bairros ricos. Os bairros considerados pobres encontravam-se na região central da cidade que não foi reformada, ou de acordo com Pinheiro (2011), foram para a direção norte do centro da cidade, como os bairros de São Caetano e Liberdade.

Diante destas (re)definições espaciais os valores dos aluguéis também contribuíram para a definição do perfil da população que ocupou os espaços da cidade. Desse modo, a população da capital baiana se espalhou considerando os interesses da elite local.

Não podemos deixar de destacar que as atividades comerciais da cidade andavam de mãos dadas com as questões habitacionais. Tal fato ratificava o deslocamento contínuo dos moradores do centro da cidade para favorecer o comércio na região. Dessa forma, muitas residências deram lugar a estabelecimentos comerciais para a comercialização de tecidos, por exemplo, assim como a escritórios de advocacia, agências bancárias e consultórios médicos (SANTOS, 1990).

À medida que o centro foi se transformando, a elite continuava solicitando aos gestores mais mudanças que pudessem aproximar a capital da Bahia ao modelo europeu e carioca de cidade moderna. No momento em que houve essa divisão dos espaços entre bairros residenciais e comerciais, o que pode ser modificado na parte central, assim foi feito.

Entre as mudanças realizadas, observamos que algumas sedes de clubes sociais mudaram de endereço, mantendo-se ainda no centro, mas outras foram deslocadas para outros bairros, muitas vezes pela necessidade de ter mais espaço para ampliar sua sede atendendo as necessidades de seus associados. Ora pelo aumento do número de pessoas vinculadas ao clube, ora pela necessidade de construir sedes maiores e mais imponentes.

Na parte central da capital baiana, mais especificamente na Cidade Alta, concentravam-se as igrejas que, historicamente, deram ao lugar o status de centro religioso, até os dias atuais. A relevância de suas catedrais, bem como dos diversos casarões construídos ainda no século XVI, da presença dos clubes dançantes, dos clubes carnavalescos, da biblioteca central da cidade e de importantes praças, deram ao lugar o título de Centro Cultural (FREIRE, 2020). Hoje, por todos estes aspectos apontados e por concentrar ali a história de criação da cidade, sendo, portanto, o lugar um marco relevante quanto à herança afro-brasileira e símbolo de resistência, essa região é reconhecida como Centro Histórico da Cidade de Salvador e foi tombada em 1985 como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

Nesta mesma região, mediante riqueza acumulada com o período de negociação do açúcar do século XVI a meados do século XIX, também foram construídos outros grandes casarões e construções importantes à época, como a Santa Casa da Misericórdia, o Convento, o Colégio dos jesuítas, dentre outros (BRITTO; MELLO; MATTA, 2017).

Os contrastes socioeconômicos continuaram presentes, mesmo com a reestruturação da cidade, boa parcela da população ainda vivia em condições precárias. Esta falta de recurso, presente desde os séculos passados, repercutiu nas condições atuais da constituição dos territórios de pobreza na cidade, e assim o são até os dias de hoje. Esta situação se deu em atendimento a uma lógica imobiliária capitalista que direcionou e direciona os “pobres” para as áreas periféricas, menos valorizada, desde sempre.

Para Soares (2009), em Salvador a segregação é um marco bem específico. Ela se estabelece na separação da população por classes econômicas que vai repercutir diretamente nas questões raciais. Na perspectiva do autor, há uma relação clara que aponta que os bairros pobres são habitados por uma população negra e os bairros ricos por uma população branca. Soares (2009, p. 87) afirma que “[...] a pobreza não é um estado social natural, mas o resultado de um processo histórico de exploração, expropriação, discriminação [...]”.

Tal situação nos leva a refletir sobre os negros, no pós-abolição, que vinham de outras regiões do estado para a capital baiana em busca de melhores condições de vida e de emprego. O que para eles significava a possibilidade de uma vida melhor, acabou por se tornar, para alguns, outro tipo de martírio. Pois, em virtude do súbito aumento da população negra livre, conseqüentemente houve também o

aumento populacional, gerando a carência de moradias para essa população que não era absorvida pelo mercado formal de trabalho, aumentando o crescimento dos cortiços e outros tipos de habitação consideradas insalubres. Sem contar com o grave problema de saneamento básico da cidade, com a inexistência de um serviço de esgoto e abastecimento de água em toda a zona urbana.

Projetos com perspectiva higienizadora faziam parte da modernização tão desejada para as cidades brasileiras. No entanto, Conceição (2010) aponta em seus estudos que para este tipo de projeto eram muito comuns a presença de problemas de ordem de estrutura e infraestrutura urbanas, e que conseqüentemente incorporaram questões de ordem social, o que aconteceu com a capital baiana.

O que faziam estas pessoas durante o dia na parte do Centro e região comercial da cidade? E a noite, qual era o tipo de movimento realizado neste mesmo espaço? Nos registros literários e nas fontes primárias consultadas, encontramos referências que apontam que os trabalhadores desta região desempenhavam seus ofícios cotidianos. Muitos trabalhavam como carpinteiros, carregadores, estivadores etc. (CONCEIÇÃO, 2010). Destes trabalhadores, alguns realizavam serviços mais autônomos e outros tinham ocupações fixas. No entanto, no período noturno, muitos desses trabalhadores frequentadores desta região mais central da cidade contribuíam para uma vida mais mundana.

Vale ressaltar que o Centro da Cidade foi um lugar de divertimento e sociabilidade da população da cidade e, sobretudo, para quem viveu na região à época. Encontramos nas fontes pesquisadas, registros da presença de clubes sociais, clubes de dança, teatros, clubes carnavalescos, estes últimos que deram notoriedade as batucadas e cordões, o que por muitos anos, tornaram-se protagonistas do carnaval baiano (ICKES, 2013).

Para Castellucci (2001) por volta da década de 1920, mais da metade da população era composta por trabalhadores informais e estas informalidades eram percebidas da maneira como relatada abaixo:

[...] por meio de expedientes não convencionais, desempregados ou subempregados, ou mesmo engrossando as fileiras dos desocupados, miseráveis e desvalidos. A situação se refletia claramente na existência de um comércio ao ar livre hipertrofiado, formado por muitas pessoas que vendiam produtos ou serviços, de modo itinerante ou fixando-se num determinado ponto, rua, avenida,



praça etc. da cidade. Suas práticas lembravam a dos numerosos ganhadores da velha Bahia (CASTELLUCCI, 2001, p.17).

A cidade do Salvador, portanto, era uma cidade cuja população era de maioria negra e desempregada, vivendo, em muitos momentos, na informalidade, conforme relatado. A elite econômica, por sua vez, com base numa linha “higienizadora” de projeto de modernização, visava à padronização das habitações e a estruturação dos comportamentos da população, pois aquela realidade não condizia com o ideário de modernidade almejado.

Esta elite, pela tão sonhada Salvador europeizada, acreditava na ideia de controle do modo de vida da classe popular e dos trabalhadores. Para ela, as práticas populares, hábitos e costumes dessa população eram considerados incivilizados e, se melhorados, poderiam influenciar de maneira positiva os aspectos de insalubridade da cidade.

Como a qualidade de alguns serviços ainda não tinham chegado para todos, observamos que o acesso à água, por exemplo, era muito restrito a determinadas regiões, conforme observamos em destaque numa nota no Jornal A TARDE:

Na Bahia tudo são dificuldades e atrasos, por menos que pareça, ou por mais que a cidade tenha anseios de progresso. A torneira é sem água, a lâmpada é sem luz, o bonde é sem horário, a rua é sem asseio, o jardim é sem sombra, tudo incompleto, numa deficiência que, às vezes, importa anulação. (A TARDE, 25 set 1926, p. 2)

Ainda no que tocante ao assunto sobre acesso à água e saneamento básico, encontramos uma matéria no Jornal A TARDE que vai, justamente, tecer comentários sobre a gravidade dos problemas relacionados ao abastecimento e distribuição de água, assim como no serviço de rede de esgotos.

Água! Água! Água! Desorganizaram-se os serviços de abastecimento da água à cidade – O indispensável elemento rareia, dia a dia – Em Itapagipe e todo bairro comercial além de verde é o mesmo mal cheiroso. [...] Não se conhecem ainda as providências que esta desorganização num serviço de tamanha relevância está a exigir. Ellas surgem, porém. Pena de, aos males que pesam sobre esta terra e que lhe desafiam a tradicional paciência, ser, de uma vez por todas, sobreposto o da sede e da sujeira (A TARDE, 22 mar 1935, p.2).

Tal fato demonstra o quanto a situação incomodava a elite econômica, indicando, possivelmente, que este grupo social negava a formação a existência de uma importante cultura de identidade negra. O que configurava desde aquele momento na/da história da Bahia as questões complexas que envolvem os aspectos étnicos na região.

Ainda no tocante aos problemas de ordem social, é importante fazermos um rápido destaque quanto ao precário serviço de transporte, conforme discutido anteriormente, haja vista que a existência, a melhoria dos meios de transportes e o acesso a eles, foi escasso aos pobres e negros, por muito tempo. Já para a elite abastada, com a presença das linhas de bondes e outros transportes ligando o centro a outras partes da cidade às moradias em outros bairros da cidade, que não o centro, passavam a ser possíveis e mais atraentes. Isto fez com que os habitantes do lugar se deslocassem “abandonando” seus casarões, promovendo o aluguel e a sublocações destes para pessoas com menores condições de renda, o que conseqüentemente, comprometeu a preservação e manutenção do espaço (ESPINHEIRA, 1975).

O que aconteceu com a reforma urbana em Salvador não difere em nenhuma característica do que acontece em outras capitais, como o Rio de Janeiro. A necessidade da elite pela tão sonhada cidade moderna, com suas largas ruas e iluminadas avenidas, fez com que os governantes, praticamente em ambas as capitais, afastassem para outras áreas da cidade a pobreza e a miséria.

É diante deste cenário que nos debruçaremos a discutir este e o próximo capítulo, considerando as mudanças ocorridas diante do processo de reestruturação da cidade e seus impactos relacionados à dança enquanto fenômeno cultural já presente nos clubes da cidade entre os períodos de 1912 e 1935, de acordo com Del Priore e Amantino (2013), inclusive os localizados no centro da capital baiana. Neste sentido, buscaremos dialogar acerca do perfil do público frequentador destes clubes, destacando possíveis alterações, juntamente com a mudança de localização de alguns deles, fechamento e aberturas, reflexos de problemas políticos e econômicos vividos pela população na época e seus possíveis impactos no contexto da dança.

### 3 DANÇA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES HISTÓRICAS

Para iniciarmos uma discussão acerca da dança no contexto da capital baiana, faremos uma breve abordagem histórica sobre sua origem e presença no cenário mundial para melhor compreendermos sua chegada à Salvador. No entanto, é importante destacar que existem algumas formas distintas de tratar a dança em seu contexto histórico.

Neste sentido, vale ressaltar que autores, a exemplo de Fahlbusch (1990), tratam a dança ao longo de sua evolução histórica destacando suas características quanto ao cunho artístico e social. Marques (2003), por sua vez, sugere uma divisão com base em danças voltadas para o lazer e danças com características teatrais ou artísticas. Já Faro (1998) apresenta em seus estudos características étnicas, folclóricas e culturais, bem como as teatrais. Assim, vale dizer que estas características, ou mesmo divisões, estarão presentes no decorrer deste capítulo. No entanto, será dado maior enfoque aos aspectos culturais presentes nestas distintas formas de caracterizar historicamente a dança.

Tendo em vista os primeiros indícios da dança na era primitiva, a partir de registros arqueológicos, nos apoiaremos inicialmente nos estudos de Faro (1998) quando destaca que a dança nasceu da religião ou, senão, junto a ela. Foi praticada desde a era primitiva, como um tipo de linguagem em que o corpo era a sua maior expressão. Naquele período também representava todas as possibilidades de acontecimentos sociais, seja nascimento, colheita, casamento, caça, festa.

**Figura 18** – Dança em Arte Rupestre



Fonte: Disponível em <http://www.histdanca.blogspot> (2019).

Ao considerar estes primeiros registros, compreendemos que os movimentos corporais realizados por homens e mulheres que viveram na era primitiva podem ter contribuído para a criação de uma sequência de movimentos que acabaram por representar o primeiro tipo de dança, conforme observado em registros gráficos, como visto anteriormente.

Os desenhos registrados nas paredes das cavernas anunciavam, conforme imagem anterior, através da arte rupestre, os rituais que envolviam movimentos dançantes, enquanto uma linguagem expressiva. Os desenhos mostram pessoas em volta de animais, fazendo gestos, saltos e, possivelmente, corridas que pudessem imitar os animais, seja para espantá-los, como também para capturá-los, uma vez que estes movimentos estavam relacionados à sobrevivência.

As danças animaiscaas imitativas ou não, circulares, lunares, fúnebres, de máscaras, dentre outras, fizeram parte da cultura destes povos, conforme destaca Caminada (1999). A autora ainda reforça em seus estudos que, no processo de transição destas civilizações, as culturas antigas contribuíram para o surgimento de novas culturas, conseqüentemente, de novas formas de dança, assim surgiram as danças com ênfase na sexualidade, na sedução, sobretudo no jeito de dançar, que a partir deste momento passou a ser, em algumas situações, praticadas em pares, o que não acontecia com frequência em comunidades e/ou antigas tribos.

Neste sentido, as danças de caráter religioso relacionadas à magia, às divindades, ao serem liberadas pelos sacerdotes para serem praticadas fora dos templos, ou banidas deles, foram incorporando características populares, sendo experimentadas em lugares públicos, como praças, vilas e, aos poucos, se transformaram em danças consideradas folclóricas.

Franco e Ferreira (2016) destacam que a dança representava para a igreja uma forma de atrair adeptos, uma vez que uma parte considerável da população praticava a dança. Porém, diante da necessidade da igreja em esconder seus segredos, bem como de demonstrar domínio e poder diante da população, as manifestações corporais, dentre elas a dança, foram consideradas indesejadas por representar o pecado e dessa forma passaram a ser executadas novamente nas praças e ruas.

Para estes autores, a presença masculina diante da prática da dança naquele momento era muito marcante. A igreja, que por várias vezes agiu de forma contraditória, acreditava que a dança contribuía para que os homens se tornassem afeminados, tanto pelas indumentárias extravagantes disponíveis para uso, como pelos gestos e movimentos provocados por ela, independentemente do tipo de dança. Ao mesmo tempo, a dança foi usada pela própria igreja em rituais macabros para exorcizar o corpo de doenças e infortúnios.

A dança na idade média era proibida pela igreja, pois toda manifestação corporal, segundo o cristianismo, era pecado, assim como seus registros. Porém, os camponeses, de forma oculta, continuavam executando suas danças que saudavam suas crenças e manifestações populares. Depois de várias tentativas de proibição, a Igreja sentiu a necessidade de tolerar essas danças e, por não conseguir extingui-las, deu um ar de misticismo nas manifestações pagãs (TADRA, 2009, p. 23).

No processo de construção da dança, percebemos que sua prática também foi utilizada como forma de protesto, nos momentos de censura verbal. Dessa forma, foi modificada de acordo com cada contexto histórico cultural, mas também modificou os elementos das sociedades, pois esteve presente entre grupos diferentes (camponeses, índios, negros, brancos e operários), por vezes, foi também compreendida como arte, ludicidade, festa, profissão, diversão, movimento, consumo.

Partindo para a perspectiva da dança teatral, os registros históricos não trazem um marco pontual para sua origem. Porém, há indícios que este tipo de dança esteve presente no Império Romano na figura dos saltimbancos e acrobatas, figuras estas que apresentavam sua dança num formato de exposições com muitos saltos.

Lara (2011) faz referência à dança presente nos teatros gregos, nas arenas em Roma, onde se viam espetáculos sangrentos de animais selvagens e gladiadores, nas festas orgíacas, bem como nas cerimônias religiosas. A autora reforça que na Grécia a dança era acessível a toda população, uma vez que os gregos eram sensíveis a este tipo de manifestação. Ela promovia a comunicação entre as pessoas e se tornava constituinte da formação educativa e do caráter.

A partir da compreensão do processo que envolveu a presença da dança no contexto de diferentes civilizações ao longo dos anos, avançaremos no diálogo

destacando a dança num tempo e espaço mais próximos dos dias atuais, buscando entendê-la como um fenômeno cultural que acompanhou, ao longo da história, o processo de evolução da humanidade. Dessa forma, autores como Franco e Ferreira (2016) consideram que o século XVII foi um marco importante na existência da atividade, no que tange os aspectos técnicos, sociais, estéticos e culturais.

Esse período foi marcado pela transição entre a Idade Medieval e a Era Moderna. Em meio ao processo de transição histórica, percebemos que a dança se transformou e contribuiu para as transformações do ser humano. Para Lara (2011), ela representa uma forma de comunicação entre pessoas, divindades, em épocas remotas e atuais.

Entre os tipos de dança presentes nas mais diversas civilizações, temos a dança de salão que, para Faro (1998), surgiu quando a igreja católica, ainda na idade média, diminuiu sua proibição. Dançada pelas classes consideradas “superiores”, a valsa vienense, tipo de dança de salão praticada naquele momento, é a mais antiga das danças de salão tradicional. Ao mesmo tempo em que encantava toda a sociedade pela forma como os corpos, enquanto estética do movimento, se apresentavam nos salões, também foi criticada e, por vezes, proibida por infringir os ditos bons costumes e a decência.

Vale ressaltar que a aristocracia francesa, no século XVI, abandonou momentaneamente a prática da valsa por sua estreita relação com a cultura plebeia, o que justifica, segundo Faro (1998) ela ter ficado de fora das grandes discussões históricas envolvendo a dança. A burguesia estava em crescimento e a prática da valsa foi questionada por afrontar os bons costumes impostos pela aristocracia, ao mesmo tempo, manter o bom gosto, o refinamento no comportamento e o ambiente elegante que, de acordo com Faro (1998), diferenciava-se da classe popular.

Entre os autores, com os quais dialogamos até o presente momento, há um consenso de que o século XVII é considerado um marco na existência da dança pelos referenciais que hoje a concebemos, principalmente porque ela pode ser visualizada de diferentes formas, tais como elemento artístico, técnico, social, estético e cultural.

Para Franco e Ferreira (2016), vários movimentos revolucionários aconteceram ao longo desses anos, como por exemplo, a chegada da sapatilha de ponta no lugar de calçados de madeira; os tecidos esvoaçantes no lugar das sacarias e brins; a composição de efeitos cênicos; a presença marcante da figura

feminina no cenário da dança, dentre outros elementos considerados importantes. Tais movimentos deram novos significados à dança em comparação com as manifestações históricas e culturais dos povos.

Ainda, para as autoras supracitadas, estes movimentos destacados foram um marco importante no final do século XVIII e todo século XIX, devido à presença marcante do balé no cenário da dança, tratando do seu auge, momento em que apenas a burguesia tinha acesso, mas também da sua popularização.

Logo, após esta aproximação inicial com a história da dança em diferentes tempos e espaços, buscaremos um aprofundamento no tocante a sua presença no Brasil para atendermos as necessidades deste estudo. No entanto, vale ressaltar que a história das danças construídas e experimentadas em nosso país traz uma lacuna importante no que se refere à produção bibliográfica local, principalmente, de material referente ao século XIX e meados do século XX, quando nos referimos neste estudo à cidade do Salvador.

### 3.1 DOS PASSOS DA DANÇA NO BRASIL A SUA CHEGADA EM SALVADOR

Diante da escassa produção historiográfica da dança no recorte temporal desejado para a realização deste estudo (1912 – 1935), no que nos foi possível acessar, identificamos, inicialmente, uma compreensão da história da dança em Salvador em uma versão de caráter mais técnico, marcada por padrões e normas, que se inicia com a chegada da família real portuguesa em terras brasileiras.

Logo, frente à chegada da família real no país foi necessário criar condições favoráveis para sua permanência. Assim, Francisco Filho (2001) aponta que seus costumes, crenças e educação precisavam ser preservados, e uma das possibilidades para isto acontecesse foi deixar que a dança se tornasse aqui um hábito a ser acessado por eles, uma vez que em Portugal era de hábito cotidiano o acesso às artes, principalmente a música e a dança.

Outra forma de preservar os hábitos e costumes cotidianos da família real foi através dos jesuítas, pois à medida em que estes hábitos e costumes iam sendo impostos aos colonizados, era adquirida uma rotina muito próxima daquilo que os portugueses estavam acostumados a vivenciar na Europa.

A dança pode fazer parte desta rotina, uma vez que em uma das versões históricas encontradas em diferentes estudos, os jesuítas se apropriavam de conhecimentos oriundos das pinturas, das músicas, das danças, inclusive as nativas, assim como do teatro e das festas católicas, e as utilizaram na catequese dos índios. Para além de catequizar os índios, esta foi uma forma encontrada pelos jesuítas de manter a família real em contato com as artes costumeiramente presentes nos hábitos das cortes europeias. Logo, considerando tal afirmação, Rengel e Langendonck (2006, p. 68) apontam que:

As danças que aconteciam nos palácios em comemorações à corte no século XVI chegaram ao Brasil com D. João VI (1769 -1826) que fugindo da invasão napoleônica, trouxe na bagagem professores de dança. No final do século XIX e início do século XX, companhias de ópera francesas e italianas se apresentaram no Brasil e com elas vieram os balés que faziam parte das apresentações.

A partir da colocação dos autores acima citados, compreendemos um importante marco histórico que destaca um olhar sobre a chegada da dança em território brasileiro. Neste momento surgiram também as primeiras escolas técnicas e científicas que iniciaram o ensino da dança como elemento artístico no Brasil, contribuindo para que esta, mesmo que fosse acessível a poucos, inicialmente apenas para os aristocratas, se construísse no emergente cenário cultural nacional.

No entanto, vale ressaltar que, de acordo com Cintra (2011), o acesso às artes, em particular às danças, principalmente as com caráter de espetáculo, foi possível apenas para a classe dominante, naquele momento. A autora ainda reforça que a dança tinha um caráter virtuoso, estava voltada apenas para entreter a nobreza com seus espetáculos.

Enquanto espetáculo, os balés da corte ganharam destaque entre a classe da nobreza com o tipo de dança pensada e executada para um público muito específico. Assim, podemos caracterizar os balés da corte, conforme Bourcier (2001), a partir de três elementos importantes: (1) a ação dramática, na qual envolvia o desenvolvimento do tema utilizando poesias e cantos. (2) a dança geométrica, em que os dançarinos faziam evoluções geométricas como círculos, losangos, retângulos em uma determinada parte da sala.

Vale dizer que estas formas geométricas eram preparadas para serem vistas do alto pelo espaço que o público ocupava, permanecendo inclusive com a mesma



ideia de estrutura dos teatros em dias atuais. (3) o terceiro elemento, as *entrées*<sup>24</sup>, ou árias estavam mais relacionadas a temas específicos ou tradicionais, cuja dança era livre ou improvisada e recorriam, muitas vezes, à mímica e à acrobacia.

Foi dessa forma que a dança veio com a família real para o Brasil e por aqui ficou contribuindo para a formação histórica e sociocultural da população brasileira. Vale registrar que, ainda por muitos anos, os balés tiveram espaço frente à corte Portuguesa, mas à medida que foram se popularizando, tornaram-se mais acessíveis, ajudando também a disseminar as danças consideradas brasileiras, às quais nos reportaremos mais à frente no texto.

Com a abertura dos portos no Brasil, a circularidade de estrangeiros aumentou, com eles vieram muitos negros trazidos do continente africano e aqui escravizados que, juntamente com os índios nativos e europeus, aqui presentes, ajudaram a formar a cultura híbrida do nosso país.

Souza (2011) aponta que nos registros feitos por viajantes europeus, durante a exploração das terras brasileiras, é possível encontrar que a música e a dança eram expressões culturais muito presentes entre os negros, e que o uso de instrumentos musicais feitos de forma rudimentar provocou ideias diferentes aos olhos dos estrangeiros, que ora achavam a música uma gritaria monótona, ora admitiam ser um som agradável, sem falar nos movimentos corpóreos realizados enquanto a música era tocada.

A autora ainda relata em seus estudos acerca das narrativas dos viajantes europeus por terras brasileiras em meados do século XIX, que estes viajantes não perceberam qualquer diferença entre as músicas e as danças executadas pelos negros por onde passaram. Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais fizeram parte do circuito dos viajantes, assim como outros estados brasileiros. Em seus relatos o uso das expressões “batuque” ou “dança de negros” foram utilizadas para denominar todas as danças de “pretos” que tiveram oportunidade de assistir.

O batuque, segundo Schwarcz (1998), foi considerado uma manifestação cultural muito difundida dentre as festas profanas realizadas no período do império. Em muitas descrições dos viajantes é possível perceber uma prática que hoje se denomina “jongo”.

---

<sup>24</sup> *Entrées* era o nome que se dava a um trecho dançado por um ou mais bailarinos. Define a unidade coreográfica; equivaleria, no teatro, à cena. Nos balés de corte determinadas *entrées* podem ser reaproveitadas de um balé para o outro, mas o sentido delas no desenvolvimento de um determinado tema deve ser desconhecido e original.

Para Carvalho (2000), o jongo relata parte do processo histórico vivido pelos negros do Brasil e relaciona os movimentos da “dança” ao cotidiano de atividades da vida rural. O autor ainda afirma que:

Algumas das habilidades mostradas nessas danças são, em certa medida, habilidades rurais: destreza manual, força muscular nos braços, pernas e coxas; resistência e disposição para lidar com o confronto físico aberto e assim por diante. Paralelamente à exibição física temos a exibição poética e a melodia cantada: samba de roda, capoeira, jongo entre outros gêneros similares, todos incorporam a improvisação e a disputa poética, e o desafio entre cantores articulados com as repostas do coro (CARVALHO, 2000, p. 15).

Nos estudos de Duarte (1995), também acerca dos relatos de viajantes europeus em meados do século XIX, percebemos o registro de um batuque denominado de cateretê, na região de Minas Gerais, cuja descrição diz que era praticado por “gente de bem” e que até alguns padres dançavam.

A autora ainda informa que um delegado que havia recebido a denúncia do batuque, ao qual deveria dispersar, chegou ao local com a intenção de prender os dançantes, mas, no entanto, acabou participando da festa durante toda a noite.

Neste registro, à medida que aprofundávamos a leitura, percebemos que a região citada de Minas Gerais faz divisa com o estado da Bahia, o que nos leva a refletir sobre a possibilidade das influências culturais deste tipo de batuque em ambos os estados. Haja vista que na Bahia, segundo Mattos (2007), existia uma grande concentração de negros escravizados trabalhando nas lavouras, praticamente em toda a região que, quando fugidos ou mesmo dispensados, reuniam-se para dançar.

A expressão em destaque, “gente de bem”, juntamente com a presença de padres e do delegado no local durante a festa, nos faz refletir acerca de questões importantes, tanto no que se refere ao tom pejorativo, discriminatório usado no termo, fazendo referência comparativa entre brancos e negros, como de uma possível miscigenação cultural.

Na figura adiante, vemos pessoas negras durante a realização de um batuque. A imagem nos faz refletir acerca dos movimentos realizados frente às expressões corporais observadas. Os braços para cima, a abertura das pernas, assim como a posição dos joelhos nos dá a ideia de movimentos ritmados, de

música alegre. A presença de homens e mulheres com certa exposição corporal também fortalece a ideia de uma dança, possivelmente, de cunho sensual.

Rugendas (1998) descreve o batuque diante de uma cena similar, como sendo a realização de certos movimentos do corpo, muitas vezes com percepção que são demasiados expressivos, principalmente as ancas (quadril) das mulheres que se agitam, enquanto alguns homens também dançam e outros dividem os instrumentos e cantam com repetições do refrão.

**Figura 19** – Dança Batuque



Fonte: Disponível em <http://www.dialeticacultural.blogspot.com/batuque> (2019).

Pereira (2020), em seu estudo sobre os clubes e bailes negros no Rio de Janeiro, entre os anos de 1881 e 1933, faz uma reflexão sobre o batuque, atribuindo a este uma possível derivação de origem africana que, em suas diferentes formas de práticas, seja com sentido religioso ou mesmo lúdico, ajudavam a aproximar do olhar europeu pela forte presença dos tambores e violas em outras músicas, e

manifestações dançantes, como o lundu e outras danças de origem africana, consideradas exóticas e bárbaras no jeito de dançar.

Diante da possibilidade de interferências culturais entre os estados, a exemplo de Minas Gerais e Bahia, Souza (2011) aponta que, por falta de opções de lazer para as elites que viviam em áreas rurais, foram intensificadas as trocas culturais, o que ratifica tal possibilidade diferentes aspectos, como na culinária, por exemplo, mas sobretudo, no que se refere a música e a dança.

Em outro registro de viajante, a autora destaca uma escrita referente a um batuque numa cidade no estado do Ceará, relatando que as senhoras da elite chegavam para a roda, e assim como os homens, assistiam com prazer as danças dos “pretos” por vezes chamadas de danças híbridas, pela mistura de movimentos executados, inclusive com grandes saltos, o que nos faz pensar nos movimentos presentes na capoeira, no maculelê e no coco de cacete<sup>25</sup>.

Além destas danças relatadas, inicialmente, não podemos deixar de dialogar sobre outros tipos de danças que também apareceram no cenário baiano, por consequência em sua capital e que circularam a partir de meados do século XIX pelos espaços que reconhecemos neste estudo como clubes. Tais danças foram denominadas de danças de salão por serem oriundas dos balés da corte, mais precisamente de origem francesa e inglesa, sendo executadas nos saraus e encontros da elite brasileira, mantendo uma de suas principais características que é a promoção da sociabilidade e, conseqüentemente, uma importante interação e compartilhamento de diferentes experiências culturais.

#### **Figura 20 – Balé da Corte**

---

<sup>25</sup> O coco de cacete, é uma manifestação da cultura popular desenvolvida em diferentes locais na região nordeste do país, porém de maneira mais intensa, segundo os estudos de Ayla (1999), no estado da Paraíba, praticada principalmente por negros e seus descendentes. Neste tipo de manifestação se entrelaçam a literatura oral, tão presente neste contexto popular, bem como a música, o canto e a dança.



Fonte: Acervo Digital Cecília Bazzoti. Disponível em <https://spcd.com.br/verbete/maria-cecilia-bazzotti/> (2019).

Com base na imagem acima, é importante relatarmos que os balés da corte eram realizados com a presença da elite que presente à época. Observando a imagem, destacamos o tipo de roupa utilizada que marcava a divisão das classes estabelecidas no momento. Também, o jeito de dançar, que a princípio parece bem diferente das expressões observadas nas danças de características mais populares que aparecerem ao longo deste estudo.

Neste sentido, é importante ressaltar que durante a dança dos bailes da corte, os corpos não têm muita aproximação, o que nos faz pensar sobre a ausência mais claramente da intenção de, através da dança, buscar a conquista do parceiro, ou até mesmo na presença de pudores quanto ao comportamento entre homens e mulheres, previstos no código de comportamento para a sociedade branca, este pautado na manutenção dos costumes a favor da “moralidade” social.

Os balés da corte foram ressignificados à medida em que a sociedade também se transformava e, ao chegar no Brasil, com a família real e outros imigrantes vindos da Europa, os hábitos sociais europeus, como o costume dos bailes dançantes, foram ganhando admiradores e adeptos (ELLMERICH, 1987). No Rio de Janeiro, a dança de salão marcou fortemente a história da cultura popular

dos cariocas, revelando-se, portanto, como uma importante manifestação sociocultural à época (JOSÉ, 2005).

Na transição entre os séculos XIX e XX, algumas danças de salão, já espalhadas por várias cidades do país, inclusive Salvador, terão destaque em diferentes bailes, como valsa, polca, contradança, mazurca, xote e quadrilha, que, naquela época, era dançada pela alta sociedade (ELLMERICH, 1987). Na cena carioca, a dança era um costume e a diversão preferida da população e, por isso, era presença garantida em vários e diferentes encontros sociais como festas de formatura, batizados, aniversários e em reuniões dançantes familiares, e em diferentes classes sociais (JOSÉ, 2005).

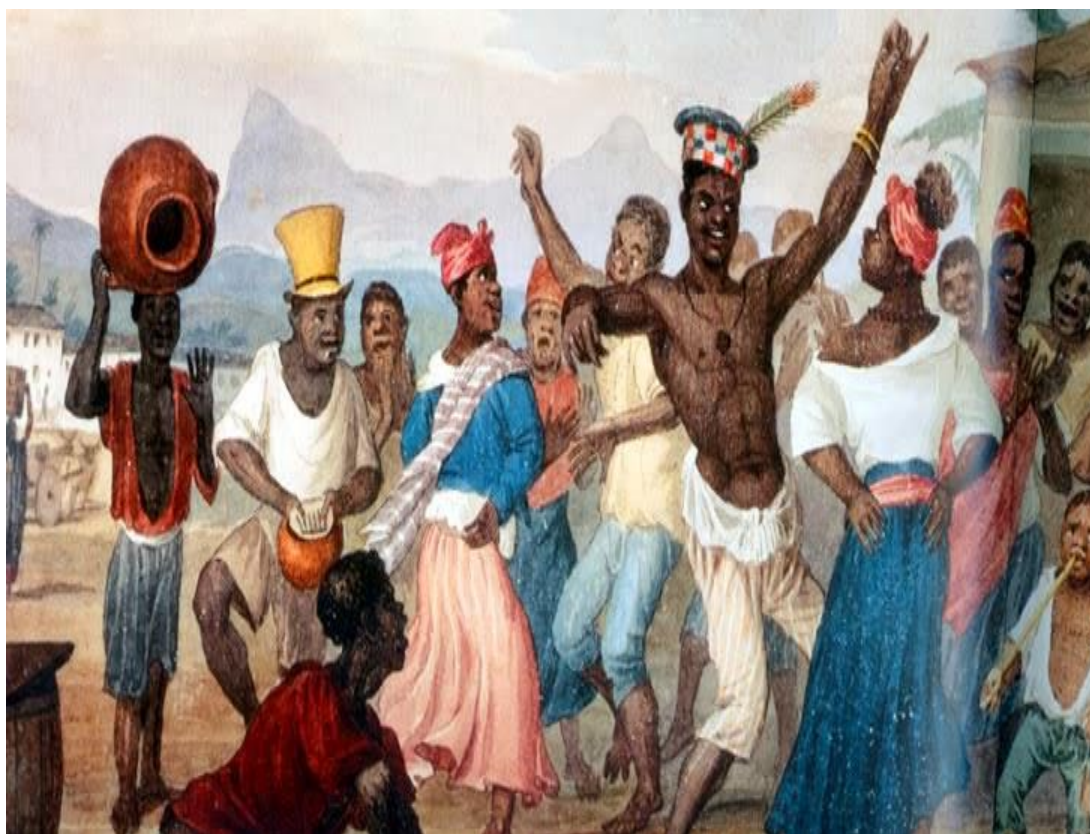
É importante salientarmos que os bailes da sociedade carioca tiveram um declínio, próximo ao período da Proclamação da República em virtude, possivelmente, do novo cenário político que se iniciava. A dança de salão só continuou presente nos hábitos da população através das camadas populares (JOSÉ, 2005). Todavia, quando se inicia a Belle Époque carioca, a elite carregou novamente consigo a presença da dança de salão em seus hábitos socioculturais (PERNA, 2005).

Quanto às danças de características mais populares, elas passaram a circular mais rapidamente entre os espaços-tempos das cidades. As classes consideradas menos cultas vivenciavam, quase sempre, as danças destacadas como populares. Os batuques, por exemplo, eram danças consideradas sensuais em algumas situações, com inclinação para os prazeres do sexo, destoavam dos códigos de conduta da elite.

Estas danças populares tinham movimentos corporais muito variados, sobretudo na região do quadril, pois se aproximavam das danças dos negros africanos. Dentre estas danças destacavam-se o “Landum”, ou “lundum”, ou ainda “lundu” como a mais indecente, em seguida apareciam o caranguejo e los fados. Segundo Souza (2011), essas danças eram praticadas por grupos compostos por até dezesseis pessoas e seus cantos eram livres.



**Figura 21** – O Lundu



Fonte: Acervo digital da revista de História. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/viewFile/29293/16445> (2019).

O lundu aparece, conforme imagem acima destacada, como uma dança com base em ritmos mais agitados, que levavam a movimentos mais acelerados do corpo, principalmente o quadril. Pelas expressões das pessoas durante a dança, observamos um jeito descontraído de dançar, semelhante à alegria presente nas brincadeiras dançantes. Ao mesmo tempo as expressões também nos remetem a uma dança para conquistar, atrair o parceiro, pois a mulher tem as mãos no quadril e a face voltada para o homem, o que nos parece algo mais marcante no sentido da insinuação.

Neste sentido, a partir das análises feitas nos relatos dos viajantes em meados de século XIX até o seu final, Souza (2011) destaca que é possível descrever que houve uma classificação das danças a partir de julgamentos morais e de classe, estabelecendo uma diferença entre as danças europeias, praticadas nos salões, e as danças africanas praticadas nos terreiros. Embora a autora faça referência a este período histórico em específico, existem outros estudos que trazem essa divisão da dança por classe social desde o século XVIII no Brasil.

Em um dos relatos dos viajantes europeus pelo Brasil, mais precisamente próximo à Bahia, Souza (2011) destaca que:

As comemorações dos festejos natalinos eram relatadas com base no contraste entre classes, destacando as diferenças entre os folguedos das 'classes menos favorecidas da fortuna' e as festividades de 'gente remediada' sublinhando que: 'à noite, nas casas de gente remediada ou de haveres, reúne-se seleta sociedade, toca-se piano, canta-se uma modinha brasileira, um romance francês, um Trovador da Traviata, formando-se pares e dança-se [...]'. (SOUZA, 2011, p. 62)

Entendemos que o imaginário literário que vincula o Brasil às festas, músicas e danças começou a surgir nos relatos dos viajantes que passaram pelo país, desde meados do século XVII. Ressaltamos que os olhares estavam voltados, inicialmente, para os corpos dançantes, os quais muitos não se identificavam, pois, ao mesmo tempo em que causava fascínio pelo "movimento diferente", levava ao estranhamento. Afinal, eram homens e mulheres que dançavam e se tocavam, fazendo movimentos que se aproximavam de deslocar o quadril ao vivenciar as danças já consideradas brasileiras, como o lundu.

Pelos registros analisados, foi possível perceber que o estranhamento vinha por parte dos viajantes. Todavia, os espectadores presentes nos momentos das danças, bem como das festas, estavam sempre animados, batendo palmas como um gesto de incentivo àquela dança, inclusive participando delas.

Velloso (2007) faz uma observação interessante, a partir do olhar acerca dos registros de Thomas Lindley (1969), em que narra que as danças europeias, como a quadrilha e os minuetos, por exemplo, não estavam na lista de melhores danças, pois os brasileiros tinham verdadeira predileção pelo lundu e, por muito tempo, foi considerada uma dança de caráter nacional.

A disponibilidade do brasileiro para a dança já era percebida em vários momentos, assim como já se percebia em determinadas festividades uma mistura de fortes elementos culturais, tanto por parte dos negros, como também por parte de outros grupos sociais. Essa mistura é apontada por Velloso (2007, p.162), de maneira enfática, ao se referir as imagens de ordem sensitiva, pois nelas encontrávamos "pés descalços batendo no chão, dedos que se estalam ao ritmo da música, olhares lúbricos, contorções, corpos que se tocam. Os sentidos corporais constituem a referência inspiradora".



A literatura dos viajantes é um marco importante para o estudo da história e cultura brasileira. Embora a grande maioria dos textos acessados não tenha feito referência à cidade de Salvador, compreendemos nas escritas que, por onde os europeus passaram, incluindo a Bahia, há registros importantes na forma como a dança aparecia nos rituais cotidianos de sociabilidade e comunicação.

Na virada do século XIX para o século XX, muitos autores considerando a chegada do moderno espaço urbano para várias capitais brasileiras, incluindo Salvador, passaram a olhar para as danças populares como uma possibilidade de dialogar com elementos culturais importantes, no tocante a formação da identidade cultural brasileira, ou mesmo a identidade cultural soteropolitana e ou baiana. Tendo em vista as experiências anteriores trazidas pelos europeus já destacadas neste texto, como por exemplo, as danças praticadas pela nobreza nos encontros sociais e nas festas nos seus grandes salões festivos, foi possível perceber que houve uma considerável troca cultural entre brancos, negros e índios.

No que se refere a estas trocas culturais, ao que também chamamos de circularidade cultural, dialogaremos a partir do entendimento de Ginzburg (1987) e Pesavento (1999) acerca deste assunto, uma vez que estas experiências culturais nos permitem compreender e analisar realidades históricas similares, que são, por vezes, constituídas, de uma forma ou de outra, por diferenças culturais e por meio de elementos culturais que são comuns nos ambientes das diferentes classes sociais que fazem parte de qualquer sociedade.

Velloso (2007) destaca em seu estudo, o qual se refere à pluralidade de manifestações culturais envolvendo a dança, a presença marcante do jornalista João do Rio como um nome importante na consolidação do Rio de Janeiro como uma cidade moderna, referência para outras capitais brasileiras, incluindo a cidade da Bahia.

De acordo com Frazão (2018), João do Rio (1881-1921) foi um jornalista, escritor e dramaturgo brasileiro. Considerado um dos cronistas mais sagazes da vida carioca no início do século XX, ele foi ausente em limites morais. Através de suas facetas consideradas técnicas, das observações diretas da vida, da linguagem de diferentes grupos e espaços sociais do Rio de Janeiro (terreiros de umbanda e candomblé, igrejas, cabarés, cortiços, favelas, minas, palácios, presídios), ele leu os traços da vida social através da dança. Seu realismo e sensibilidade destacou o Rio de Janeiro, mas principalmente a presença da dança em diferentes espaços sociais,

classes distintas, denotando que essas experiências eram acessíveis a todos, independente de origem, etnia ou raça.

Diante da troca cultural que marcou as experiências entre o século XIX e meados do século XX, a autora acima citada relata que em 1910 a dança conhecida como maxixe fez sucesso na Europa e contribuiu para um amplo debate social, envolvendo autoridades de todas as classes: civis, militares, intelectuais, artísticas e eclesiásticas. Esta dança tinha como música de fundo um som alegre e ritmado que causava euforia em quem ouvia, conseqüentemente provocava “exagerados” movimentos corporais. Naquele momento, o povo brasileiro via naquela dança um símbolo nacional de modernidade, como anuncia Velloso nos estudos acerca das crônicas do jornalista João do Rio,

Para o jornalista o sentimento de pertencimento do povo brasileiro manifesta-se, de maneira muito particular, pela ordem dos sentidos. A audição desencadeia o ‘sentimento rítmico’, capaz de ampla mobilização popular. Há uma reação contrastante entre as bandas de música executando dobrados e executando maxixe. Responde-se a primeira com uma expressão de melancolia e tristeza profundas. Mas, quando soa o maxixe, observa que todas as caras e corpos, num ‘rasgão de alegria’, transfiguram-se pelo prazer de dançar (VELLOSO, 2007, p. 166).

A forma como as pessoas dançavam o maxixe fez com que passasse a existir certo preconceito para com esta dança. Enlaçando pernas e braços, encostando as testas em seus respectivos pares, conforme observado na imagem abaixo. Ela foi perseguida pela igreja, como as danças na idade média, além de ter recebido olhar de descaso dos chefes de família e de educadores.

**Figura 22** – Dança Maxixe



Fonte: acervo digital da Universidade Federal Fluminense. Disponível em <https://www.uff.br/?q=servico/acesso-ao-acervo-bibliograficopensario.uff.br/maxixe> (2020).

Para ser tocado em ambientes familiares enquanto gênero musical, o maxixe passou a ser chamado de “Tango Brasileiro”. Tal preconceito fez com que esta dança se popularizasse através dos clubes carnavalescos e do teatro de revista (EFEGÊ, 1974). O referido autor aponta que o maxixe foi dançado inicialmente no Rio de Janeiro, tendo lá sua origem, mas com o rápido processo de urbanização das capitais brasileiras, ele chegou a vários outros lugares, incluindo Salvador.

O maxixe esteve em espaços que não atendiam a moral e aos bons costumes da época, como: forrós, gafieiras da cidade nova e cabarés. Curiosamente, os homens de classes mais abastadas frequentavam estes bailes buscando a sensualidade da dança.

Logo, tendo em vista o processo de europeização das cidades brasileiras, tomando como referência a capital francesa, considerada capital cultural do mundo, houve também o processo de europeização das danças, em particular do maxixe, considerada por muito tempo a dança brasileira, porém, internacionalizada já que havia apresentações em palcos europeus.

Tal processo nos chama atenção para restrições a determinadas tradições das culturas negras, embora estas não pudessem ser negadas. No caso do maxixe, percebemos tal tradição na forma de dançar, pois era basicamente dançado com os corpos colados e os pés praticamente fixos no chão e com acentuados requebros de

cintura, típico dos movimentos que acompanharam os negros africanos escravizados.

A opinião pública classificava o maxixe de duas formas, inclusive antagônicas. Conforme destaca Velloso (2007), havia o maxixe considerado de salão e o maxixe dos bailes populares. O maxixe de salão estava presente em reuniões sociais e familiares, sendo frequentado pelas elites e classes médias. Vale dizer que de forma frequente, a dança de salão era identificada como movimento civilizador e de aprimoramento cultural. Já o maxixe dos bailes populares era realizado nos clubes e estava associado ao primitivo. Frequentado por grupos sociais mais despojados, o maxixe popular representaria uma forma desordenada de controlar seus impulsos.

Diante de tais registros é possível pensar que em todos os lugares por onde os negros passaram e ou deixaram, conseqüentemente, suas manifestações culturais que envolveram danças e músicas, tudo foi muito marcante. Assim como Minas Gerais e Rio de Janeiro, os registros apontam indícios que sugerem que Salvador, primeira capital do país, também teve seu espaço para tais manifestações.

Salvador, a primeira capital da colônia portuguesa nas Américas, afirmou sua hegemonia político-cultural, abrigando ilustres personalidades [...] e viu forja-se uma cultura baiana muito rica e peculiar, mesclada de formas eruditas imbricadas com costumes populares arraigados nas tradições portuguesas, uma cultura também fortemente marcada por músicas, ritmos e danças diversos, manifestos principalmente nas festas populares de caráter religioso ou comemorativo e nos simples folguedos, assim como na culinária, nas práticas medicinais, etc., de origem indígena e africana (ROBATTO; MASCARENHAS, 2002, p. 28).

Para as autoras Robatto e Mascarenhas (2002), a influência do estilo barroco português, bem como as interferências indígenas e africanas, com suas manifestações divinas envolvidas de alegria e prazer, contribuíram para a quebra de regras e padrões sociais considerados convencionais, conferindo à cultura mestiça do povo baiano uma estética que propiciou sua vocação para a expressão corporal, como a dança presente em vários espaços e tempos.

O processo de modernização das cidades no início do século XX foi excludente para a maior parte da população, no tocante a algumas manifestações culturais. Contudo, à medida que foi avançando, a reorganização da cidade permitiu que as fronteiras que delimitavam as manifestações culturais fossem rompidas, ou

mesmo flexibilizadas, possibilitando um diálogo entre diversas culturas, mesmo que isso fugisse ao ideário das elites econômicas e políticas.

Assim, a literatura nos aponta que danças, como o maxixe, a polca, a quadrilha, o lundu, o samba, a valsa, dentre outras estiveram presentes na cidade de Salvador. Dialogando, inicialmente, apenas nos espaços sociais frequentados pela elite, mas diante do avanço da urbanização e, portanto, na construção de outros espaços para a realização destas experiências sociais na cidade, sobretudo considerando o aumento populacional (Andrade; Santos, 2009), foi possível vivenciar essas danças em outros espaços, como as ruas, os clubes, os teatros, os cabarés e cassinos, por exemplo.

Segundo Vieira Filho (2013), o batuque, no final do século XIX, era considerado uma brincadeira advinda dos negros, era encontrado costumeiramente nas manifestações culturais negras carnavalescas na cidade. No entanto, no avançar desta produção textual, discutiremos a presença ou não desta brincadeira com característica de dança nos clubes da cidade, a forma como as dançavam e quem a dançava.

Aqui, consideramos necessário relatar que neste processo inicial de modernização Salvador começou a se urbanizar na tendência de reestruturação urbana que estavam presentes nos diferentes projetos de modernidade das capitais brasileiras. Assim, houve alargamento de ruas formando grandes avenidas refletindo nos espaços para encontros sociais e divertimento. No caso dos clubes em Salvador, eles ficaram ainda mais valorizados e acessíveis à população, porém os clubes localizados na parte central da cidade (ICKES, 2013) eram frequentados pela elite local, formada por grandes comerciantes, banqueiros e estrangeiros.

Para esse público, percebemos que houve uma influência musical europeia. Ritmos, como: polca, marchas, dobrados, ou mesmo maxixe com adaptações de composições europeias (óperas, peças e fanfarras) nos levando a compreender a existência de movimentos dançantes que acompanharam tal evolução rítmica, como por exemplo, rodeados com giros e rápidos pulinhos nas pontas dos pés.

Para Soares (2014), enquanto os grandes clubes usufruíam de espaço privilegiado no centro da cidade e seu divertimento relacionava-se ao espetáculo de contemplação de signos europeus bastante valorizados, tínhamos nos espaços mais afastados do centro, os batuques que aspiravam à participação dos populares na apreciação das batucadas e das danças que, por sua vez, estavam relacionadas à

antigas tradições festivas afro-brasileiras. Mas sobre os clubes e suas danças, abordaremos no capítulo cinco.

Dessa maneira, tivemos por muito tempo movimentos culturais distintos que, a princípio, se dividiam entre classes e se diferenciavam nos gestos, bem como na forma de dançar, conforme afirma Lara (2011),

A cultura brasileira caracteriza-se pela diversidade, por uma cultura do corpo ampla e esteticamente multifacetada, resultante de aculturações que envolvem o branco, o negro e o índio. Portugueses, espanhóis, italianos, ucranianos, africanos, holandeses, japoneses, árabes e alemães deram sua contribuição a esta formação cultural, com maiores ou menores intervenções. Deixaram suas marcas expressas na culinária, na literatura, nas músicas, nas danças, nas festas e no trabalho, e contribuíram para a consolidação das regras, hábitos, costumes, moralidade, e para a configuração de padrões éticos e estéticos (p. 122).

Logo, compreendemos a importância de relatar que Salvador vivia nas suas manifestações culturais, sobretudo na dança, a influência dos ritmos europeus, africanos e com alguns elementos da cultura indígena. O maxixe que marcou o século XIX, ainda estava muito presente nas festas e encontros dançantes nas primeiras décadas do século XX, inclusive nos carnavais. Além do maxixe, há registros de rodas de samba, lundus e batuques realizados na cidade. Todos esses ritmos levavam a danças com movimentos semelhantes, cuja principal característica era a dança coletiva com participação de homens e mulheres (ICKES, 2013).

Para Vieira Filho (2013), o batuque nas primeiras décadas do século XX era uma referência para todas as manifestações culturais das populações negras, porém abrangia os aspectos de ordem religiosa, como também as festas profanas.

A partir da compreensão das manifestações culturais negras, dialogamos com Robatto e Mascarenhas (2002), ambas precursoras da dança no cenário baiano, quando relatam que a miscigenação étnica (índio, branco europeu e negro africano) foi responsável pelo diálogo e pela formação de uma identidade cultural do povo baiano, pois separados ou de forma conjunta criaram uma cultura variada em ritmos, cantos e movimentos.

Essa miscigenação étnica contribuiu para a criação de um povo com vocação para a dança. Tal fato pode ser percebido nas tradicionais manifestações populares em que a dança se fez e se faz presente, desde os seus rituais religiosos, bem como nas festas de rua. Estas práticas estiveram presentes ao longo da história da cidade

até os dias atuais como manifestações em constante transformação, como por exemplo, as festas de largos e o carnaval.

Em Salvador houve uma “adaptação cultural” provocada pela cultura ibérica, juntamente com a realidade das terras brasileiras. Essa adaptação deu origem a uma cultura muito interessante, mas que a literatura aponta com uma maior interferência dos negros escravizados trazidos de diversas regiões africanas, embora também tenha sido marcada pela cultura dos colonizadores e os padrões da vida primitiva das populações indígenas.

Os índios, segundo Robatto e Mascarenhas (2002) caracterizavam-se pela sua organização tribal comunitária, assim como pelo seu relacionamento com a vida, seus rituais com a morte, com a natureza. As manifestações indígenas eram marcadas por cerimônias e rituais de caráter guerreiro, comemorativo, de agradecimento, nas quais seus participantes se expressavam através de músicas, cantos e danças coletivas.

Com o processo civilizatório, a maioria das nações indígenas, e conseqüentemente seus costumes, foram dizimados em quase todo território brasileiro. Na Bahia não poderia ser diferente, tendo hoje uma pequena concentração de índios no sul do estado. Porém, com a incorporação das características culturais dessa população à vida dos brancos, negros e mestiços é percebida na cultura brasileira, ainda que timidamente.

Diante destes aspectos históricos e culturais de vertente indígena, é importante destacarmos como a dança, seja de caráter coletivo ou mesmo individual, esteve presente nos clubes de Salvador entre as primeiras décadas do século XX, apresentando aspectos culturais vivenciados naquele momento da história.

Não tão distante e diferente da cultura indígena, os negros oriundos de diversas nações africanas também sofreram uma forte miscigenação, cujo interesse foi dispersar suas tribos e enfraquecer suas culturas. Porém, mesmo distantes de suas terras, afastados de alguns dos seus familiares, eles resistiram e conseguiram, em parte, manter suas práticas culturais e religiosas veladas. Para Robatto e Mascarenhas (2002 p.27),

O ritual do culto praticado no Brasil pelos escravos e seus descendentes mestiços, além de aglutinar as divindades das diversas etnias e nações africanas, num rico panteão de orixás

(entidades divinas), absorveu, também, alguns aspectos e conteúdos caboclos, de origem indígena.

As autoras citadas destacam que dentre os rituais de origem africana realizados no Brasil, mais especificamente em Salvador, entre meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX, foram as cerimônias do Candomblé e a capoeira que enaltecem as manifestações coletivas mais importantes dos rituais de origem africana. O candomblé através do fenômeno do êxtase e possessão com seus ritmos, cantos e danças. A capoeira com sua luta gingada, disfarçada, muitas vezes, em dança.

Em Salvador, as celebrações aos orixás, com seus batuques e folgedos, divertimentos dos negros foram transformados em festas para louvar os santos católicos que, aos poucos, foram incorporados sincreticamente ao candomblé. Esta foi uma forma de justificar, em parte, a miscigenação que envolve as religiões de matrizes diferentes num mesmo espaço, porém que atravessa o tempo.

É importante destacar que quando os negros africanos chegam ao Brasil, eles estão com a sua identidade e várias de suas representações culturais comprometidas pela escravidão, mediante todas o sofrimento por ela causado. Famílias separadas e destruídas, assim como seus originários grupos sociais. Aqui, são obrigados a lutar e a resistir, de todas as formas, para que as perdas de suas relações culturais, portanto, identitárias, possam de alguma forma serem reconstruídas. E isso acontece com a música e com a dança, por exemplo.

Ainda no tocante as danças em Salvador (1912 a 1935), vale ressaltar que o samba, enquanto manifestação cultural dançante aparece no relato de Carneiro (1981) quando se refere a uma roda de samba presenciada, quando ainda criança em Salvador:

Desde o sábado, já as crioulas cantavam, requebrando o corpo, enlanguescendo os olhos [...] formada a 'roda', - a orquestra podia ser pandeiro, violão e chocalho, embora às vezes entrasse castanholas ou berimbaus, - uma das negras caía no meio do círculo de espectadores e sambava. Os tocadores puxavam o cântico, enquanto os do círculo respondiam ao coro. Depois de alguns passes, a negra vinha, dava noutra qualquer a indefectível umbigada, unindo ventres, e retomava o seu lugar, enquanto a outra a substituía. E levavam assim toda a tarde, toda a noite (CARNEIRO, 1981, p. 201).



A partir da descrição de Carneiro (1981), é possível identificar alguns elementos importantes referentes ao samba enquanto dança, pois já se tinha, naquela época, o requebrar do corpo, além de outros movimentos, como o mexer do quadril, a umbigada, sendo estes movimentos típicos das manifestações populares que ultrapassaram o tempo e espaço. Ainda, vale destacar que há no relato de Carneiro a presença de alguns instrumentos musicais, como pandeiro, violão e castanholas que são de origem árabe com grande disseminação em vários países do mundo.

A presença da “roda” nestas manifestações, assim como do termo trazido pelo autor, “a outra é substituída”, refere-se a uma dança do tipo coletiva, o que fortaleceu uma identidade cultural negra. Ainda, o mesmo autor relata em seu texto que havia outras coreografias diferentes com mudanças no ritmo das músicas e no jeito de dançar da época, cujos nomes eram corta-jaca, corrido e bate pau.

Estas danças tiveram origem duvidosa, mas segundo o dicionário Aurélio (2019) os movimentos do corta jaca eram executados com torção de corpo e movimento dos pés como se estivesse cortando jaca. No bate pau que ora aparece como uma dança indígena, ora como negra, eram dançados com movimentos que lembram o maculelê. E o corrido, que também dá nome a um tipo de samba na atualidade, tinha como movimento um bater dos pés juntos e ao mesmo tempo circulando a roda.

Com isso, podemos perceber que a dança presente nestas manifestações foi um meio de resistência cultural muito eficaz para seus propósitos na época, tanto por parte do povo indígena, quanto por parte dos descendentes africanos.

### 3.2 A DANÇA COMO FENÔMENO CULTURAL NOS CLUBES SOCIAIS DE SALVADOR

Nesta seção, inicialmente, faremos uma escrita sobre a dança como fenômeno cultural, com o interesse de levar nosso/a leitor/a à compreensão da importância da dança na vida dos baianos nas primeiras décadas do século XX. Ao longo da discussão, buscaremos um diálogo mais proximal para com a presença das danças nos clubes sociais de Salvador, entre os anos de 1912 e 1935, considerando as vivências sociais relacionadas à dança.

Para isso, nos remeteremos a algumas manifestações dançantes presentes nos diferentes clubes sociais da cidade. Embora tenhamos os clubes<sup>26</sup> como foco, em alguns momentos a presença da dança se mostrou em espaços outros que assumiram a mesma função de clube. Neste sentido, achamos por bem dialogarmos com um olhar atento para a presença da dança também nestes lugares.

Cabe também, neste momento, salientarmos que teremos no capítulo sobre clubes uma seção específica que tentará discutir este assunto de maneira mais aprofundada.

A dança pode ser compreendida como o lugar em que está presente a relação corpo, cultura e arte, contribuindo para a compreensão do ser humano. Ela também se apresenta como atividade híbrida em si mesma, uma vez que é corporal, artística e cultural. E é dessa forma que ela deve ser discutida, nos espaços híbridos, capazes de permitir a sua legitimação (VOSS, 2013).

Pensando na dança como um fenômeno cultural, é importante retratarmos ideias e interesses de toda uma época para tentar compreendê-la. No entanto, para este momento, acreditamos que as ideias e interesses devem estar focados apenas na sociedade baiana e no período em questão. Para isso, chamamos a atenção sobre a necessidade que o ser humano tem de se movimentar na tentativa de ultrapassar sua essência, de maneira positiva e significativa no tocante as experiências da vida (LABAN, 1990).

Por meio e através da dança, permitimo-nos vivenciar formas de expressão corporal que nos levam a comunicação com o outro e com o mundo, encontrando influências culturais de diferentes lugares (países, estados, cidades) onde os ritmos são dançados e se originaram. Cada cultura, portanto, transportou seus conteúdos às mais diferentes áreas, dentre estas, a dança. Ela absorveu boa parte desta transferência, pois sempre foi de grande importância nas sociedades, seja como forma de expressão artística, como objeto de culto aos deuses, como simples entretenimento, mas carregada de diferentes e importantes elementos culturais.

De acordo com Viana (2014, p.33):

A dança se faz presente na humanidade, sendo praticamente um marco de cultura, crença e participação da comunidade. Ela é

---

<sup>26</sup> Os clubes surgem como espaços de práticas de lazer e de sociabilidade nos grandes centros urbanos. E apesar de serem considerados instituições e ou espaços privados, a título desta pesquisa, consideramos outros espaços que aparecem nas fontes primárias com as mesmas características de clube social, como os restaurantes dançantes.

manifestação artística e forma de comunicação que se faz a partir do próprio corpo humano, nas suas interações com o meio ambiente. Ela também representa o “estado de espírito”, as emoções e expressões entre as pessoas, desenvolvendo habilidades de movimento e exercendo possibilidades de autoconhecimento.

Partindo da compreensão da autora citada, das interações com o meio, o ser humano tende a se desenvolver de maneira a revelar, pela história, as transformações socioculturais e a sua relação com os espaços que, de certa forma, lhe impõe distintos modos de vida. Tal fato reforça a compreensão de que, na atual conjuntura, vivemos a diversidade do repertório de manifestações dançantes provenientes destas transformações socioculturais, que aproximam o sujeito de outras possibilidades que venham a contribuir para a sua formação humana.

Desse modo, a dança compreendida como manifestação cultural, representa valores e costumes sociais de um determinado grupo/povo, em um dado período histórico. Ela pode, portanto, representar o patrimônio histórico e cultural da humanidade, pode caracterizar a sociedade da qual é originária ou mesmo está relacionada e, como ela existe em toda e qualquer sociedade, independentemente de como ou o que se dança, ela ainda pode transmitir valores a várias gerações, mantendo viva a cultura de uma civilização (EHRENBERG, 2003).

Sendo assim, baseada na reflexão citada, destacamos a existência de variados tipos de dança que se apresentam como características de um determinado grupo social, considerando, mais uma vez, que todas as culturas desenvolvem suas linguagens diversas, de acordo com a concepção de mundo e a maneira como se faz, se reconhece nesse mundo.

De acordo com Robatto (2012), diversas manifestações foram surgindo com funções sociais diferentes. Algumas danças envolvidas com rituais sagrados, outras voltadas para a comemoração e celebração, danças dramáticas, dentre outras, atendendo, inclusive, às funções de ancestralidade. Com isso, podemos inferir que “no mundo desde sempre, as pessoas dançam para se comunicar, expressando o indivíduo e principalmente o grupo a que pertence. Porém todas as culturas manifestam-se através do corpo, que é, antes de tudo, o seu conteúdo” (ROBATTO, 2012, p. 28-29).

Dantas (1994, p. 106) considera que a dança pode:

[...] expressar sentimentos, percepções, sensações, emoções e pensamentos através dos gestos e movimentos do corpo humano.

No entanto, a dança utiliza-se do simbólico, uma vez que os indivíduos que dançam não comunicam um conceito estruturado de maneira lógico-formal, mas sim representam e recriam experiências e realidades.

Frente ao exposto, percebemos que, enquanto fenômeno cultural, a dança insere-se como uma possibilidade de desenvolvimento social e coletivo. Quando praticada em grupo, leva o sujeito aos desafios da convivência, mas também ao sentimento de pertencimento a esse grupo [...] (DOREA, 2020).

Assim, podemos perceber como a dança, dentre outras manifestações, esteve presente nas diversas culturas, representando e fortalecendo a história e a identidade dos povos. Nestas questões identitárias, as danças puderam proporcionar êxtase coletivo e sentimento de pertencimento, desde as manifestações religiosas até o carnaval, por exemplo, atraindo as mais diversas formas de expressão de cada cultura. Acreditamos ser esta uma compreensão importante para dialogarmos com a dança como fenômeno cultural nos clubes na cidade do Salvador.

No bojo da pesquisa foram encontrados, para além dos clubes, outros espaços cuja dança se fez presente. Teatros, cabarés, carnaval de rua, mi-carême<sup>27</sup>, festividades religiosas e cívicas foram lugares em que a população viveu diferentes experiências com a dança.

---

<sup>27</sup> A mi-carême surge no ano de 1913 na cidade de Salvador em meio às dificuldades financeiras dos grandes clubes para a realização das festas carnavalescos. Com o nome de origem francesa, a mí-carême era uma festa considerada o segundo “carnaval”, ou mesmo, um carnaval fora de época e atendeu às necessidades da elite local quanto à realização dos festejos permanecendo com as mesmas características (desfiles de corsos, bailes) inclusive mantendo seu nome até o ano de 1935. Os periódicos em circulação na capital baiana publicaram muitas notas promovendo a realização do evento e destacando sua importância para a elite e a população em geral.

Sobre a Micareme/Mi-carême ler CADENA, Varón Nelson. **História do carnaval da Bahia**: 130 anos do carnaval de Salvador. 1884-2014. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2014. 268p.

## 4 OS CLUBES

Neste capítulo iniciaremos com uma reflexão acerca do surgimento dos clubes no Brasil e algumas de suas variadas características com o intuito de nortear nosso leitor acerca deste assunto. Em seguida será possível refletirmos sobre a presença destes espaços na cidade do Salvador e suas principais características, entre os anos de 1912 e 1935, quando a capital da Bahia passou por uma grande transformação urbana para atender ao projeto de modernidade.

A posteriori, serão apresentados os clubes existentes na capital baiana no recorte da investigação, bem como suas características e o perfil dos associados e, na sequência, trataremos os tipos de atividades/festividades existentes nos respectivos clubes, destacando as possíveis danças.

Sendo assim, ao pensarmos o surgimento e a proliferação dos clubes, nos reportamos à Europa, especificamente na Inglaterra, em meados do século XVII. Neste período, existiam as *coffee-houses*, espaços que configuravam o lugar de reuniões entre homens com finalidades diversas, que iam desde a prática de jogos de azar à realização de diálogos com base em diferentes temáticas, como artes, políticas, ciências, dentre outras (SOARES, 2007).

Nestes espaços, em meio à presença unicamente masculina, amizades se consolidavam, havia também a troca de informações importantes sobre espaços profissionais e o mundo do trabalho. Para Soares (2007) os clubes foram, a partir do século XVIII, espaços de sociabilidade, conforme observado nas associações de variados segmentos, como profissionais, políticos, admiradores das artes, amantes da gastronomia e da cultura etílica.

Dessa maneira, os clubes foram se espalhando por Londres e outras cidades inglesas, disseminando além de sociabilidade, ricas experiências culturais que refletiam à Inglaterra naquele período, com destaque para o ideário de liberdade e civilidade, assim como a tolerância e o refinamento social contribuindo para o surgimento do mundo associativo e da formação da sociedade civil em países ocidentais (SOARES, 2007).

Para DaCosta (2006), no que se refere às origens destes espaços no Brasil, podemos inferir que estes surgiram no século XIX, sendo organizados e frequentados à medida em que as sociedades também se estruturavam. Todavia, os clubes ou associações de maior prestígio social estavam relacionados aos esportes.

A grande maioria surgiu nas capitais e /ou centros urbanos maiores, onde se firmaram os clubes de elite. Já as associações ou clubes de menor prestígio social foram se organizando nos pequenos e médios centros urbanos (DACOSTA, 2006).

DaCosta (2006) relata que os clubes detinham características dos povos que chegaram ao Brasil, em decorrência das correntes imigratórias do final do século XIX e início do século XX. Ao mesmo tempo, ressalta que àqueles em que prática esportiva e atividades recreativas eram algo comum, demonstravam presença marcante nos hábitos culturais oriundos dos alemães, italianos, japoneses dentre outros povos imigrantes.

No âmbito das práticas de sociabilidade nos clubes, percebemos que as atividades esportivas foram a maior atração, contando com a presença de jovens jogadores, suas respectivas famílias e demais pessoas associadas à época. O Futebol, neste período, já estava sendo praticado na cidade, assim como outros esportes, como o turfe e o críquete praticado por ingleses residentes na cidade da Bahia desde meados do século XIX (ROCHA JUNIOR, 2011; SANTOS, 2012).

Embora a intenção esteja em identificar a presença dos clubes em Salvador e analisar as danças em seus respectivos espaços, em alguns momentos será possível encontrarmos também a presença dos esportes, em meio as nossas discussões, mesmo que timidamente. Pois, os clubes surgiram na história da cidade vinculados às práticas esportivas (remo, o tênis, o futebol dentre outros). A elite, para atender ao desejo de vivenciar experiências europeias, contribuiu para a criação/ampliação destes espaços.

A presença da dança nos clubes surgiu no contexto das festividades realizadas nestes espaços, contribuindo para a aproximação e divertimento das pessoas ali presentes. No entanto, isso aconteceu à medida que se venceu os desafios da modernidade, visto que a indolência e a debilidade atribuídas às mulheres no século XIX foram substituídas pela vitalidade corporal, muito presente nas danças (MATHIAS; RUBIO, 2010) que circularam por diversos espaços, dentre estes, os clubes, nas primeiras décadas do século XX.

Como resultado desse processo é possível inferir que os clubes brasileiros se constituíram muito mais ao sul e sudeste do país, incluindo as áreas rurais. Desse modo, estes clubes tentaram suprir as carências quanto às práticas esportivas, dando a estas localidades a contribuição quanto à formação de suas identidades culturais.

Já nas primeiras décadas do século XX, os clubes de elite e os populares, também chamados de comunitários (DACOSTA, 2006), ganharam destaque. Este fato se apresentou nos registros feitos nos jornais impressos, bem como nas revistas de circulação à época.

À medida que os esportes foram se popularizando nas grandes cidades brasileiras, os clubes também foram reforçando suas características, ora como clubes esportivos, assumindo o esporte como uma marca de grande representação para a vida clubista, montando suas equipes representantes, ora como clubes sociorecreativos com grande intensidade nas atividades festivas, como os clubes de dança.

Além dos esportes, outras práticas de sociabilidade também fizeram parte das atividades presentes nos clubes. No Rio de Janeiro, por exemplo, nas primeiras décadas do século XX, portanto, quando a capital fluminense apresentava características mais urbanas, mais modernas, foi possível encontrar diferentes espaços que contribuíram para novas reestruturações musicais e dançantes (OLIVEIRA, 2018). Já os clubes da cidade de São Paulo investiam em práticas corporais para além dos esportes (MATHIAS E RUBIO, 2010).

Considerando o crescimento do país, bem como seu aumento populacional, assim como em outros países da América latina e da Europa, no Brasil houve uma diversidade de entidades que surgiu em virtude de mobilizações sociais na constituição de associações, clubes, dentre outras manifestações que atingiu o terceiro setor (CAMARGO; SILVA, 2008).

Para Camargo e Silva (2008) estas instituições possuíam finalidades diversas, como defesas de causa ecológicas, auxílio a pessoas com necessidades especiais, incentivo e apoio à cultura, questões voltadas à preservação de espaços urbanos e à sociabilidade de pessoas.

No tocante aos aspectos socioculturais é possível destacar algumas atividades que se apresentaram pelos interesses e especificidades de determinados grupos sociais. Sendo assim têm-se os clubes de xadrez, clubes de dança, clubes do automóvel, cuja finalidade relacionava-se ao conteúdo tratado. Além destes, existiam também os clubes sócio recreativos com a presença de conteúdos diversos. Ainda sem falar nos clubes esportivos, em particular para os de futebol, que eram e ainda são a maioria no Brasil, que difere, segundo Camargo e Silva (2008), dos

clubes sociais e recreativos, que são mantidos em sua maioria por seus associados, e que apresentavam distintas atividades que além da prática esportiva.

Partindo destas considerações iniciais, ressaltamos que, desde o final do século XIX, na tentativa de introduzir, na capital baiana, práticas culturais “modernas”, as elites locais buscaram substituir algumas atividades já existentes, como a brincadeira do entrudo, por exemplo, por outras formas de divertimento, dentre elas, os famosos chás das cinco e as festas carnavalescas de caráter europeizado. Os chás normalmente eram oferecidos nas residências das famílias mais abastadas, já as festas carnavalescas aconteciam nos clubes.

Com o estabelecimento do período republicano no país, a ruptura com o passado foi ocorrendo à medida que a sociedade foi demonstrando a necessidade, cada vez maior, pela busca do ideário de civilidade e modernidade (SEVCENKO, 1992). Nesse processo, as experiências socioculturais foram ganhando lugar importante na sociedade soteropolitana à época, o que contribuiu para a consolidação de espaços onde a elite, a princípio, usufruía de tais práticas.

O surgimento dos clubes e suas diferentes modalidades marcam então o período de modernização da cidade. Inicialmente podemos apontar que, de acordo com Santos (2011), o esporte foi um marco relevante na configuração socioespacial da cidade nas primeiras décadas do século XX, principalmente no que se refere às práticas de lazer, sociabilidade e divertimento. Todavia, a elite soteropolitana já se apropriava de atividades festivas e culturais, cuja música e dança há algum tempo se faziam presentes.

Mediante diferentes situações ocorridas em vários momentos históricos no país, sobretudo, no que se refere às questões políticas e econômicas, muitos clubes deixaram de existir, principalmente no período de crise na economia, ou mesmo juntaram-se a outros, formando uma única marca, com a intenção de se manter vivo e atuante, ou mesmo em virtude de algum interesse em comum (CAMARGO E SILVA, 2008).

Dessa forma, percebemos que em cada momento histórico, a sociedade passou a usufruir e a olhar para os clubes de maneiras e com interesses diversos, assim como é possível perceber também que estas instituições ofereceram aos seus diferentes públicos, em cada momento histórico, espaços e serviços que estavam adequados ao perfil e características do público consumidor e/ou associado. O que



implicou na oferta de diferentes práticas seja de lazer, divertimento, esportivas, culturais dentre outras.

Silva (2015) aponta em seus estudos sobre os clubes sócio-recreativos centenários no Brasil, que estas entidades foram criadas com o intuito de atender a diferentes camadas sociais e por consequência, a pessoas com diferentes motivações. Dessa forma, cada clube teve sua rotina e costumes desenvolvidos de acordo com as particularidades de seu público, o que pode caracterizar a presença de atividades recreativas, desportivas, dentre outras manifestações, inclusive festivas com a presença de música e dança.

Sendo assim, buscaremos na próxima seção apresentar os clubes encontrados junto às fontes pesquisadas e destacaremos suas características no que se refere à estrutura, perfil de associados, tipos de eventos/atividades em que a dança se fez presente e os tipos de dança encontrados.

#### 4.1 OS CLUBES SOCIAIS EM SALVADOR

Para iniciarmos a discussão concernente aos clubes da cidade do Salvador partimos das seguintes indagações: diante do processo de urbanização que passou a cidade da Bahia, entre os anos de 1912 e 1935, como ficou a situação dos clubes da capital frente às transformações urbanas? Os clubes permaneceram nos mesmos espaços após a reforma? A reestruturação urbana trouxe algum impacto para as características dos clubes e o perfil de seus associados e frequentadores?

A constituição dos clubes no Brasil aconteceu diferente das experiências europeias. Todavia, nas primeiras décadas do século XX, diante de um novo regime político e da necessidade de acompanhar os ideais de civilidade comuns aos países europeus, a capital baiana, em busca desse ideário de modernidade, passou por transformações urbanísticas, assim como outras grandes capitais brasileiras.

Diante destas transformações urbanas, os clubes foram ganhando mais espaço na cidade, mediante a necessidade de se legitimar novas práticas de divertimento e de sociabilidade. Afinal, existia por parte da elite soteropolitana a intenção de mudar, além da estrutura urbana, os hábitos e modos de vida da população para se assemelhar aos europeus.

Desse modo, as práticas consideradas ultrapassadas, como o entrudo, por exemplo, foram substituídas por diversões consideradas modernas, como os cinemas, os chás, bailes dançantes, e as *soirées*<sup>28</sup>. As práticas esportivas como novas formas de sociabilidade também passaram a ser mais valorizadas e ganharam mais adeptos. Os imigrantes e estrangeiros passaram a desfrutar dos clubes como espaços de sociabilidades, assim como também funcionários e comerciantes e demais população.

A presença dos clubes na capital baiana marcou, direta ou indiretamente, a vida social e cultural da população, assim como também às questões políticas que envolviam a cidade nas primeiras décadas do século XX. Enquanto isso, o Rio de Janeiro, grande referência para o desenvolvimento urbano de Salvador, foi se tornando o palco das principais experiências da modernidade e instituindo em sua capital uma vida social muito movimentada, cujo status e distinção social precisavam ser vistos e ou mostrados publicamente (MELO, 2014).

Diante deste movimento, os gêneros musicais foram se difundindo e se popularizando, ocupando diferentes espaços na cidade e segmentos sociais diversos. As festividades foram ganhando notoriedade, tomando a vida social e cultural dos cariocas (OLIVEIRA, 2018), passando a serem idealizadas por outras capitais brasileiras, como Salvador. Todavia, conforme relata Rocha Junior (2011), as mudanças decorrentes da modernidade não apagaram as marcas ou traços culturais cravados em terras brasileiras. Embora a cidade apresentasse aspectos considerados modernos, as marcas do passado se faziam presentes na divisão social e cultural da população.

Esse movimento de imprimir à elite baiana hábitos e modos de vida europeus configurou-se também na tentativa de introduzir em Salvador a chamada *Belle Époque*<sup>29</sup>, que não se rotulava apenas pelas mudanças em sua estrutura física, mas também pela introdução de novas experiências de sociabilidades e práticas culturais vinculadas aos clubes, aspectos presentes quando se tratava de modernização.

---

<sup>28</sup> Soirée é uma palavra de origem francesa, cujo significado nos remete a pensar em qualquer reunião social que acontece à noite. Mais informações em: <https://www.dicio.com.br/soiree/>

<sup>29</sup> Belle époque é uma expressão que traduzida para português significa “bela época”. Surgiu no final do século XIX em meio ao caos econômico e a necessidade de reconstrução de um país que havia perdido muitas pessoas na guerra. O uso dessa expressão gera percepções diferenciadas para historiadores e estudiosos do assunto no que tange os aspectos políticos, econômicos, sociais, artísticos e culturais. Sobre a Belle époque ler Sevckenko (1983) e A história da vida privada, volume 3. Vide referências.

Neste período de uma pretensa *Belle époque* vivida em tempos diferentes nas cidades brasileiras, havia uma relevante influência nos padrões de consumo e comportamentos da população, que também se marcou por uma mudança dos padrões da publicidade, com o aumento na circulação de revistas (SEVCENKO, 1983). *A priori*, com o crescimento da publicação de revistas ilustradas com características e formato mais moderno, assim como a criação do mercado fonográfico, a população passou a experimentar músicas mais ritmadas e danças consideradas sensuais para a época.

As pessoas que faziam parte da elite urbana se mantinham seduzidas pelo luxo europeu, de maneira que este luxo, por muitas vezes, estava destacado nas vestimentas, nos acessórios usados no cotidiano e nos espaços frequentados. Apesar da sedução para com o luxo europeu, é preciso compreender que os aspectos sociais, políticos e econômicos vividos pela maioria do povo brasileiro à época (1912-1935) eram diferentes das características promovidas pela *Belle Époque* francesa. Fato este que nos permite dizer que foram poucas as pessoas a usufruir dos “privilégios” desta bela época (MÉRIAN, 2012).

Ainda que a alegria de viver, o gosto pelas festas e diversões fosse parte do cotidiano dos franceses, algumas de suas manifestações artísticas, como as artes plásticas e as artes cênicas, não refletiram de maneira positiva no Brasil (MÉRIAN, 2012), embora alguns aspectos artísticos e culturais do povo brasileiro e de estrangeiros que por aqui viviam, tivessem semelhanças com o modo de vida boêmio de quem vivia em Paris à época.

Mesmo diante das semelhanças e diferenças percebidas durante o período da *Belle époque* no Rio de Janeiro, na perspectiva de tornar Salvador uma capital modernizada, mesmo diante de alguns entraves econômicos na Bahia daquele período, a elite deixou de olhar apenas para a remodelação urbana, mas que era também muito importante. Com a referência da capital fluminense, a elite baiana foi em busca de novas possibilidades de uso deste espaço, o que levou também a necessidade de mudança no comportamento e nas relações de sociabilidade entre as pessoas (SANTOS, 2011).

Os clubes foram crescendo na capital baiana e com eles a necessidade dos jovens ricos alinharem lazer à saúde, através das práticas esportivas, mais fortemente o futebol (SANTOS, 2011). Logo, à medida que a cidade foi crescendo e se tornando cada vez mais “moderna e civilizada”, houve a necessidade de que

outros espaços fossem criados para que houvesse práticas de sociabilidades para além do esporte. Dessa forma, os espaços clubísticos tornavam-se lugares de encontros e eventos sociais, frequentados pela alta sociedade.

No início do século XX, alguns clubes tiveram suas sedes reformadas para atender as demandas de um novo ideal de sociedade e passaram a atender a outra demanda que não somente esportiva, uma vez que familiares e amigos de esportistas passaram a frequentar os clubes, passando a usufruir do seu cotidiano, mais especificamente do que se oferecia nos clubes nos finais de semana, outras práticas de sociabilidades que não mais apenas os esportes.

Salvador, naquele momento se urbanizava. Circulavam pela cidade estrangeiros e pessoas vindas de outros estados, a fim de residir na cidade ou em busca de trabalho, fato que fez com que o movimento esportivo passasse a ter mais aderência, as ligas esportivas foram crescendo, passando a ter mais clubes, inclusive criado por populares.

No entanto, de acordo com Santos (2011), os clubes de elite passaram a realizar atividades competitivas mais internamente, e diante da necessidade de espaços para a diversão dos soteropolitanos para este grupo de pessoas, é que práticas sociais, diferentes das modalidades esportivas, sobretudo o futebol, passaram a ter mais relevância.

Para fins deste estudo, com base em Oliveira (2015) e Camargo e Silva (2008), serão considerados os clubes registrados como instituições, formalmente constituídos, planejados, construídos e destinados especificamente para a prática dos encontros sociais e de lazer, seja por meio de atividades esportivas, artísticas, mas que tivesse naquele período a presença da dança.

Serão consideradas as especificidades de cada instituição quanto à forma de funcionamento, dimensão, localização, conteúdo e serviços oferecidos aos associados, principalmente a presença e os tipos de dança que promoveram trocas de experiências socioculturais, independentemente de sua classificação ou finalidade.

Para tanto, além dos aspectos acima apresentados, é importante inferirmos que a situação político e econômica que viveu a cidade da Bahia nas primeiras décadas do século XX, principalmente quanto a sua estagnação econômica, nos ajudará a compreender o movimento que está relacionado com a manutenção e

funcionamento dos clubes, bem como ao fechamento de suas portas, em alguns momentos do período estudado.

Partindo desta compreensão, Santos (2011) relata que alguns clubes tiveram seu funcionamento limitado, entre os anos de 1897 e 1905, ou mesmo deixaram de realizar eventos de maiores custos, como o carnaval, por exemplo, em virtude do declínio na economia baiana marcada pela seca na região, pela perda da centralidade econômica para o Rio de Janeiro e São Paulo, e conseqüentemente pelas restrições a créditos para investimentos comerciais (SANTOS, 2011).

Tal fato fez com que muitos clubes fechassem suas portas permanentemente, ou mesmo vendessem parte de seu patrimônio configurado na sua estrutura física. Alguns, inclusive, deixaram de desfilar nos carnavais ou mesmo realizar seus bailes carnavalescos.

A recuperação da economia, entre os anos de 1906 e 1928, se deu em decorrência da melhoria dos preços dos produtos agrícolas e de sua exportação, principalmente após a primeira guerra mundial (que gerou importante crise na Bahia), além da exportação de outros produtos. Esta situação foi culminar numa nova fase para os clubes, que também acompanhou a remodelação da cidade.

Nos documentos analisados encontramos registros da existência de clubes em Salvador, desde o início do período oitocentista. Tal informação também pode ser identificada no estudo de Santos (2011) quando este apresenta que em 1837 os ingleses criaram na cidade o Club Bahiano de Remo, embora sem registros da presença deste clube em anos posteriores.

Ao folhearmos atentamente os jornais impressos, bem como no cuidado e atenção para com as fontes digitais, encontramos registros de alguns clubes existentes da cidade do Salvador no período entre 1912 e 1935 e, à medida que estes clubes foram aparecendo nos periódicos, fizemos uma organização cronológica por data de fundação e os destacamos no quadro abaixo. Porém, no momento da análise dos clubes, compreendemos que apenas se fez necessário dialogar com os clubes que, ao longo das notícias publicadas, explicitou, de alguma forma, a presença da dança em suas instalações. A esses clubes, nos coube uma análise mais aprofundada, conforme apresentado na próxima seção.

Ainda, vale ressaltar que optamos por destacar ao final do quadro, os clubes que nas fontes primárias não encontramos seu ano ou data de fundação. Ao total, encontramos repetidas vezes, registros dos seguintes clubes:

QUADRO 1: Clubes sociais existentes na cidade do Salvador (1912 e 1935)

+

	<b>Nome do Clube</b>	<b>Data/ano de fundação</b>
1	Associação Commercial da Bahia	1811
2	Bahia British Club	25/05/1874
3	Clube Comercial	21/05/1876
4	Club Caixeiral	1876
5	Club Cruz Vermelha	1883
6	Clube Fantoques da Euterpe	1884
7	Esporte Clube Vitória	13/05/1899
8	Innocentes em Progresso	1899
9	Esporte Clube Ypiranga	07/09/1906
10	Associação Atlética da Bahia	04/10/1914
11	Clube Bahiano de Tênis	25/08/1916
12	Yacht Clube da Bahia	1935
13	Clube Espanhol	1911
14	Esporte Clube Bahia	1931
15	Club do Rio Vermelho	Sem data de Inauguração
16	Club Santa Cruz	Sem data de Inauguração
17	Club Alemão	Sem data de Inauguração
18	Club Recreativo Plataformense	Sem data de Inauguração
19	Palace Club	Sem data de Inauguração
20	Royal Club	Sem data de Inauguração
21	Elit Club	Sem data de Inauguração
22	Club Yara	Sem data de Inauguração

Fonte: Autoria própria

#### 4.2 OS CLUBES: SUAS HISTÓRIAS, SEUS ASSOCIADOS E SUAS DANÇAS

Na leitura dos periódicos encontramos registros de clubes com finalidades diversas, mas também alguns com características que atendem aos anseios da pesquisa. Dessa forma, apresentamos uma descrição do que foi possível identificar nos achados históricos presentes nas fontes primárias. Todavia, adotamos como

critério para a escolha dos referidos clubes ou espaços com a mesma finalidade, a presença da dança em seus espaços.

Dentre os clubes e/ou espaços semelhantes encontrados, abordaremos a partir de agora clubes com características sociais<sup>30</sup>, recreativas<sup>31</sup> e carnavalescas, considerando que diante das referidas características, em diferentes experiências socioculturais, a dança esteve presente.

Sendo assim, ao nos debruçarmos sobre as fontes, encontramos registros que datam da Primeira República no Brasil (1889 – 1930) e achamos nos periódicos em circulação em Salvador (1912-1935) à época, dados sobre alguns dos clubes existentes no período em questão. Dentre os espaços encontrados tem-se inicialmente o *Club Caixeiral*. Uma entidade fundada em 1876, portanto, umas das mais antigas na cidade.

Com essência exclusivamente recreativa, o clube atendia pessoas de uma categoria profissional denominada “Caixeiro”<sup>32</sup>. Os caixeiros inicialmente eram jovens trazidos de Portugal e da Espanha pelos comerciantes compatriotas e jovens que aqui nasciam.

Com o passar dos anos, este termo entrou em desuso e, de acordo com Santos (2009), equivale atualmente à figura do vendedor ou balconista, embora tenha sido bastante utilizado até os anos de 1930, quando passou a ser chamado de “empregado do comércio” ou mesmo “comerciário”, tendo este último nome preferência de uso em virtude da publicação da Lei da Previdência Social em 1934.

De acordo com os estudos de Santos (2009), houve uma predominância de pessoas brancas associadas ao clube e nesta categoria profissional havia uma separação de funções que se caracterizavam de acordo com o grau de instrução de cada caixeiro. Por isso, eram-lhes atribuídas funções diversas relacionadas ao comércio, desde a de guardas livros, para quem tinha maior grau de instrução e, portanto, recebia maiores salários, até a de balconista, cujo salário era um dos mais baixos e muitas vezes o sujeito nem recebia em troca de moradia e comida.

---

<sup>30</sup> MEZZADRI, F. M. A estrutura esportiva no estado do Paraná: da formação dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais. Tese (2000). (Doutorado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.

<sup>31</sup> SILVA, Marcos Ruiz da. Lazer nos clubes sócio-recreativos de Curitiba/PR: a constituição de práticas e representações sociais. Dissertação (2007). Mestrado em Educação Física. Universidade Federal do Paraná-UFPR.

<sup>32</sup> Palavra que está relacionada a atividade comercial, a princípio utilizada para designar a figura do empregado.

Muitos caixeiros tinham desenvoltura na função exercida e mostravam querer prosperar no setor do comércio, alguns inclusive, como relata Santos (2009), cresceram no ramo e com algumas economias conseguiram montar seu próprio comércio, passando a ter visibilidade no setor e a fazer parte mais elitizada da sociedade baiana.

**Figura 23** – Inauguração das fotografias de Rui Barbosa e do servidor, o Sr. Luiz de Carvalho



Fonte: Hemeroteca digital (1914). Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

A imagem acima é um registro da galeria de Beneméritos do Club Caixeiral no momento da inauguração das fotografias do Sr. Rui Barbosa, intelectual e político influente à época, e do servidor do comércio, o Sr. Luiz de Carvalho, que por muito tempo foi presidente do clube.

Na fotografia estão alguns políticos influentes, comerciantes mais ricos e parte dos associados com suas respectivas famílias. Todos trajando vestes mais



elegantes, o que era comum ao tipo de evento e às festividades realizadas no clube, além do que, também era uma das características dos moldes europeus. Sobre esta noite, A Notícia, em 1914, trazia a seguinte nota:

Sabbado, realizou-se uma animada soirée dansante, oferecida aos seus sócios e exmas famílias, pelo Club Caixeiral. As dansas prolongaram-se até alta madrugada, reinando sempre a maior cordialidade. Esteve presente um grande numero de senhoritas e cavalheiros e muitas comissões (A NOTÍCIA, 1914, n.p.).

A nota publicada pelo jornal A Notícia nos leva a reflexão sobre a presença da dança em suas festividades. Embora o registro não deixe claro o tipo de dança, o termo cordialidade presente na notícia nos remete a pensar em danças que promoviam alegria, despertavam a relação de afeto e amizade.

Este periódico publicou repetidas notícias do Club Caixeiral, as festas, chás, saraus dançantes e bailes carnavalescos, por ele promovidos. Embora não seja nossa intenção discutir os cursos e ou escolas de dança presentes em Salvador à época, não podemos deixar de mencionar que no Club Caixeiral existia curso de dança, o que era algo incomum na cidade da Bahia.

Além do curso de dança, o jornal também divulgava cursos na área de escrituração mercantil, o que ratifica o importante papel desses caixeiros frente ao desenvolvimento das lojas e certamente na vida dos patrões.

Os caixeiros eram peças extremamente importantes na engrenagem de funcionamento das lojas e dos negócios. Realizavam os pagamentos e cobranças, cuidando ainda de toda a escrituração dos negócios dos patrões. O fato de conhecerem os mecanismos de escrituração mercantil tornou-os indispensáveis aos comerciantes da Corte (MARTINHO; GORENSTEIN, 1993, p.38).

As fontes analisadas destacam que muitos destes caixeiros eram homens solteiros, o que denota uma ideia de exclusão para com a questão da presença feminina neste tipo de serviço, o que de fato não apareceu nos registros, e indicava maior disponibilidade de tempo para dedicação ao trabalho. Os caixeiros tinham seus casamentos, na maior parte das vezes, arranjados com as filhas de seus patrões, o que lhes garantiria ascensão social (SANTOS, 2009).

O Club Caixeiral foi, portanto, um espaço de promoção de atividades festivas, cujas portas se abriram para receber os funcionários do comércio, na figura dos caixeiros e suas respectivas famílias, principalmente os de maior distinção econômica. Passou a oferecer a esse público muitos eventos sociais, conforme o anúncio do Jornal A Notícia, de 1920, quando publica o convite da comemoração de aniversário da fundação do clube.

Esta útil sociedade que tem prestado tão relevantes serviços aos seus associados, e onde a nossa elite social tem experimentado as mais intensas alegrias, nas suas festas brilhantes, vai comemorar solenemente o dia 22 do corrente, aniversario da sua fundação. Cabendo num sábado, o dia 22, é de esperar a maior animação, num baile que se realizará ali, em homenagem à fundação do Club Caixeiral, que não tem cessado de enviar convites especiais às famílias conhecidas e dos seus distintos associados. (A NOTÍCIA, 1920, n.p.)

**Figura 24** – Aniversário de Fundação do Clube



Fonte: Hemeroteca Digital, Jornal A Notícia (1920).  
<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

A fotografia acima foi registrada em um dos salões do clube no dia do baile de aniversário de sua fundação. Aparecem neste registro seus associados e suas respectivas esposas, filhos e filhas. O salão mantinha uma decoração distinta de um salão nobre com seus lustres finos, molduras e cortinas que davam um toque especial na decoração. As senhoras e senhoritas trajando vestidos com corte comum à época, mas anunciados nos jornais como sofisticados, e os homens com seus ternos e gravatas e, as crianças também a caráter.

Ao se reportar a festa de aniversário do clube, o jornal A Notícia destaca em nota que, dentre as demais associações existentes na Bahia, o Club Caixeiral se destacava por congregar muitos e respeitados empregados do comércio do Estado.

Além disso, o clube tinha muita tradição na realização de festas e que, por isso, merecia a fama. Eram festas costumeiramente elegantes onde se reuniam distintas famílias, o que acabava exercendo influência sobre os políticos locais.

Além das festividades, o jornal apresentou em algumas de suas publicações notas em que a sociedade do Caixeiral apareceu ajudando as pessoas consideradas desvalidas da sorte e, que por esta razão, o clube também tinha grande admiração da sociedade baiana, conforme apresenta o jornal A Notícia, no ano de 1920, quando publicou a respeito de uma festa realizada pelo clube para angariar ajuda financeira.

Eram precisamente vinte e uma horas quando tiveram início as dansas, deslizando inúmeros pares no tango, e one-steppes. A animação foi em grande crescendo e, até alta madrugada, dansou-se com o maior entusiasmo, permanecendo os salões repletos de convidados e associados, todos satisfeitos por mais esse sucesso, obtido pelo Club Caixeiral. O serviço de chá, refrescos e gelados esteve excelente e os directores e associados do Club Caixeiral cumularam seus convidados das maiores provas de atenção e gentileza (A NOTÍCIA, 1920, n.p.).

Na notícia publicada acima, encontramos os primeiros tipos de danças presentes nas festas nos clubes sociais na década de 1920, em especial no Clube Caixeiral, sendo elas o tango e o *One step*.

Sobre os tipos de danças encontrados, faremos uma análise inicial sobre o tango<sup>33</sup>. Este que surgiu na Argentina nas últimas décadas do século XIX, em meio ao processo de chegada de imigrantes europeus em busca de oportunidades frente ao processo de modernização do país (ROMERO, 2012).

Quanto a sua forma de dançar, ele permite que haja um encontro corporal mais próximo entre o homem e a mulher, que por este motivo, em determinado momento e contexto social ele foi motivo de escândalo para a elite.

Já o *One Step*<sup>34</sup> é um tipo de dança de passo único, cuja origem se deu nos Estados Unidos no final do século XIX (LACAS, 2021). Por ter passo único e ser dançada num ritmo binário, compreende-se que a forma de dançar é mais lenta.

Ao nos debruçarmos sobre outros periódicos à época, percebemos no jornal *Gazeta de Notícias*, uma publicação sobre as comemorações do aniversário do clube e nela encontramos mais três diferentes tipos de danças valsas, *pas-de-quatre* e *two-step*, conforme destacado.

Com toda a solemnidade e o máximo brilhantismo, realizou-se no sabbado ultimo < no Club Caixeiral > uma festa encantadora, commemorativa da passagem do 37 aniversario da fundação dessa conceituada sociedade [...].

A's 10 horas da noite achando-se repletos os vastos salões do Club, de distintas famílias, cavalheiros e de um formoso bando de gentis e graciosas senhoritas, que davam uma extraordinária expressão de encanto e de graça á festa que a começar iniciaram-se as danças, que proseguiram, até alta madrugada, num revolultear constante de valsas, <pas-de-quatre> e <two-step> (GAZETA DE NOTÍCIAS, 26 de maio 1913, n.p.).

No anúncio em destaque, o aniversário do Clube Caixeiral foi marcado por uma festa dançante, o que já fazia parte do importante calendário do clube. Desse modo, homens e mulheres ali presentes dançaram ritmos dançantes mais lentos e elegantes, como a valsa<sup>35</sup> e o *pas de quatre*<sup>36</sup>. No entanto, o *two step* é uma dança

<sup>33</sup> O Tango surgiu na Argentina como música e dança por volta do final do século XIX. Tem como base outros estilos como a habanera e a milonga. Inicialmente o Tango difundiu-se entre as classes menos favorecidas de Buenos Aires, Argentina, estando nos bares, cafés e prostíbulos. Para mais informações sobre o Tango, ver: Romero, Avelino (2012). Buenos Aires, História e Tango: crise, identidade e intertexto nas narrativas “Tangueras”. Tese de doutorado. Niterói: Rio de Janeiro, 2012.

<sup>34</sup> Pierre-Paul LACAS, “ONE-STEP, danse”, Encyclopædia Universalis [online], consultado em 20 de maio de 2021. URL: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/one-step-danse/>

<sup>35</sup> A valsa é dançada com ritmo ternário que pode ser dançada com variações rítmicas, portanto mais lento, mais rápido, porém de maneira elegante. Sobre a Valsa, ver: <https://anabotafogomaison.com.br/a-historia-da-valsas/>

<sup>36</sup> O Pas de Quatre é uma dança oriunda do balé clássico, portanto de origem francesa. Dançada inicialmente por quatro pessoas. Sobre o Pas de Quatre, ver:

com uma característica diferente, pois pode ser dançada mais rapidamente, portanto, é mais animada e dançada por casais com os corpos mais próximos.

Em outra edição do Jornal a Gazeta de Notícias, em 1913, foi publicada uma reportagem sobre uma espécie de eleição para seus leitores e leitoras, a respeito da permanência ou não do *two step* nos salões baianos. Ao publicar as respostas dos seus leitores à pergunta feita sobre a permanência da dança nos salões do clube, achamos por bem trazê-las para uma análise e discussão.

#### Concurso Elegante

Deve ou não deve ser abolido o “two stepp” nos salões bahianos? É o que perguntamos aos nossos leitores e leitoras.

Respostas:

Será possível que só na Bahia, por ser talvez a terra mais moralisadora se queira proibir o two stepp, a melhor de todas as dansas, adoptada em todo o mundo civilizado? - A. Barata

Viva o Two Stepp!

O pessoal da Feira de Sant’Anna não pode votar contra, pois tabaréos não têm razão – Tio L’amour.

Se eu considerasse o Two Stepp uma dansa livre, decerto não a aprovaria. Porem, como acho que nós nos civilisamos devemos impreterivelmente adopta-lo – Amália M. (GAZETA DE NOTICIAS, 5 nov 1913, n.p.)

Ao nos depararmos com esta publicação passamos a refletir sobre a presença do *two-step* na sociedade baiana naquele espaço-tempo, nos indagamos sobre os motivos e questionamentos apresentados por seus leitores quanto a este tipo de dança.

De certo, o *Two step*<sup>37</sup> é uma dança que se originou do termo francês “*valse um deux temps*”, cujo significado imprime a ideia de uma “valsa de duas batidas”. A forma de dançar permitia que os casais se aproximassem e dançassem juntos entrelaçando suas pernas, o que era algo que fugia a moralidade e os bons costumes pregados pela elite baiana, considerando o padrão de civilidade das cidades modernas, como Rio de Janeiro e Paris, suas principais referências.

No entanto, a maneira como ela aparece na notícia em destaque e a forma como ela é tratada pelos leitores do referido jornal, nos leva a refletir sobre essa

---

<https://dospassosdabailarina.com/tag/pas-de-quatre/>;

<https://5seis7oito.wordpress.com/2016/06/28/licoes-da-danca-pas-de-quatre/>

<sup>37</sup> Sobre o two step, ler: <https://educalingo.com/pt/dic-fr/two-step>

dança, nos salões dos clubes à época, em questão, e o quanto ela animou os casais ali presentes, mas também o quanto gerou desconforto à sociedade, a ponto de ser realizado um concurso, do tipo enquete popular, para saber da população se esse tipo de dança deveria ser proibida nos salões dos clubes na cidade do Salvador naquele momento.

Outro clube que se fez presente nos periódicos analisados é A Associação Atlética da Bahia. A história de sua fundação é bem interessante.

Nos registros consultados há informações que a fundação se deu por um grupo de jovens que admirados após uma partida de futebol realizada entre as equipes do Ypiranga e do navio-escola Benjamim Constant, da Marinha do Brasil, que se encontrava atracado no porto de Salvador, em 1914 que, animados com a partida, resolveram fundar uma sociedade esportiva que fosse voltada para a prática de todos os jogos esportivos, mas em especial ao futebol, e que se chamou “Associação Atlética da Bahia”.

Porto Filho, em 2012, publicou um livro em comemoração aos 96 anos de Fundação da Associação Atlética da Bahia. Nele tem relatos de como se deu sua fundação e onde era sua primeira “sede”.

Diante de algumas investigações e publicações nos jornais impressos à época, a Associação foi fundada numa república ocupada por jovens, no terceiro andar do prédio número 19, que se situava à Rua São Pedro, hoje Avenida Sete de Setembro.

Por lá moravam alguns jovens solteiros, muitos caixeiros e estudantes, vindos de outras cidades para estudar e ou tentar a vida na cidade, mas o maior interesse estava em jogar futebol.

Os primeiros anos foram voltados à prática esportiva e com destaques em algumas modalidades, como o *cricket* e o futebol. Porém, diante de algumas dificuldades pertinentes ao momento, como a inexperiência dos jovens, a falta de espaço e de recursos para aluguel de sua sede, o início da Associação também foi conturbado, provocando muitas renúncias e saídas de sócios.

A falta de uma sede própria não coibiu o funcionamento da Associação até que o Club Caixeiral cedeu um dos salões de seu palacete para as reuniões da diretoria. Na tentativa de melhorar as condições de arrecadação, o clube passou a promover eventos artísticos e a se destacar nos campeonatos de futebol.

Em meio às reuniões da diretoria, criou-se o Regimento Interno (1921) com aprovação e publicação do uniforme que padronizou as cores do clube, cuja base é azul e branca, a partir daí passou a ser chamada de Associação Azulina.

Ainda no ano de 1921 a Associação destacou-se no *cricket* e passou a incorporar o Bahia *Cricket* Club, conquistando a partir deste momento grande prestígio social, visto que a equipe foi composta por atletas que faziam parte da elite econômica de Salvador à época (PORTO FILHO, 2012).

Em abril de 1923, o Jornal A Tarde publicou uma edição em que anunciava a inauguração de uma nova sede, o que seria um acontecimento importante para a vida dos baianos.

Tal fato aconteceu em virtude de uma Assembleia realizada entre a diretoria cuja decisão resultou na transformação de um antigo casarão residencial que passaria a ser a sede social do clube.

O imóvel tinha sido adquirido por Maria Miranda de Carvalho, que repassaria o imóvel a Associação em condições especiais. A casa era de boa localização no bairro da Barra e dispunha de um excelente terreno, com espaços para a construção de quadra de tênis, campo de futebol e outros equipamentos esportivos.

A simpaticizada Associação Athletica da Bahia está distribuindo convites para a inauguração, no dia 15 do corrente, de sua sede social, situada à Rua Barão de Itapuã, à Barra, com um programa de festas interessantes, que constituirá um verdadeiro acontecimento no nosso registro mundano.

Às 10 horas, aproximadamente, terá lugar a benção da sede, realizando-se à noite um baile em homenagem à embaixada do Fluminense (A TARDE, 1923, n.p.).

Então, no dia 15 de abril de 1923 foi inaugurada a sede social da Associação Atlética da Bahia, com várias atividades festivas para saldar a nova fase do clube. Dentre as atividades aconteceram algumas partidas de futebol, em que o time carioca, o Fluminense, venceu a equipe da Atlética por 3 x 1 e foi homenageado na noite de inauguração do clube.

**Figura 25** – Sede da Associação Atlética da Bahia



Fonte: Acervo da Associação Athética da Bahia (1941).

Sua sede era considerada um dos casarões mais elegantes e luxuosos do bairro da Barra, construída ainda no século XIX. Como esteve arrendado durante quinze anos, quando passou a ser definitivamente do clube, a diretoria organizou a construção de uma nova sede que continuou seguindo uma linha elegante. Porém com estrutura mais moderna, inclusive para adequá-lo às necessidades dos jovens associados quanto a espaços e oferta de atividades esportivas e de lazer, mas também para acompanhar o desenvolvimento urbano da capital baiana (SANTOS, 2012), sem falar das exigências de seus sócios ricos que determinaram adequações à nova sede, tendo como referência os clubes sociais do Rio de Janeiro e São Paulo.

Para isso foram adquiridos terrenos ao lado do novo palacete e neles foi construídos um complexo esportivo com piscina, novas quadras de tênis, voleibol e basquete, estande de tiro ao alvo, dentre outros equipamentos (PORTO FILHO, 2012).



O brilhante grêmio azulino inaugurou, ontem, na Barra, o seu luxuoso palacete-sede. Tudo que se possa dizer do valor que representa este extraordinário empreendimento do querido clube baiano não basta, pois não só para o esporte baiano representa mais um surto de progresso, mas para a Bahia em toda a sua extensão social e progressista [...].

Uma festa linda, enfim, a cuja comparência não faltaram todas as autoridades civis e militares do Estado e da União e com elevadíssimo numero de senhorinhas (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1923, n.p.).

Após a inauguração da sua sede na Barra, o clube passou a oferecer aos seus associados, além das festas, muitos campeonatos esportivos internos, como futebol, críquete e tênis, além de ter excelentes espaços para a prática destes esportes, contava também com uma pista de patinação, outra modalidade esportiva que estava no cenário da cidade naquele momento (PORTO FILHO, 2012).

Com a movimentação festiva em sua sede e todos os equipamentos para a prática esportiva, a Associação Atlética passou a ser o clube mais bem equipado de Salvador e, conseqüentemente, passou a ser o mais frequentado pela elite da sociedade soteropolitana.

Além de se destacar no âmbito esportivo, a Associação Azulina, como era chamada, foi frequentada pela elite soteropolitana pelas famosas festas realizadas. Foram muitos bailes e chás dançantes, desde comemorações juninas, à bailes carnavalescos e festas de réveillon, conforme destaque para a edição do jornal A Tarde de 1923.

A escol dos nossos círculos esportivos e sociais, aguarda com o maior interesse, com a ansiedade que quase sempre se espera das coisas lindas, a grande Festa da Sorte que a gloriosa Associação Athletica da Bahia vai realizar no dia 23 do corrente, na noite em se festeja o São João, santo da alegria comunicativa, dos sonhos da poesia, da suavidade, quando o prazer sincero e franco desce da eterna bem aventura para nos ornar a vida de um pouco de ilusão[...]

Essa original comemoração há de ficar, como uma nota distinta do bom gosto, de fidalguia e discreto entusiasmo, nos círculos mundanos da nossa terra. As senhorinhas e senhoras trajarão cores claras, as primeiras em papel e as segundas à vontade, com adornos de sortes. Os cavalheiros serão obrigados ao uso do uniforme de linho branco.

Quantas vezes, no estalido de uma sorte inocente, não se confirmam tantas esperanças ou se esvazem tantas ilusões... Ao lado do rink, um cozinheiro servirá canjica, em todas as suas variações. Nos cortes de tênis, em uma artística banca, haverá todas as variedades

de milho, serviço completo de buffet, doces, licores, etc. A sede, a pérgola e as proximidades da majestosa sede azulina estarão caprichosamente iluminadas e tocando uma orquestra em cujo domínio deslizarão os pares, aos volteios das danças animadas... Que festa mais atraente, mais linda, mais encantadora se poderia organizar na Bahia para comemorar o São João?

Como já era esperado pela elite associada do clube, chegava mais um aniversário e mais uma grande festa, com seus famosos bailes dançantes. No entanto, neste aniversário da Associação, em particular, a elegância dos trajes foi deixada de lado, permanecendo com o charme do antigo palacete e uma requintada decoração.

Festejando a data de hoje e em regozijo à posse dos novos diretores eleitos, a Associação oferecerá aos associados, às suas famílias e à imprensa, em sua elegante sede, um brilhante assustado, devendo as danças se fazer ao som de uma banda de música e de uma orquestra no rink e nos salões [...] (A TARDE, 1924, n.p.).

Vale ressaltar que o termo “assustado” era utilizado para se referir a bailes dançantes simples, em que o uso de trajes a rigor era dispensado. Mediante sucesso desse tipo de festa, o clube passou a realiza-la quinzenalmente. Esse termo foi muito utilizado na região nordeste e em alguns estados, até a década de 1980. Era associado à festas realizadas em garagens no escuro ou com pouca iluminação.

Em busca das danças presentes no referido clube, encontramos algumas informações relacionadas ao tema festividades que nos chamaram atenção. À medida que o clube investia no setor social ganhava espaço entre as famílias associadas, pois as atividades deste setor contemplavam de crianças a idosos, dessa forma a Associação foi atraindo mais recursos financeiros e dava *status* aos seus associados.

Em meio a sua ascensão no setor, o clube proporcionava grandes festas que passaram a ser um de seus maiores atrativos, com seus famosos bailes dançantes que aconteciam no carnaval na Associação Atlética, assim como o São João, sábado de Aleluia, momento em que se realizava a Mi-carême, aniversário do clube e réveillon.

Os trajes utilizados nos respectivos bailes variavam de acordo com o momento. Portanto, foi possível observar que os associados trajavam roupas mais à vontade no estilo e nas cores, assim como vestiam peças finas com base em linho,

que era um tecido caro e muito elegante à época, como também usavam o *smocking* em determinadas ocasiões.

A nota em destaque refere-se a um sarau dançante em comemoração ao aniversário do clube no ano de 1925, quando este utilizou o termo “elegante” para se referir às danças na ocasião da festa.

Às duas horas e poucos minutos da madrugada de domingo, quando terminaram as danças elegantes, com que tristeza, com que pesar imenso os amplos salões se despovoaram daquelas fadas encantadoras, que são o maior prestígio, o maior segredo do sucesso das festas da campeã. (A TARDE, 1925, n.p.)

Ao analisarmos o termo “danças elegantes”, cujos trajes eram mais elegantes, possivelmente vestidos longos ou longuetes para as mulheres e *smocking* para os homens, é possível compreendermos que os ritmos tocados na referida festa. Quando as festas tinham essa estrutura, os ritmos tocados costumavam ser mais lentos, daí pensamos que as danças presentes poderiam ter relação com o que era comum aos bailes à época, como as danças de salão, do tipo valsa, *two-step*, dentre outras, conforme apresentaremos a seguir.

A propósito da linda festa a efetuar-se no próximo sábado, no palácio sede da Associação Athletica, sua ilustre Diretoria está tornando público o seguinte: “Aviso aos senhores sócios e exmas. famílias, que no Sábado de Aleluia, dia 7 do corrente, haverá uma festa à fantasia em nossa sede social, que será gentilmente ornamentada pela Comissão da Diretoria. Tocar o Jazz Tupana, sendo facultado aos sócios, que não quiserem se fantasiar, comparecerem com o traje branco à rigor ou *smocking*” (A TARDE, 1928, n.p.).

Outro momento festivo e importante para os associados do clube eram as festas de réveillon. Sempre muito aguardadas pela sociedade local e pela imprensa que acompanhava e noticiava todas as festas do clube como uma forma de apoio e/ou demonstração de contentamento para com o progresso que acontecia na cidade.

Promete de fato ser deslumbrante a comemoração da passagem do fim de ano nos salões e na pérgola do rink do querido clube da Barra. Entre as atrações inéditas, haverá a organização de um jazz-band moderno, ao lado do jazz que virá do Rio de Janeiro para abrilhantar a noite de festas. Haverá números especiais de “cotilon”, com distribuição de prêmios e com sorteios surpreendentes. Em suma,

será uma festa encantadora, levada a sua execução a primor, como costumam ser as recepções da Associação (A TARDE, 1929, n.p.).

Diante da nota publicada no jornal “A Tarde” quanto ao réveillon de 1929, percebemos a presença de um novo tipo de dança, até então não comentada e/ou vista nos demais clubes analisados. Dessa forma, é importante relatar que o “Cotillon” é uma variante da *contredanse* de origem francesa, muito comum nos bailes de salão no século XIX (SACHS, 1963).

Nela os casais dançavam cumprimentando-se de maneira solene, realizando coreografias em que circulavam pelo salão, trocando olhares e trocando de pares, em determinados momentos, dando uma característica mais lúdica à dança. A forma como se dançava o *cotillón*, muito semelhante à quadrilha junina, ganhou a alegria dos casais amantes da dança, fazendo com que ela ganhasse popularidade e, portanto, muitos adeptos.

Outro clube analisado foi o Bahiano de Tênis, fundado em 1916. Assim como os demais clubes e associações criadas no mesmo período, seu início se deu de forma simples, cujas melhorias foram surgindo de acordo com o aumento de adeptos às práticas esportivas, em especial ao tênis, modalidade que contribuiu para sua criação e que levou o clube a rapidamente ampliar o número de associados.

Embora seu início também tenha sido modesto, como de outros clubes, é importante ressaltar que ele foi edificado no bairro da Graça, um dos mais importantes e imponentes bairros da capital baiana, pela centralidade política e geográfica, isso num período em que Salvador atravessava grandes transformações urbanas realizadas pelo governador José Joaquim Seabra. O mesmo governante que construiu as importantes avenidas Sete de Setembro e Contorno, e o mesmo que demoliu alguns prédios importantes para a história a cultura da cidade.

Sua primeira sede foi numa barraca de lona situada num terreno na Ladeira da Graça. Este terreno pertencia à senhora Adelaide Tarquínio que prontamente cedeu o espaço por um período de três anos.

Empolgados com o crescimento do tênis na cidade, os diretores à época aumentaram o valor da mensalidade de seus associados e fizeram um empréstimo para ampliar sua sede, que no momento já não cabia numa barraca de lona e então construíram as primeiras quadras e uma sede em formato de pavilhão.

**Figura 26** – Associados do Clube no Galpão sede (primeiras instalações)



Fonte: Correio da Bahia. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cem-anos-do-clube-bahiano-de-tenis-sao-relembrados-em-livro-lancamento-acontece-dia-20/>

Embora sua primeira sede fosse considerada simples, pois o clube se iniciou numa barraca de lona, percebemos que, ao longo dos anos, a antiga estrutura de lona foi deixada de lado, dando lugar a uma estrutura que aparentava ser de madeira, conforme foto destacada acima. Nela é possível identificar seus sócios e fundadores segurando suas raquetes, com trajés elegantes, típicos à modalidade esportiva considerada elitizada, caracterizando o que a elite soteropolitana também pregava como necessário a uma sociedade moderna e europeizada, a elegância nas roupas.

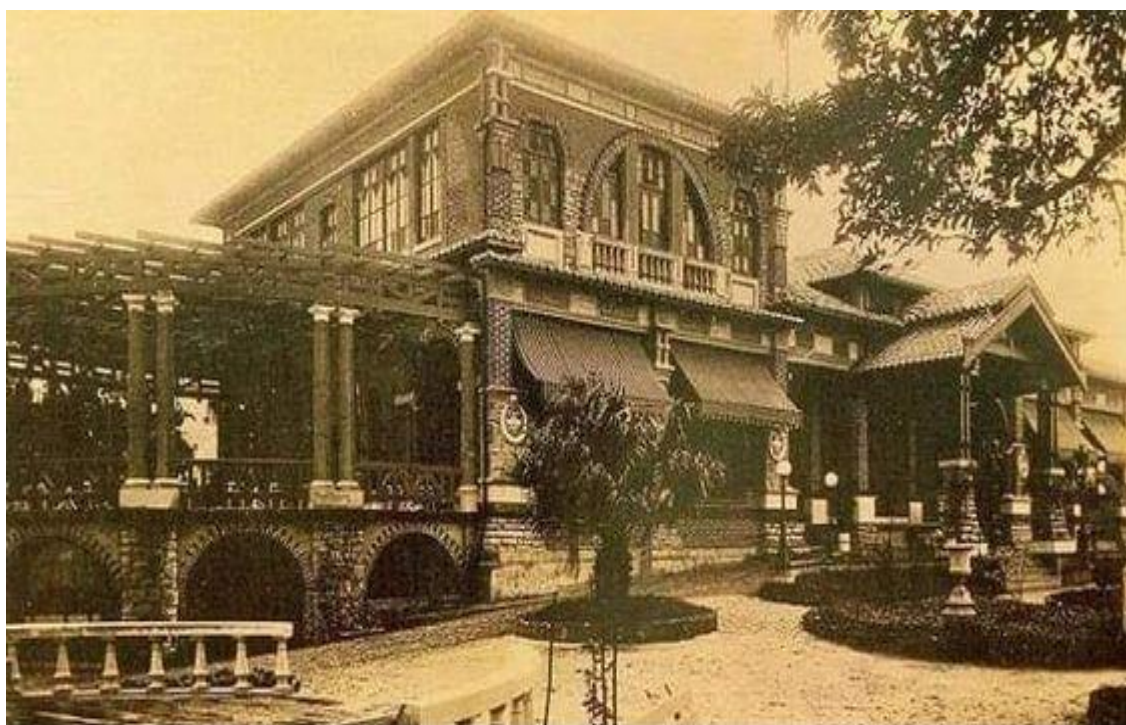
É importante inferir que, de acordo com Rocha Junior e Santos (2010), os clubes surgiram na Bahia a partir do modelo inglês e se tornaram espaços de interesses e modos de vida e de sociedade. Dessa forma, é possível imaginar que os interesses estavam implícitos na vontade da elite soteropolitana em estabelecer

uma prática esportiva de distinção social, visto que o futebol já havia se popularizado neste período, e já não era monopolizado pelos jovens abastados.

A prática do tênis caracterizava o perfil sócio econômico de seus praticantes, uma vez que era uma modalidade muito dispendiosa. Os equipamentos, como raquetes e bolas, eram importados, dessa forma ratificava que o esporte era de caráter elitizado, o que se tornava uma possibilidade de lazer em que os populares não estariam presentes.

Sua sede, na década de 1920, conforme imagem em destaque logo abaixo, apesar de ser considerada simples, demonstrava o interesse dos seus associados e fundadores de ter um espaço estruturado e que acompanhasse a evolução urbana da cidade.

**Figura 27** – O Bungalow, Antiga Sede do Club Bahiano de Tênis (1920)



Fonte: Correio da Bahia (1920). Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cem-anos-do-clube-bahiano-de-tenis-sao-relembrados-em-livro-lancamento-acontece-dia-20/>

O clube sediou eventos sociais importantes, como as festas de Reveillón, por exemplo, recebendo nomes de destaque do cenário político e social do estado da



Bahia, mediante muito glamour e dinheiro marcou um momento esportivo para o cenário baiano, sobretudo, socioeconômico, político e cultural da cidade.

No cenário sociocultural, o que interessa muito nossa pesquisa, o clube foi ganhando destaque à medida que os saraus e concertos destinados a grupos muito seletos da sociedade baiana foi perdendo lugar para as grandes festas e encontros sociais com música e muita dança.

**Figura 28** – Festa de Reveillón no Club Bahiano de Tênis



Fonte: Correio da Bahia (1930). Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cem-anos-do-clube-bahiano-de-tenis-sao-relembrados-em-livro-lancamento-acontece-dia-20/>

O registro fotográfico acima trata-se de uma festa de Reveillón, por volta do ano de 1930, onde os bailes de gala eram os maiores atrativos nas festividades de virada de ano, tanto no Bahiano de Tênis, quanto na Associação Atlética. No entanto, o Bahiano de Tênis sediava a principal festa de Reveillón da cidade e a sociedade elitizada marcava forte presença. Os homens vestiam seus alinhados *smokings* e as mulheres desfilavam no salão com seus longos e sofisticados vestidos brancos e suas mais imponentes joias.

A festa era marcada por muita comida e bebida requintada, além de glamorosa decoração e muita música, claro.

#### CLUB BAHIANO DE TENNIS

Em nome da Directoria, tenho a satisfação de convidar os srs. sócios e exmas famílias para o “Baile á Fantazia” que este clube offerecerá no dia 27 do corrente. Segunda-feira do carnaval, ás 22 horas, tocado o Jazz Band Tupana.

Não há traje determinado

Será rigorosamente exigido o recibo de Janeiro.

Bahia, 21 de Fevereiro de 1927. (Mario Tarquinio – 1º Secretario)

(Jornal A CAPITAL, 1927, n.p.).

O recorte acima destacado foi retirado de dos jornais de circulação à época, refere-se ao convite feito pela diretoria aos sócios e suas famílias, para uma festa à fantasia em comemoração ao carnaval no ano de 1927. O estilo de música tocado era o jazz, o que demonstrava um estilo mais requintado no carnaval do clube. Para este ritmo as danças requeriam movimentos mais pulsantes, oportunizando as pessoas dançarem mais livres ou ainda, em alguns momentos aos pares, mas uma dança mais eletrizante.

**Figura 29** – Estrutura física do Clube Bahiano de Tênis nas primeiras décadas do século XX





Fonte: Correio da Bahia. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/cem-anos-do-clube-bahiano-de-tenis-sao-relembrados-em-livro-lancamento-acontece-dia-20/>

Ainda sobre as festas do clube infere-se que com o passar dos anos, os bailes de Réveillon foram perdendo o gosto dos associados e outras festas passaram a ser comemoradas, como o carnaval, por exemplo.

Neste período, é possível observar a construção de várias quadras e equipamentos diferenciados para a prática de outras modalidades esportivas. No final do século XX e início do século XXI, parte do terreno foi vendido para quitar e ou amortizar dívidas (impostos territoriais, dívidas trabalhistas, dentre outras) que marcavam o período de decadência (falência) do clube. No local, hoje encontra-se uma loja e um prédio residencial ao lado.

Com o crescimento urbano e conseqüentemente com o aumento da especulação imobiliária, muitos clubes sociais foram perdendo espaço para a construção dos condomínios residenciais. Fato que foi possível observar com os clubes Espanhol e Associação Atlética.

A Associação Comercial da Bahia foi outro clube em destaque nos registros encontrados. Fundada no dia 15 de julho de 1811, sua proposta era que os comerciantes tivessem um espaço onde pudesse se reunir para a resolução de problemas comuns as suas funções, ao mesmo tempo em pudessem realizar os seus negócios.

**Figura 30** – Associação Commercial da Bahia (1919)



Fonte: Acervo Digital da Associação Comercial (1919). Disponível em <https://acbahia.com.br/acervo-historico/>

Sua sede foi inaugurada em 1817 num terreno cedido pela Corte Portuguesa, mas sua construção foi financiada com recursos dos comerciantes da Bahia.

Está chegando a hora do saráu dansante de Agosto no Club Commercial. Sabbado, 24, ás 22 horas, os amplos salões da sympathica instituição do Rosario serão abertos para nova e triunphante recepção à sociedade bahiana. Será uma noite de alegrias e divertimentos para os numerosos habituaes do Commercial. Os cavalheiros comparecerão trajados de branco a rigor ou smoking (O IMPARCIAL, 22 de agosto de 1935, n.p.).

O Jornal Gazeta de Notícias publicado no dia 15 de maio de 1913, fez destaque sobre a “Solemne recepção da Associação Comercial” realizada na noite anterior à publicação da notícia. A diretoria da Associação Commercial realizou uma luxuosa e elegante recepção no palacete sede do seu clube, localizado à Praça Conde dos Arcos, em homenagem ao inspetor dos Portos, Rios e Canais, e ao presidente da Companhia Cessionária das Docas da Bahia, pela inauguração do primeiro trecho do “Caes do porto” da capital baiana.

Segundo a nota publicada, foi uma noite de festa com muito glamour e elegância, cheia de esplendor e atrativos. Assim, além das flores e crótons que eram comuns às festas da Associação, naquela ocasião era possível perceber na parte central do salão nobre, bem como no terraço, muitas luzes em profusão, muitas lâmpadas elétricas e lustres de cristal que refletia os grandes e belos espelhos. Sem

falar do distinto serviço de *buffet*, cujo cardápio era muito sofisticado, típico das luxuosas festas dos *Club* da cidade.

O grande salão da Associação esteve repleto de senhoras, senhoritas e cavalheiros que desfilavam muita elegância, conforme fragmento destacado da notícia publicada: “A sociedade das casacas bem talhadas atestavam o grande culto e o grande êxito com que as senhoras e senhoritas evidenciavam a sua arte de bem vestir” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1913, p. 2).

A festa foi grandiosa e contou com a presença de autoridades importantes, como o governador J. J. Seabra. O presidente da Associação Commercial proferiu um discurso e um brinde em agradecimento aos serviços prestados ao comércio com a inauguração do primeiro trecho do novo caes do porto.

Para animar o baile da elegante recepção, a Associação contratou uma primorosa orquestra sob a batuta do musicista Muylaert, o qual executou peças harmônicas e delicadas marchas. As danças sempre muito animadas e distintas prolongavam-se até alta madrugada. Conforme destaque:

CARNET

Valsa, valsa, pas de quatre

Valsa, valsa, two step

Quadrilha

Valsa, valsa, two step

Valsa, valsa, pas de quatre

Valsa. (GAZETA DE NOTÍCIAIS, 1913, n.p.)

A expressão “*CARNET*”, de origem francesa, era usada para se referir a uma pequena caderneta ou caderno onde as damas anotavam os nomes dos cavalheiros com quem haviam se comprometido a dançar. Já no âmbito da música, a expressão era utilizada por musicistas para indicar uma sequência de ritmos que tem alternância de tempos musicais (três tempos).

Abaixo segue a fotografia do salão Nobre da Associação Comercial da Bahia que após uma grande reforma, foi restaurado mantendo seus elegantes lustres de cristais, ainda do século XIX, portanto, presentes nas luxuosas festas promovidas na Associação, mantendo em sua arquitetura o estilo neoclássico inglês.

**Figura 31** – Clube Commercial



Fonte: Acervo Digital da Associação Comercial. Disponível em <https://acbahia.com.br/acervo-historico/>

Na continuação do diálogo com as fontes, encontramos o Club Comercial. Fundado no final do século XIX (1878), na Avenida Sete de Setembro, permanecendo no mesmo espaço até os dias de hoje. A estrutura externa certamente foi restaurada, no entanto não conseguimos nenhum registro fotográfico que atenda ao recorte temporal da pesquisa. De todo modo, segue abaixo uma fotografia de sua fachada no início do século XXI.

**Figura 32** – Clube Commercial



Fonte: Acervo digital da Associação Comercial da Bahia. Disponível em <https://acbahia.com.br/acervo-historico/>

A estrutura interna do clube foi preservada, conforme anuncia Fernandes (2008, p. 29), “é só subir as escadarias de corrimãos dourados, encimadas por uma cúpula de vitrais, para descobrir uma pérola perdida no centro da cidade”, com informações referentes à permanência da mesma estrutura possivelmente ainda do século passado.

Quanto ao registro das danças presentes no referido clube, encontramos uma nota no jornal O Imparcial (1935), conforme apresentamos a seguir:

**Figura 33** – Soirée no Club Commercial



Fonte: O Imparcial (2 de julho de 1935)

O registro acima faz referência a uma “*soirée dansante*” realizada em junho de 1935 no *Club Comercial*. Apesar do desgaste da fotografia é possível perceber que há muitas mulheres no evento. Tal fato marcou a festa, tanto pela beleza das referidas mulheres, como pela elegância delas, conforme anunciado no periódico. Além dos trajes de gala usados pelos homens ali presentes, mesmo a fotografia sendo em preto e branco, percebe-se que os tons claros das roupas utilizadas à época, considerados elegantes e modernos, estavam em circulação na moda europeia e por isso se destacavam em todos os eventos dançantes da cidade. Essa característica identificava mais fortemente a relação identitária da capital baiana com a cidade moderna e civilizada.



A Cidade está, pois, de parabéns sob a projecção que vai tendo o Club Commercial, agora mais em evidencia pelo muito que tem evoluído e pelos sócios que tem conquistado, com intelligente selecção.

O mundo feminino, como sempre foi a nota clara, subtil, alegre, leve de graça e de beleza os seus salões, envenenando a atmosphaera de perfumes múltiplos e ... os corações dos homens de desespero e de sonho (O IMPARCIAL, 2 de julho, 1935, n.p.).

É necessário relatar que a figura feminina era algo marcante nas festas dos clubes aqui tratados, dada elegância e beleza das mulheres nos grandes e luxuosos salões dos clubes de elite. Quanto às danças, não encontramos registros que apresentassem de maneira clara o que estava sendo dançado nas festas do referido clube naquele momento histórico.

O Clube dos Ingleses, ou Bahia *British Club*, como também era e é conhecido ainda hoje, foi outro importante clube na/da cidade do Salvador. Fundado em 1874, teve a intenção de se tornar um espaço de encontros dos ingleses que aqui estiveram. Localizado na região do Campo Grande é um espaço restrito exclusivamente à presença masculina até os dias de hoje. Seu regimento é único para todas as sedes espalhadas por vários lugares no mundo, o que justifica a não presença feminina em qualquer um dos demais *British Club*.

Sua primeira sede era situada entre o antigo prédio da Assembleia Legislativa da Bahia e a Igreja dos ingleses (MENDONÇA JÚNIOR, 2014). Muitos ingleses por lá se reuniam para conversar sobre assuntos referentes a sua pátria, negócios e para se divertirem praticando alguns jogos.

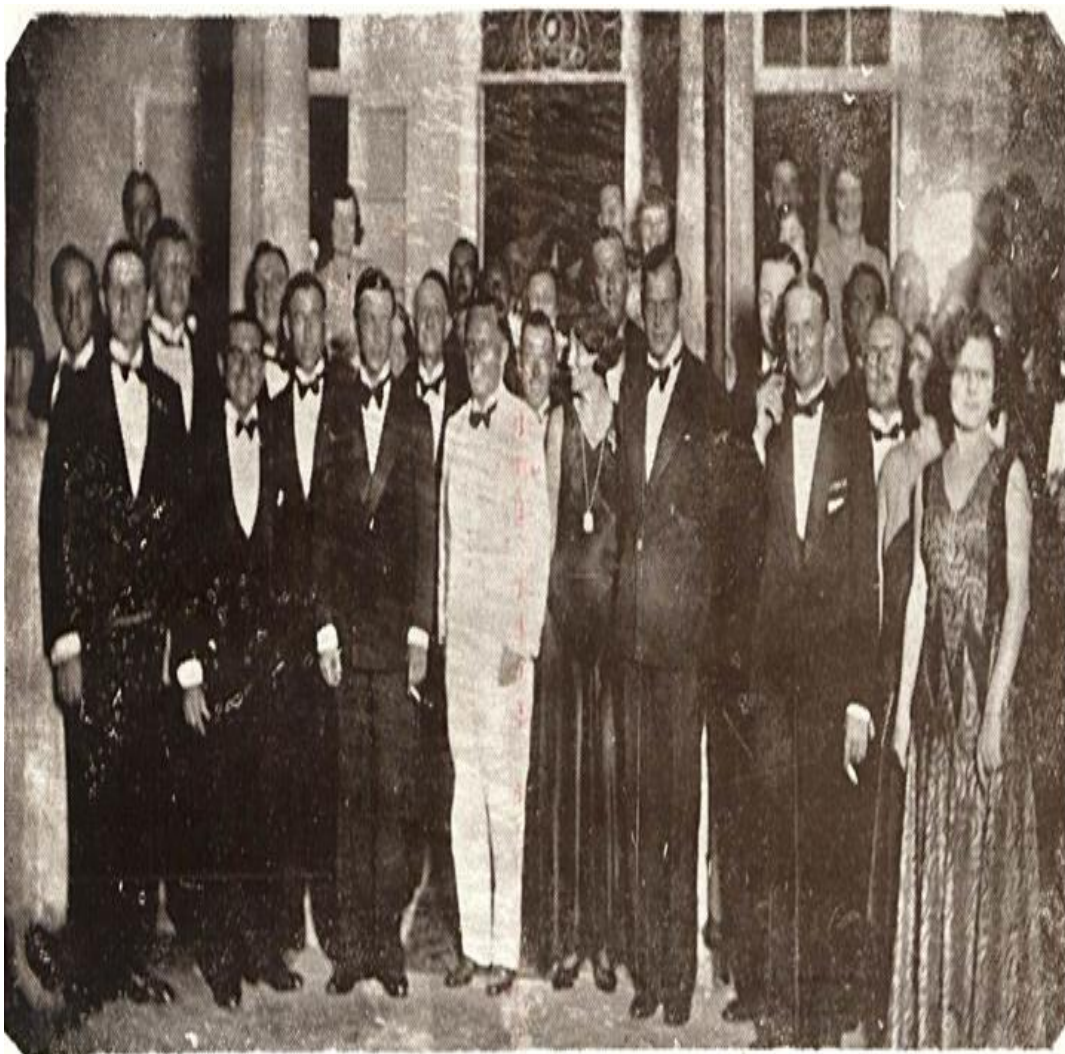
Dentre os eventos marcantes realizados no Clube Inglês, encontramos o registro imagético da rápida passagem do príncipe de Galles à Salvador. A recepção, como de costume, foi de muita elegância e luxo, conforme observamos nas vestimentas de homens e mulheres em destaque.

A presença dos ingleses em Salvador foi intensa desde os tempos da colonização até as primeiras décadas do século XX, em virtude da redefinição do papel da cidade em suas atividades econômicas. A capital baiana deixou de ser o centro exportador de açúcar, fumo dentre outros produtos, e passou a ter outras importantes atividades comerciais.

Dessa forma, cresceu a presença de estrangeiros na cidade que vinham acompanhar as negociações das mercadorias e por aqui ficaram, ora para exercer

atividades comerciais diversas ou mesmo para fazer suas fortunas. A presença dos ingleses, assim como alemães e franceses foi marcante em bancos, lojas e casas comerciais (BARRETO; ARAS, 2003).

**Figura 34** – Salão Principal do Clube Inglês. Recepção ao Príncipe de Galles na Bahia



Fonte: ETC (1931)

Após a segunda-guerra muitos ingleses retornaram para suas cidades de origem e o clube ficou sem condições de se manter. Então foi vendido para uma construtora que no local construiu um espaço residencial. Na negociação, o clube ganhou uma nova sede e sua presidência saiu das mãos dos britânicos e passou, pela primeira vez, às mãos de um baiano (MENDONÇA JÚNIOR, 2014). O clube resistiu ao tempo e hoje não possui mais ingleses no quadro de associados.



Outro espaço importante que trazemos para análise é o Clube Espanhol, este que teve início no ano de 1911, quando um grupo de emigrantes espanhóis chegou à Bahia com o objetivo de mudar os rumos de suas vidas. Reuniram-se em uma sala no prédio da Real Sociedade Espanhola de Beneficência, no bairro da Barra, no dia 05 de novembro de 1911, fundando o *Casino Español*.

Naquele momento nascia uma sociedade artístico-cultural, cuja intenção estava em promover uma maior aproximação entre a comunidade galega que vivia na Bahia e a sociedade soteropolitana. Passaram a funcionar em um prédio localizado na Piedade e em 1929 mudaram sua razão social para Centro Espanhol.

Alguns jornais publicaram várias notas à época divulgando as festas e demais eventos realizados no Centro Espanhol. De fato, havia uma grande interação entre a comunidade galega que aqui vivia e os soteropolitanos. A língua falada, o galego, e os trajes típicos utilizados pelos funcionários do clube provocavam curiosidade entre os soteropolitanos, como uma maior aproximação cultural entre associados e convidados.

Os *lords* na sua indumentaria pitoresca, seu aspecto de legítimos irlandeses avermelhados à White Horse, desdobravam-se em gentilezas, da comissão de recepção ao salão de bebidas. Com as suas cabelleiras loiras, o seu linguajar estropiado, não cessavam, os curiosos e vermelhaços sarrabulheiros de atirar pilherias de efeito, enquanto os pares giravam nos salões ao som das músicas estonteantes do jazz (O IMPARCIAL, 1935, n.p.).

Como era de costume à época, as festas eram embaladas ao som de jazz. Nesta noite, em particular, foi possível identificar ao longo da narrativa a presença dos grupos Jazz Glória, que embalou a noite dançante e o Nelly-Jazz, que foi um grupo feminino de grande sucesso no carnaval de 1934. Sem falar no grupo Jazz Jonas que chegou acompanhado da Diretoria do *Club* Comercial que se fez presente na festa do clube parceiro, o Centro Espanhol.

Por volta do ano de 1946, alguns jovens que faziam parte da colônia espanhola na Bahia compraram terrenos localizados na Avenida Sete de Setembro, mais especificamente na Vitória, a mais tradicional da cidade naquele momento. Lá organizaram uma estrutura maior e melhor, dando início ao clube social. Logo, a partir de meados do século XX, o clube Espanhol passou a promover festas e a receber muitos artistas, atendendo aos desejos da sociedade galega e baiana. Em

1948 sua sede no Corredor da Vitória foi oficialmente inaugurada, contando com a presença das mais altas autoridades locais em um luxuoso baile de gala.

Com o passar dos anos a Avenida Sete foi mudando suas características tornando-se um espaço mais residencial, novos prédios foram construídos e as antigas mansões foram desaparecendo em detrimento do aumento da especulação imobiliária. Neste momento, os espaços de lazer e divertimento acompanharam o deslocamento de outros espaços para a região litorânea da cidade em direção ao bairro da Pituba. Em 1975, a nova sede foi inaugurada, agora ao lado do monumento do Cristo, no bairro da Barra, mais grandiosa e com estrutura moderna, tornou-se o maior espaço de integração entre espanhóis e brasileiros na cidade de Salvador.

O Clube existe até os dias de hoje, embora com outra estrutura, após permanecer fechado por quase quatro anos durante uma grande obra de reforma. Foi reinaugurado no ano de 2014, continua sendo um clube de característica social, voltado para algumas práticas esportivas, mas sua maior tendência está na realização de eventos festivos, com muita música e danças.

O *Club Alemão* foi outro espaço social importante do início do século XX na cidade do Salvador. Os registros do clube apontam que a sua fundação aconteceu no final do século XIX, junto à Associação Germânia da Bahia fundada em 1873. Os documentos não apontam informações sobre a posse do casarão onde funcionava o clube, no entanto, nos escritos de Ubaldo Marques Porto Filho (2012) é possível identificar que se tratava de um casarão alugado, cuja frente era voltada para o Corredor da Vitória e os fundos para a praça Dois de Julho.

De acordo com o escritor, o casarão pertencia a um rico comerciante nascido no Rio Grande do Sul, que deixou registrado e documentado que o casarão fosse prioritariamente alugado à comunidade germânica. Com a sua morte o casarão foi passando por outras gerações de seus descendentes, filho e neta. Esta, conhecida por Júlia Mesquita Marques Porto, por fim, ao assumir a posse do casarão em 1933, declara que os alemães sempre foram excelentes inquilinos e quitavam pontualmente seus aluguéis.

A directoria do Club Allemão convidou para o baile de hoje, as altas autoridades do Estado, seus consócios, a imprensa e o escol social bahiano.

Todas as providencias foram tomadas e o baile de hoje, revestir-se-á de brilhantismo, promettendo ser a nota elegante da noite de hoje (A CAPITAL, 6 outubro de 1926, n.p.).

**Figura 35** - Vista parcial da área do Clube Alemão de Salvador (1925)



Fonte: Acervo da Família Marques Porto. Disponível em <http://www.ubaldomarquesportofilho.com.br/perfis.aspx?id=201>

Segundo Ubaldo Marques Porto Filho, os alemães fizeram grandes investimentos na propriedade que inicialmente constava de um casarão residencial e uma extensa área arborizada. Na parte interna do palacete foram realizadas algumas obras para abrir salões, assim como foram feitas algumas adaptações para que o casarão funcionasse como um clube social mobiliado de maneira luxuosa para realizar grandes festas, bailes elegantes, concertos com músicas de câmara, sessões de cinemas e cultos religiosos.

Na parte externa do palacete foi construído um espaço para festas ao ar livre, quadras para práticas esportivas, como uma quadra de tênis e outra de basquete, além de um espaço para a prática do boliche. Há relatos de que os alemães também construíram um colégio especificamente para os filhos dos associados e criaram um clube hípico no local, cuja entrada e saída dos animais era feita pelo Vale do Canela.

O clube funcionou até os anos de 1942, tendo sido desativado em virtude de questões diplomáticas em meio à segunda guerra mundial. Quando ativo, foi um

espaço de sociabilidade, educacional, esportivo e diplomático muito importante para os alemães que residiam em Salvador à época. Para o escritor Ubaldo Marques Porto Filho, o clube simbolizou a riqueza da colônia alemã na Bahia. Por lá estiveram muitas autoridades e outras personalidades importantes que passaram pela capital baiana, simbolizando um marco de civilidade.

### 4.3 CLUBES CARNAVALESCOS

Embora não seja a intenção do estudo falar sobre o carnaval, entendemos a necessidade de dialogarmos sobre os clubes sociais que se caracterizaram, ao longo de sua existência, pela realização de grandes bailes e festas carnavalescas, as quais promoveram, aos seus associados, importantes experiências socioculturais, bem como aos demais frequentadores e admiradores de suas festas e de seus desfiles carnavalescos.

Com inspiração europeia, principalmente para o carnaval da cidade de Nice, na França, que realizava encantadoras festas carnavalescas, também conhecidas como festas de Momo, os clubes de Salvador inspiraram-se e ao final de século XIX e após o fim do entrudo<sup>38</sup>, resolveram sair dos espaços fechados de suas respectivas sedes e ganhar as ruas da cidade, destacando-se em préstitos com seus belíssimos carros alegóricos.

Com essa mudança de perfil da festa, a elite soteropolitana passou a realizar o carnaval de outra forma. Porém, o glamour e a elegância continuaram fazendo parte desse novo jeito de brincar a festa momesca, visto que a beleza e estética presente na cultura francesa, sobretudo, em Paris, era a grande referência deste período de modernização das capitais brasileiras.

O carnaval europeizado ganhou as ruas da cidade, embora a elite soteropolitana já tivesse experimentado esse evento desde meados do século XIX, nos elegantes bailes de máscaras realizados no extinto Teatro São João e, já no início do século XX, no Teatro Polytheama, conforme registros encontrados nas fontes.

---

<sup>38</sup> Uma das primeiras manifestações carnavalescas realizadas no Brasil. Considerada uma brincadeira de origem europeia, o entrudo consistia na ocupação das ruas das cidades, pelos populares, mas também nos espaços rurais e mesmo dentro das casas, as pessoas brincavam, jogando umas nas outras, água, farinhas e polvilhos, além de outros líquidos como os denominados limões de cheiro, café, tinta, groselha, lama e até urina (ICKES, 2003).

Este tipo de carnaval foi totalmente protagonizado pela alta sociedade baiana, que também financiava os luxuosos desfiles, na maioria das vezes com os adereços e indumentárias que compunham as fantasias e a ornamentação dos carros alegóricos comprados da Europa. Desse modo, é importante destacar que os carnavais simbolizaram o progresso ocidental, assim como também fatos importantes do cenário político brasileiro, inclusive baiano.

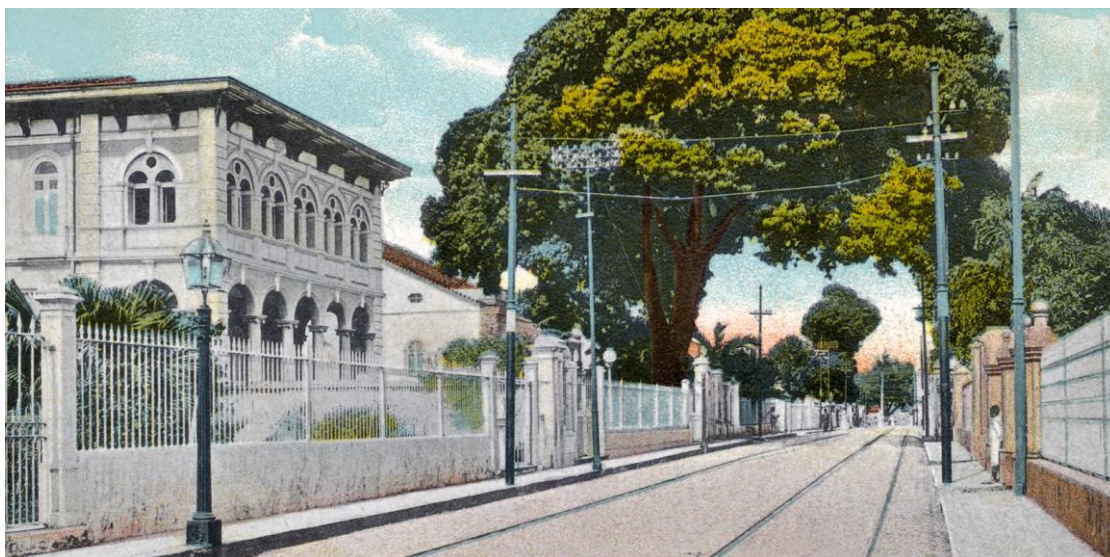
O carnaval de rua à época, além de toda a população local, também movimentou setores importantes, como o comércio, o poder público, algumas categorias profissionais e a imprensa, dentre outros setores. Além disso, o sucesso garantido aos três grandes clubes: Fantoques da Euterpe, Cruz Vermelha e Inocentes em Progressos, inspirou a organização e aparecimento de clubes menores. Dado o recorte temporal do estudo, 1912 a 1935, temos os seguintes pequenos clubes, mas não menos importantes, noticiados pela imprensa em todas as fontes pesquisadas: Críticos Carnavalescos, Cavalheiros de Veneza, Saca-Rolhas, Club das Pêtas, Clubes dos Cacetes, Companheiros do Silêncio, Os Cavalheiros de Malta da Luzo Guarany, Os Abolicionistas, Mutamba, Críticos Independentes, Conselhos de Cupido, Grupo dos Nenés, Democratas Carnavalescos, Clube das Cobertas, Cavalheiros das Cruzadas, Tereza e Maria, e Cavaleiros dos Mendonças.

O Clube Fantoques de Euterpe, ou como também encontrado nas fontes consultadas como Sociedade Euterpe foi inaugurado em 1884. Além de ser sociedade carnavalesca foi também um clube social que promoveu concertos, recepções solenes e muitos bailes. O primeiro presidente do clube foi o industrial e entusiasta Luis Tarquinio, que por várias vezes abriu as portas de sua residência para as reuniões com os sócios do clube e para a organização das festas carnavalescas.

Sua primeira sede situava-se no Corredor da Vitória. Um luxuoso casarão à esquerda na fotografia adiante. Por lá permaneceu por alguns anos, mesmo depois da duplicação das ruas do corredor da Vitória. Anos depois, no dia 11 de novembro de 1941, o clube ganhou uma nova sede no Largo 2 de Julho, onde permanece até os dias de hoje. A inspiração para com a arquitetura pareceu ter origens diferentes, porém ambos os prédios carregam consigo a ideia de imponência em sua construção, dando um ar de austeridade e elegância em cada época aqui tratada.



**Figura 36** – Sede do Club Fantoques da Euterpe - primeiras décadas do século XX



Fonte: Figura disponível no Guia Geográfico Digital Salvador Antiga. Disponível em <http://www.salvador-antiga.com/vitoria/antigas.htm>

**Figura 37** – Clube Fantoques da Euterpe - Sede Inaugurada em 1940



Fonte: Disponível em <https://pt.foursquare.com/v/clube-fantoques-da-euterpe/4d548b06143ca093fb8aa5fc>

No início do século XX, seus associados eram personalidades com maior poder econômico, como pessoas da indústria, do comércio, da política baiana e das letras, o que fez o clube ser um dos mais imponentes da cidade, investindo em desfiles carnavalescos muito luxuosos. O poderio dos seus associados, juntamente com o fato do clube ter surgido no mesmo tempo que o carnaval moderno de

Salvador, permitiu que ele fosse uma das atrações mais populares das primeiras décadas do carnaval da cidade.

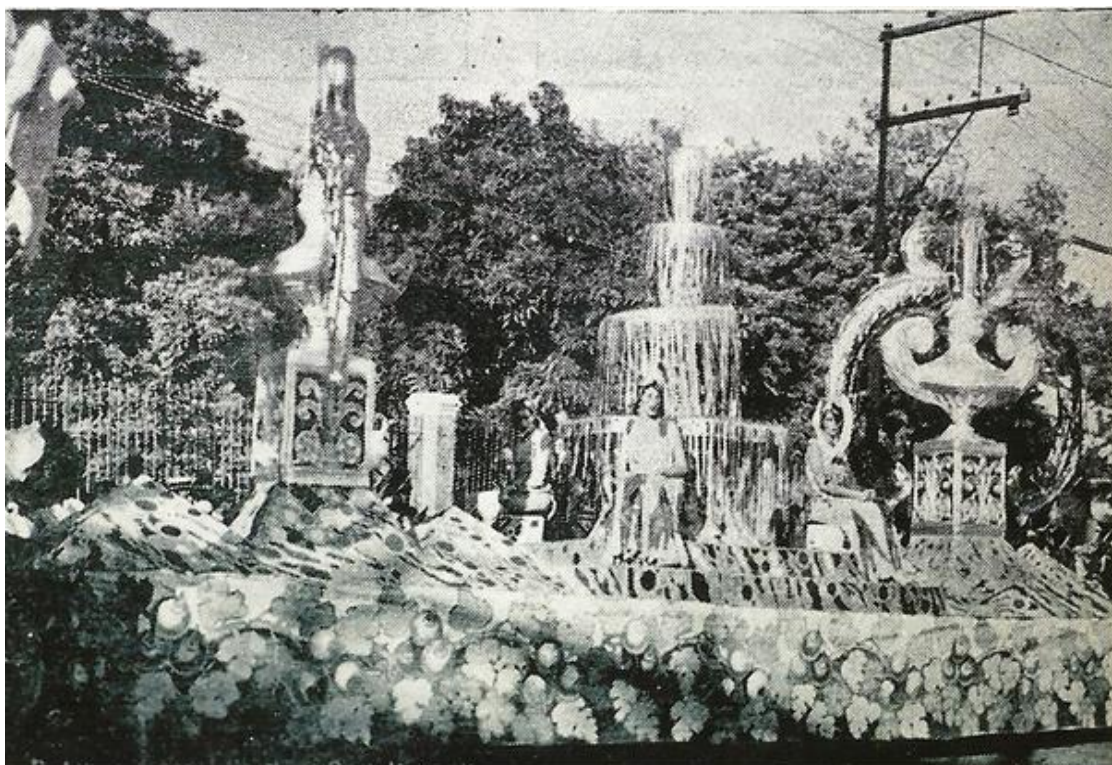
É importante ressaltar que o termo que dá nome ao clube Fantoches da Euterpe surge, de acordo com os pesquisadores do projeto “memoriasdomomo”, mediante inspiração de seu idealizador e presidente. Fantoches porque ele era apaixonado pelos bonecos animados e manipulados pelas mãos, por cordas, arames, chamados de “Fantoches”, então resolveu usar este nome.

Para o termo Euterpe encontramos duas possibilidades relacionadas à história do seu surgimento. A primeira, pela existência de um clube no Rio de Janeiro que já fazia sucesso no carnaval carioca à época, o antigo “Clube Euterpe Comercial”, a segunda possibilidade inspira-se na Grécia, uma vez que na mitologia grega “Euterpe” é o nome de umas das nove musas gregas, filha de Zeus e Mnemósine, conhecida como a Deusa da música e seu nome significa alegria.

O Fantoches da Euterpe foi ainda no século XIX um grande marco para a festa momesca. Com grande poder aquisitivo, o clube investiu em luxuosos carnavais, com empréstimos e carros alegóricos, porém, com os impactos econômicos na economia local, causado pela crise econômica mundial após a primeira guerra (ICKES, 2013) alguns clubes, como o Euterpe, fecharam suas portas em pleno apogeu carnavalesco por falta de condições de manutenção da folia. Afinal, muitos dos adereços utilizados na decoração dos carros e das fantasias eram importados e muito caros, o que fez com que o clube não desfilasse por mais de dez anos (1892 – 1903).

O Fantoches de Euterpe sempre foi muito eclético nas escolhas de suas temáticas carnavalescas. No entanto, prevaleceu até os anos de 1960, quando ele parou de desfilar, o gosto pela mitologia grega e personagens da história europeia mais clássica, envolvendo sempre Deuses/as, Reis e Rainhas, dentre outras personagens.

**Figura 38** – Carnaval da década de 1930 – Clube Fantoches da Euterpe



Fonte: Acervo Biblioteca Pública do Estado da Bahia (1930)

Ao voltar ao cenário do carnaval baiano, o Fantoques foi recebido pela imprensa, apoiadora da campanha de civilidade à época, que não se afastou do clube, mesmo quando não esteve presente nos desfiles carnavalescos e, também foi muito aguardado pela sociedade soteropolitana, que idolatrava seus luxuosos desfiles, assim como seus associados que se mostraram entusiasmados com seu retorno.

Sobre o carnaval do Fantoques, vale ressaltar que assim como ele, outros clubes, desde o século XIX, organizavam seus próprios roteiros. A ideia sempre foi sair de lugares próximos a suas sedes para que tivessem maior apoio e logística. Seus desfiles aconteciam pelas ruas do Centro da Cidade. O Fantoques, por exemplo, costumava desfilar pelas ruas da Graça, Corredor da Vitória, Campo Grande, Forte de São Pedro, Mercês, São Bento, Praça do Palácio, até que retornava pela rua Carlos Gomes, seguindo até o Campo Grande, onde de lá seguiam para o Theatro Polyteama e lá aproveitavam os grandiosos e famosos bailes à fantasia.

Ainda que o clube fosse muito envolvido com as festas carnavalescas, também se destacava por realizar outras festas em seus salões, como os bailes dançantes, estes muito bem frequentados pela elite da cidade.



A festa da Euterpe – Uma noite deliciosa

A elegante, antiga e conceituada <Sociedade Euterpe>, cuja directoria actual está se esforçando no intuito de proporcionar festas cheias de atrativos, de encantos, aos seus associados, abriu ante-hontem, mais uma vez, os seus vastos e confortáveis salões, para receber as homenagens da família bahiana.

Tradição querida, a velha Sociedade reuniu em seu seio o que a Bahia possui de bom e de distinto, de chic, de gracioso e nobre, promovendo assim o convívio das famílias e a união dos associados [...].

Uma grande noite a do dia 13, no edifício da Euterpe, que ardia em luzes faiscantes, tendo repletos de senhoras, senhoritas e cavalheiros todos os seus salões [...].

Pouco depois das 22 horas, iniciaram-se as dansas, que se prolongaram, sempre animadas, até alta madrugada [...] (GAZETA DE NOTÍCIAS, 15 julho 1914, n.p.).

A notícia apresenta detalhes que caracterizam o clube Fantoche de Euterpe como um espaço frequentado pela elite baiana, sempre com muito requinte e bom gosto na decoração e organização das festas, além de anunciar características de salões de recepção do clube, referindo-se a ele como um espaço grande e muito confortável, como eram os salões dos clubes de elite à época.

O Carnavalesco Cruz Vermelha foi criado em 1883 por jovens, de status social e econômico, que frequentavam o Clube Caixeiral. Sua primeira sede foi no bairro da Barroquinha e o registro de sua última sede foi no Campo Grande.

**Figura 39** – Sede do Cruz Vermelha no Campo Grande



Fonte: Acervo da Fundação Gregório de Matos

Seu primeiro desfile aconteceu em 1884 e sua história no Carnaval corresponde a muito glamour e sofisticação. O Cruz Vermelha foi o primeiro clube a

desfile com carros alegóricos nas ruas da cidade e, por isso, foi um marco no carnaval à época.

Embora não existisse, neste período, um roteiro fixo para os desfiles dos Clubes carnavalescos, era comum que os grandes Clubes desfilassem pelas ruas do Centro da cidade, geralmente do Campo Grande até o Terreiro de Jesus.

Muitos dos clubes anunciavam seus roteiros na imprensa local, poucos dias antes da festa. No entanto, antes dos desfiles oficiais, muitos clubes realizavam ensaios, ao que chamaria também de prévia carnavalesca, como forma de chamar atenção da população para o clube, assim como para o tema de destaque do mesmo.

Esses “ensaios” também aconteciam em forma de pequenos desfiles pelas ruas centrais da cidade e sempre acompanhados das bandas oficiais do carnaval do clube, a banda do 1º corpo da polícia municipal e sua “charanga”.

O Club Innocentes em Progresso foi fundado por um grupo de comerciantes de menor poder aquisitivo, no ano de 1899, O Innocentes em Progresso, diferentemente dos outros dois maiores clubes, também fizeram sua história no carnaval de rua de Salvador, porém com uma característica marcante, a originalidade nos seus temas e fantasias.

A imprensa também aponta o Innocentes como um grande Clube Carnavalesco, embora as fantasias luxuosas e o título de campeão não lhes tenha sido algo marcante. Todavia, a crítica e o bom humor foram uma marca importante do Clube, por isso, seus desfiles se tornaram cada vez mais populares e dessa forma, foram conquistando o público e a imprensa local.

Carnaval!

[...] Varios cordões e pequenos clubs se organisam para pintar o sete nos três dias de folguedo. Dentre estes, destacamos um bem arranjado grupo que se está preparando para conseguir a victoria no carnaval deste anno.

Excusado é dizer que a iniciativas destes foliões partiu do sempre aplaudido C.C. Innocentes em Progresso, o incansável sustentáculo do Carnaval da Bahia [...] (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1914, n.p.).

Tal como o Gazeta de Notícias, outros impressos de circulação à época faziam referência ao clube e suas alas, quase sempre trazendo carros de críticas, como eram chamados os carros alegóricos que enfatizavam o deboche, a crítica e o bom humor como temas. Ganharam olhares atentos de todos, juntamente com o

desfile de cinquenta homens vestidos de bebês no ano de 1990, tornando a sátira, uma marca identitária do clube carnavalesco.

#### Carnaval de 1935

Os ternos de Reis abrillantarão o baile dos “Innocentes”, amanhã. São Pedro, em sua longa carreira de santidade, nunca foi, como agora, tão assediado, por pedidos e preces para que cesse a chuva [...].

E que todos esperam e desejam uma trégua na noite de amanhã, para que se realize, afinal, com inexcusável brilho, o novo baile à fantasia, que está sendo organizado, conjuntamente, pelo C. C. Innocentes em Progresso e pelo Sport Club Bahia, cujas festas vêm sendo verdadeiros records de elegância e animação [...].

A procura de convites continua intensa, desde ontem, com pedidos de informações às directorias dos referidos clubs. Para as senhorinhas e rapazes, fantasias de livre escolha, com meias máscaras, o que será facultativo às senhoras. Para os senhores, (cavalheiros de idade), que se não quizerem fantasiar, branco a rigor, com meias máscaras pretas. Mesas reservadas por 15\$00, com três lugares e serpentinas gratuitas.

Já se iniciou a construção do placo, em frente ao rink, onde os ternos de Reis farão seus bailados (O IMPARCIAL, 1935, n.p.).

O Innocentes, assim como os demais Clubes caracterizados como carnavalescos, não realizava festas apenas durante o carnaval. Foi possível identificar em outras atividades comemorativas realizadas no clube, como, por exemplo, os bailes de máscaras que antecederiam o carnaval da cidade.

**Figura 40**– Baile de Máscaras



Fonte: O Imparcial (1935)

Estas festas tinham a animação com muita música, danças, a elegância estampada nas roupas e fantasias dos convidados, bem como na decoração do Clube, como marco importante para os associados e frequentadores do *Innocentes*. Vale ressaltar que as músicas tocadas seguiam o estilo Terno de Reis<sup>39</sup>.

Dentre os três maiores Clubes, o *Innocentes em Progresso* resistiu às dificuldades enfrentadas em cada período, ao longo do século XX. Desfilou, mesmo quando os considerados Clubes mais “ricos”, *Fantoches da Euterpe* e *Cruz Vermelha*, não colocaram seus carros alegóricos nas ruas, em virtude da crise econômica que atingiu a Bahia. O *Innocentes* resistiu, colocou seus carros na rua, mesmo com poucos associados e desfilou pela última vez no ano de 1988, sendo o último Clube carnavalesco de sua época. O *Innocentes* foi sinônimo de resistência e deixa um belíssimo legado na história do carnaval baiano.

#### 4.4 OUTROS CLUBES, OUTRAS SOCIEDADES, OUTRAS DANÇAS

O *Club Yara* ou *Sociedade Recreativa Yara* aparece nas fontes repetidas vezes, porém não foi possível identificar qualquer detalhamento sobre sua origem, estrutura física, tempo de fundação e perfil de associados nos documentos acessados. Tal fato pode ser associado ao espaço ter tido uma passagem mais rápida pela capital baiana, ou mesmo por ser uma associação ou clube de caráter mais popular, portanto, sem uma organização para com esses registros e documentos.

A *Sociedade recreativa Yara*, também tratada como academias de danças nos periódicos da época, aparece em várias publicações tendo como foco o convite feito aos seus associados para os eventos dançantes.

O sr. Marcellino Borges, da Academia de Dansas Yara, proporcionará, hoje, uma tarde alegre aos sócios e adeptos daquele grêmio, com a realização de um “Toddy” dansante. As dansas, que promettem a maior animação, far-se-ão, ao som de um bem afinado “jazz”, das 15 às 19 horas, sendo de esperar-se que o salões do “Yara” estejam repletos.

---

<sup>39</sup> O Terno de Reis são manifestações da cultura popular presentes em grande parte do território brasileiro. Também conhecidas como folia ou companhia de reis, são conjuntos musicais que circulam, muitas vezes durante os festejos natalinos ou das festas de reis no mês de janeiro. Há uma enorme variedade regional que pode ser atribuída aos encontros das populações.

Nos intervallos haverá sorteio de dois brindes-surpresas aos presentes (O IMPARCIAL, 1935, n.p.).

A partir da publicação do O Imparcial (1935) percebemos que o *Club Yara*, reconhecido como sociedade recreativa, academia de dança, conforme reportagens à época, abria suas portas para a realização de festas dançantes. As danças presentes eram executadas ao som de jazz, portanto, podendo ter variações rítmicas, mas dançadas a dois, conforme observado nas festividades realizadas á época. Na notícia em destaque percebemos o uso do termo “Toddy”<sup>40</sup>, o qual não conseguimos relacionar a um significado de maneira mais particular.

A Sociedade Palace *Club* foi considerada um dos espaços de diversão mais atraentes da cidade de Salvador à época. Localizado na Praça Castro Alves, o ponto mais central da cidade.

O lugar foi pensado para atrair a elite para eventos de divertimento considerados “mundanos” e, por isso, sua direção mantinha com primor a decoração do elegante salão, além de manter uma agenda de eventos com a presença de artistas renomados, uma vez que “o cabaret é bastante espaçoso, dotado de optima orchestra e dos melhores artistas” (BAHIA ILUSTRADA, 1920).

O salão do cabaret foi dirigido na década de 1920 pelo ilusionista recém-chegado à Bahia, Los Olivares. Por ser artista, não mediu esforços para levar para o cabaret grandes nomes das artes e semanalmente organizava a agenda com novos espetáculos. Além de administrar o espaço, Los Olivares, juntamente com sua esposa, também artista, fazia seus espetáculos no Palace *Club*, assim como também nos theatros da Bahia.

Às quintas-feiras era comum ser oferecido o chá das 5 de matinée e aos sábados as famosas soirées dançantes.

O Palace *Club* foi um espaço destinado ao divertimento masculino. Localiza-se na Rua Chile e fez muito sucesso nas primeiras décadas do século XX. A presença das mulheres ficava marcada pelas artistas que faziam números

---

<sup>40</sup> A expressão “Toddy” pode estar relacionada a alguns significados interessantes. De acordo com o dicionário informal refere-se a pessoa que tem algo a mais que os demais do seu grupo. Pode ser algo financeiro, intelectual, habilidades etc. O termo pode ser usado para expressar uma festa num horário entre o final da tarde e início da noite. Horário este onde se realiza os famosos chás das 5, considerando que Toddy pode ser uma palavra relacionada a um tipo de bebida, servida a base de leite, que chegou ao Brasil em 1933.

dançantes, com horários e dias da semana, que para ter acesso era necessário fazer reserva com antecedência na portaria do hotel.

O mundanismo agita-se. Hoje é dia de elegância e bom tom. Sabbado, dia em que na rua Chile, artéria principal de Salvador, as nossas gentis patricias saltitam, exhibindo lindas “toilettes de verão”. Para completar a nota mundana, os nossos elegantes irão, à noite, ao Palace, onde se realizará no salão de festas uma grande “soirée” dansante que terá o concurso do excêntrico musical Gus Brown. (O IMPARCIAL, 1935, n.p.)

**Figura 41** – Palacete Hotel



Fonte: O Imparcial (8 de março de 1935)

Gus Brown era um famoso musical inglês à época e executado aos sábados no Palace *Club*. É importante relatar que o Palace *Club* era uma empresa vinculada ao Palace Hotel.

**Figura 42** – Restaurant Cabaret Palace Club





Fonte: Gazeta de notícias (1920)

Os anúncios destacados faziam referência ao Palace Hotel e ao seu restaurante cabaret<sup>41</sup> como espaços para divertimento, cuja dança se fazia presente. Em algumas notas observadas nas fontes pesquisadas, encontramos alguns hotéis da cidade anunciando a inauguração de salões dançantes, apesar de serem denominados de cabarés. Estes salões publicavam os cardápios<sup>42</sup> com seus serviços de jantar e com espaços para danças. Alguns anunciavam suas atrações artísticas, que normalmente tinham relação com a música e ou dança, inclusive artistas vindos de outros estados ou mesmo, outro país.

O Elite *Club* estava dentre os espaços de diversão masculina na cidade de Salvador, no período em questão, além do Palace *Club*. O Elite *Club* também apareceu de forma recorrente nas fontes analisadas. Estilo “restaurant cabaret” disputava suas propagandas nos periódicos usando suas atrações artísticas e demais serviços oferecidos como grande atrativo para os homens da elite local.

Localizado na Ladeira da Gameleira, próximo ao Teatro São João, o Elite *Club* organiza sua agenda artística com a presença de muitos artistas importantes e alguns de outros estados, ou mesmo país. Com a presença de cantoras líricas, orquestra alemã, bailados apresentados por homens e mulheres.

#### **Figuras 43 e 44 – Elite Club**

---

<sup>41</sup> A TARDE, 01 mai 1935, p. 8.

<sup>42</sup> A TARDE, 39 abr 1934, p.2

**ELITE CLUB**  
Ladeira da Gamelleira n. 3  
(Largo do Theatro)  
**FIVE O CLOK TEA**  
HOJE—6 de Outubro—HOJE  
Flores ~~DO~~ Flores  
**Monumental successo**  
NOITE DE PRAZER  
**Estrondosas estréas**  
Pela interessante, gentil e querida artista cantora ESTHER NORMA e pela applaudida cantora CARMEN SANTOS.  
Novos bailados pelos sympathicos e queridos irmãos MONTE-RITOS.  
Bellissimos trechos pela cantora lyrica RINA ZAMBELLI.  
Maviosa orchestra allemã sob a batuta do insigne maestro FRIEDERICO HINTZE.  
**Irreprehensivel serviço de bar**  
*Todos ao Club*  
**Noite de delirio—Flores, Flores**  
416 30-1

A NOTICIA  
**RECLAMOS EXTRAS**  
**ELITE-CLUB**  
Ladeira da Gamelleira n. 3--(Largo do Theatro)  
PREFERIDO PONTO DE RENDEZ-VOUS DA ELITE BAHIANA  
Luxuosos Salões de Bar e Restaurant  
FIVE O' CLOCK TEA TODAS AS NOITES  
Jantar-concerto das 7 horas da noite ás 3 da madrugada  
Irreprehensivel serviço de bebidas  
e gelados  
Bem organizado „Cabaret“ com orchestra e artistas de primeira ordem todas as noites---Elegancia, asseio e conforto  
**Ao Cabaret do Elite-Club**  
N. B.--Só é permitido ingresso aos srs. socios e convidados  
A. SILVA, Secretario.

O edificio onde funciona o prouano Club

Fonte: A Notícia (20 de agosto de 1915)

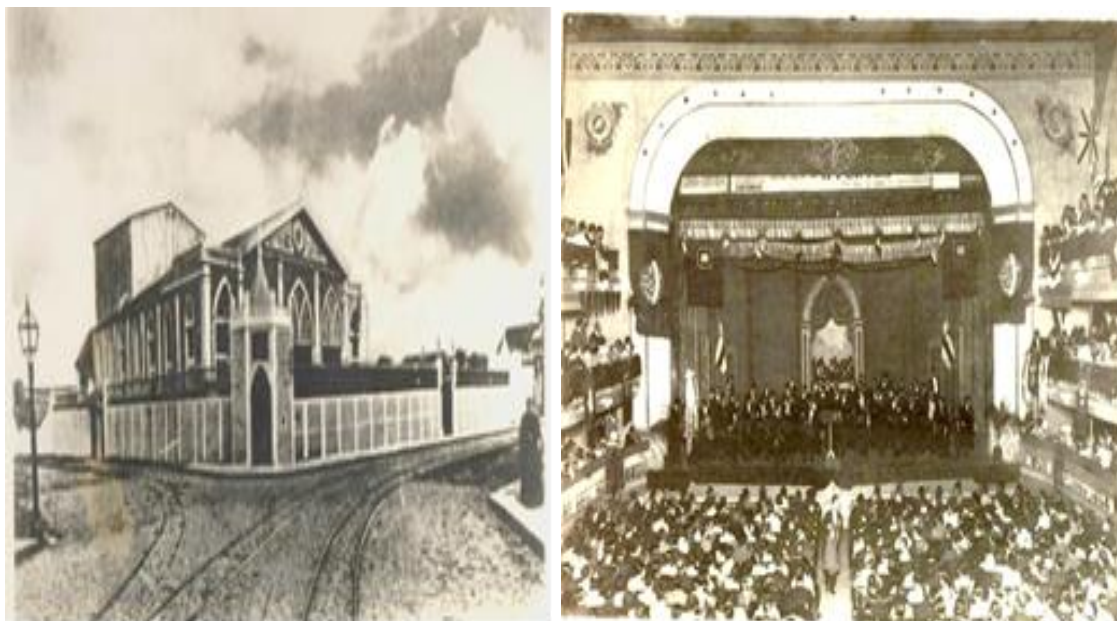
Os anúncios acima apresentam o *Elite Club* como um dos cabaret mais movimentados na cidade da Bahia. Sua programação era divulgada nos jornais locais, a fim de atrair o maior número de público possível. Nele encontramos, por várias vezes, a presença de artistas relacionados à música e a dança. Apesar de não explicitar os tipos de dança ali vivenciados, pensamos que, se de fato era configurar como um espaço de encontros para homens da elite baiana, é possível que as danças presentes no *Club* tivessem maior contato corporal, ou seja, dançada a dois, ou mesmo, danças de cunho artístico cuja base de apresentação é a sensualidade.

Apesar de não se enquadrar nas características e perfil de “clube”, o Teatro Polytheama foi palco de muitos encontros festivos em que as danças estiveram presentes, conseqüentemente foi também um espaço de sociabilidade para a elite baiana. O Teatro foi inaugurado em 1886 e funcionou como um ponto de encontro dos Clubes carnavalescos ao final de seus desfiles pelas ruas do centro da cidade e lá seus associados aguardavam para a continuidade da festa com seus famosos e animados bailes<sup>43</sup>. Ele estava localizado anteriormente onde existia uma das praças de touros de Salvador (MELO e ROCHA JUNIOR, 2016).

**Figura 45 e 46 – Teatro Polytheama Bahiano**

<sup>43</sup> O IMPARCIAL, 23 fev 1917.





Fonte: Disponível em [http://www.atlas.ufba.br/atlas\\_2004\\_2/Jaime/politeama.htm](http://www.atlas.ufba.br/atlas_2004_2/Jaime/politeama.htm).

O Teatro Polytheama Bahiano apareceu em todas as fontes acessadas, como um dos principais teatros da cidade, portanto, um dos mais frequentados. Ele foi palco de muitas festividades, inclusive bailes dançantes. Nele se apresentaram diferentes companhias artísticas (teatrais, de música e dança) nacionais e internacionais<sup>44</sup>.

Foi um espaço frequentado pela elite baiana e estava organizado internamente, de maneira que as pessoas pudessem escolher entre as cadeiras numa plateia geral ou uma espécie de camarote, cujo valor do ingresso era mais caro, portanto, não era acessível a maioria da população. O Teatro entrou em decadência entre os anos de 1920 e 1930, em virtude de má administração e falta de adequação às necessidades de uma cidade que se transformava à época.

Dentre as notícias publicadas sobre o Teatro, encontramos uma nota, a qual ressalta com muitos detalhes uma de suas alegres e festejadas noite carnavalesca:

Hontem, appareceu-nos o berrante annuncio dos bailes no Polytheama, coisa de que nunca se esqueceu o Almeida, desde que é administrador daquela casa.  
E que bailes vão ser!  
Basta ver isso do programma:  
“O Polytheama ficará transformado no antro do prazer. Que pandega, meu Deus, há de ser mesmo de lamber os beiços e derreter os ossos!”  
O Almeida inventa cada uma!

<sup>44</sup> A TARDE, 16 set 1920, p. 2; A TARDE 02 mar 1922, p. 2

E sabem quantos bailes são: Quatro. No sabbado começa a zona e o 50 lá estará, custe o que custar, para exhibir-se na sua especialidade: os maxixes e os tangos.  
Será um nunca acabar de maxixe.  
Oh! Vida aperriada! (A NOTÍCIA, 1915, n.p.)

A nota publicada no jornal A Notícia, faz referência a uma das noites do carnaval de 1915, quando o Teatro abriu suas portas aos seus famosos bailes públicos. É possível identificar que os termos utilizados denotam o prazer de dançar o maxixe, uma das especialidades da banda do 50º batalhão de caçadores.

Vale dizer que o maxixe (EFEGÊ, 1974) era considerado um estilo de dança brasileira surgida no final do século XIX na cidade do Rio de Janeiro<sup>45</sup>, que utilizava o ritmo binário da polca, do tango para promover requebrados e rebolados dançados por pares nos salões.

Dança considerada licenciosa e excomungada, o maxixe feriu o sentimento religioso e moralista da sociedade à época. Podemos dizer que nas festas em que o maxixe se fazia presente, a alegria era garantida. Por isso, foi importante e muito desejado entre diferentes grupos sociais, tendo como base para a garantia do sucesso o teatro musicado, visto que:

Ele foi o principal veículo de propagação da dança excomungada, onde sua dança era permitida. O maxixe, com suas características de ironia, alegria, brejeirice, malícia... agradava muito o público, não só pelas suas letras de duplo sentido como pelos movimentos dos passos sensuais e provocantes, bem como pelo seu ritmo sincopado peculiar. Nos seus palcos, criou-se a possibilidade de se desenvolver um rico processo de aculturação da Música Popular Brasileira, onde se tocavam além das músicas europeias abraileiradas, as novas criações através de gêneros nacionais (MARCILIO, 2009, p.128).

O maxixe foi se popularizando a medida que seu diferencial estava, justamente, na sincronia entre ritmo, melodia e dança. Aos poucos se tornou uma dança muito desejada e de natureza popular, haja vista que suas características, em tudo, iam se distanciando da formalidade das danças europeias, e à medida que se fazia presente nos diferentes salões foi adquirindo características próprias promovendo uma maior aproximação entre seus pares (MARTINS, 2007).

---

<sup>45</sup> As primeiras notícias sobre o maxixe nos reportam aos anos entre 1870 e 1880. Marcado pela sensualidade, requebrado e rebolado forte, o maxixe promove intimidade entre os corpos. Ele surgiu nas casas populares do bairro da Cidade Nova, no Rio de Janeiro, para os clubes carnavalescos, teatro de revista e posteriormente, chega a Paris, no início do século XX, como uma dança e música brasileira de sucesso.

Partindo do entendimento do maxixe como uma dança de característica popular, permitindo uma maior aproximação entre os corpos, portanto, se fazia possível uma alegria entre homens e mulheres. Sobre isto, segue abaixo uma nota publicada no ano de 1915, que corrobora com esta descrição.

Hoje, apareceram os berrantes cartazes do Polytheama, o convite ao Zé – Povo, para a pandega do maxixe, com 4 retumbantes bailes. O Almeida, que é quem garante a zona do maxixe no Polytheama, está roxo com os preparativos. Diz elle que transformou o nosso melhor theatro num verdadeiro paraizo a céu aberto para todos os pecadores.

Aquilo parece que vai ser um inferno! (A NOTICIA, 1915, n.p.).

Sendo assim, ao nos apropriamos do anúncio publicado sobre os quatro bailes carnavalescos no Teatro Polytheama, onde o maxixe era a maior atração, passamos a refletir sobre o quanto esta dança foi importante para a ruptura de padrões de comportamento social estabelecidos pela elite que sonhava com uma cidade civilizada e moderna. Refletimos também sobre o quanto a presença desta dança nos diferentes espaços sociais na capital baiana também ajudou a própria elite a romper com seus padrões, bem como a popularizar outras danças.

#### 4.5 CLUBES, ASSOCIAÇÕES E AGREMIações AFRICANAS

Salvador, assim como outras capitais brasileiras, ao aderir ao projeto de modernização adotou estratégias, formas de planejamento do espaço urbano que atendiam muito mais aos interesses político e econômico da elite (SANTOS, 1993), do que a outros grupos sociais. Desse modo, a população negra na capital baiana, que já se apresentava volumosa no final do século XIX, encontrou-se, nas primeiras décadas do século XX, à margem do desenvolvimento da cidade.

Tal fato acabou impactando diretamente na vida dos negros e negras que viviam em Salvador, visto que a organização espacial, as questões econômicas e socioculturais seguiram a lógica de dominação da elite baiana, que acabou definindo os lugares na/da cidade, e também o posicionamento dos diferentes grupos socioeconômicos (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2015).

Embora a população branca tenha sido favorecida do ponto de vista social, econômico, com privilégio no acesso e consumo de bens culturais, é importante

ressaltar que as pessoas negras assumiram seu lugar de (re)existência na história da capital baiana, principalmente quanto aos aspectos socioculturais.

A população negra também assumiu sua importância no carnaval da cidade e, desde o final do século XIX, a imprensa registrou a presença de clubes, agremiações e associações, nos quais, as manifestações culturais negras eram marcantes, mesmo considerando que para a elite e para o poder público, o carnaval europeizado era o mais importante.

Considerando o recorte temporal da pesquisa, que atende ao período de 1912 a 1935, identificamos nas fontes primárias a presença de algumas agremiações carnavalescas. Nelas, algumas manifestações se destacaram em virtude da forte presença de elementos de ancestralidade, os quais enalteciam a cultura africana tão presente entre os baianos.

Os clubes e agremiações também desfilaram nas ruas do centro da cidade e seus “exóticos” carnavais chamaram a atenção da elite e da imprensa, que consideraram suas vestimentas, musicalidade, dentre outros traços da cultura africana, uma ofensa à civilidade.

Dentre os grupos existentes no período em questão, encontramos alguns que apareceram algumas vezes em destaque nos periódicos<sup>46</sup> à época. São eles a Embaixada Africana e Pândegos da África. Identificamos também a presença de cordões, afoxés, batucadas e grupos de samba. No estudo de Vieira Filho (2013) há destaque para quatro tipos de manifestações culturais presentes no carnaval da capital baiana: os Clubes Uniformizados Negros, os Batuques, os Candomblés e os Grupos de Mascarados.

A Embaixada Africana<sup>47</sup> era considerado um clube uniformizado negro, que chamava a atenção do público, assim como da imprensa, pela organização e requinte com que se apresentava nas ruas da cidade (memóriasdemomo). O clube tinha organização e planejamento que o deixava semelhante aos clubes de elite, desde as frequentes reuniões e bailes realizados, como também o formato dos seus préstitos, sempre apresentando carros alegóricos, instrumentos considerados mais elitizados, como os clarins, a presença da banda tocando dobrados, sem falar no bom gosto e elegância dos materiais utilizados para confeccionar as fantasias e

---

<sup>46</sup> O IMPARCIAL (1926); GAZETA DE NOTÍCIAS (1930).

<sup>47</sup> O IMPARCIAL (1926).

decorar os carros. Estes, na maioria das vezes, vindo importados da Europa, assim como era nos clubes de elite.

Das manifestações culturais negras, no período em questão, os clubes uniformizados se destacavam também pelas danças e suas músicas, que alguns pesquisadores vão chamar de cantos do candomblé (RODRIGUES, 1988), certamente por trazerem cânticos no idioma iorubá, cuja presença de vários dialetos africanos demarcou fortemente uma questão identitária da população negra.

O Pândegos da África<sup>48</sup>, outro clube uniformizado negro, foi fundado em 1897, seguia ideias muito semelhantes às da Embaixada Africana. Com carros alegóricos tematizados, foliões e associados vestidos com personagens importantes da cultura africana, músicas percussivas com a presença de tambores e atabaques, fortemente marcados que nos remete aos rituais religiosos da cultura afro-brasileira.

Apesar das semelhantes características, o Pândegos da África foi considerado mais “original”, pois trazia em seus desfiles características africanas que não eram observadas no Embaixada Africana. As cantigas africanas, as danças e outros elementos simbólicos eram presença garantida em seus desfiles, sem falar no grande número de pessoas que acompanhavam o desfile fortalecendo a presença do carnaval de inspiração africana em Salvador (memoriasdomomo).

Os traços da cultura de origem negra apareciam fortemente enraizados na população baiana, de maneira que, mesmo nas festas de elite, foi possível identificar a presença de elementos da dança de origem negra. Seja nos ritmos e nas melodias de suas músicas que se destacaram como algo que encanta a todos, independente de classe social, seja na presença de instrumentos musicais com características mais percussivas, seja no balançar do quadril tão presente na figura da mulher negra e que atraía olhares também das mulheres da elite.

### **Carnaval**

A cidade está em festas

O povo aplaude os clubs e cordões

Está em delírio a população da cidade desde sabbado, festejando o reinado de Momo.

O povo esquecido da crise e das opressões que sofre dos seus inimigos empoleirados, atira-se á loucura que espalha na terra o deus pagão.

Máscaras avulsos, trajando luxuosamente alguns, percorrem a cidade.

---

<sup>48</sup> O IMPARCIAL, Fev. 1935.

Os cordões fazem críticas espirituosas e oportunas[...] (A HORA, 1919, n.p.).

O carnaval de inspiração africana, assim como o carnaval de elite, também mantinha um ritual de festas nas sedes de suas associações/agremiações. Esta era uma forma de resistir, de divulgar seus elementos culturais, de atrair a atenção da imprensa e por consequência, de toda a sociedade baiana.

A Turma do Arranca...

Da rua direita da Piedade, onde realizou animados ensaios, mau grado alguns encommodos causados pela polícia, sairá hoje às 8:12 composta de 178 foliões [...].

Puxará a negrada uma charanga de arrepiar [...] (O IMPARCIAL, 1935, n.p.)

Quanto aos grupos menores, estes foram crescendo e, aos poucos, conquistando seu espaço e atraindo muitos adeptos, conforme foi noticiado no Periódico O Imparcial (1935). Eram mais populares, por isso atraíam o olhar discriminatório da imprensa, que a qualquer manifestação considerada inadequada aos olhos da elite soteropolitana, publicava notas demonstrando insatisfação para com a presença deste público no carnaval, cuja presença marcante fortalecia a ideia de festa “africanizada”. Além da imprensa, houve também a presença da polícia que, por diversas vezes, tentou coibir, ou mesmo proibir, a circulação destes grupos “afrodescendentes”, os quais eram considerados maltrapilhos e desordeiros, o que era inaceitável para com a permanência da estética europeia tão cultuada pela elite à época.

No que se refere à musicalidade, destacaram-se entre os grupos existentes, desde os maiores, mais conceituados, aos mais populares. Todos com a presença de batuques, sambas e afoxés. Este último estava diretamente relacionado aos grupos com origem no candomblé. Consequentemente as danças presentes nestas manifestações festivas tinham uma relação direta com os ritmos tocados, no entanto, quando as manifestações saíam dos clubes para as ruas, por exemplo, as pessoas se movimentavam como se estivessem marchando, ao mesmo tempo, sempre que possível dançavam. Nos sambas e nos batuques, segundo Meireles (2019), havia execução de passos cadenciados no meio de uma roda em que as pessoas ali presentes, cantavam e batiam palmas ao som de tambores, pandeiros, cuícas, caixinhas e chocalhos.

#### 4.6 OS CARNAVAIS NOS E DOS CLUBES: A DANÇA EM CENA

Neste fragmento do estudo, abordaremos sobre os carnavais nos e dos clubes com o objetivo de destacar as manifestações dançantes presentes nessas festividades. Também temos a intenção de esclarecer como os clubes lidaram com o processo de modernização da cidade em meio à crise econômica que dificultou, em alguns momentos, a realização da festa fora e dentro dos seus recintos, fazendo com que estes limitassem suas participações em virtude dos aspectos financeiros, mesmo a maioria tendo apoio de ricos comerciantes (ICKES, 2013).

Para tanto, pensando numa melhor estruturação da escrita deste fragmento e conseqüentemente para a compreensão do assunto aqui tratado, tomaremos como base a organização do estudo de Freire<sup>49</sup> (2020), quando este se reportou à discussão do carnaval em Salvador entre os anos de 1920 e 1935. Dessa forma, apresentaremos a realização do carnaval nos/dos clubes em dois momentos distintos, porém importantes. Para isso, usaremos como delimitador do diálogo a crise financeira que invadiu o Estado nas primeiras décadas do século XX. A ideia é olharmos para estes carnavais durante e após a crise econômica, uma vez que nosso estudo está compreendido no lapso temporal que se dá entre os anos de 1912 e 1935.

É importante ressaltarmos que os carnavais de rua já aconteciam desde o final do século XIX em Salvador. Porém, neste período, tivemos uma grande participação e organização dos clubes e associações. É, particularmente, o momento em que seus associados vivenciaram as manifestações dançantes, de caráter popular, fora dos muros dos clubes. Embora, antes do período momesco os clubes sociais e carnavalescos realizavam variados e distintos bailes de carnaval, inclusive os famosos bailes à fantasia.

Assim sendo, entre os anos de 1900 a 1935, aproximadamente, no auge da crise econômica, a realização do carnaval ficou comprometida, uma vez que sem condições de realizar o costumeiro desfile oficial de carros alegóricos, até mesmo a elite da cidade, que esteve vinculada aos três maiores clubes: Cruz Vermelha,

---

<sup>49</sup> O estudo intitulado Práticas culturais de lazer em Salvador: cotidiano entre os anos de 1920 e 1935, é uma dissertação de mestrado do jovem pesquisador Danilo Raniery Alves Freire, defendida no ano de 2020, pelo programa de Pós-graduação em Educação-UFBA, cujo objetivo foi analisar as relações estabelecidas entre as experiências cotidianas das práticas culturais de lazer com a organização social e urbana da cidade do Salvador entre os anos de 1920 e 1935.

Inocentes em Progresso e Fantoques da Euterpe, teve que rever os custos do desfile, o que demandou a necessidade de rever também aspectos da decoração dos carros e fantasias, incluindo a compra de material importado (ICKES, 2013).

Além disso, podemos considerar como importante para nossa discussão o fato das elites terem querido distanciar do carnaval alguns aspectos culturais que tivessem relação com elementos africanos, visto que, de acordo com Rocha Júnior (2011) a elite se envergonhava de características relacionadas à herança dos negros referente ao período de escravidão do país. Portanto, os hábitos e modos de vida dos negros representavam símbolos de uma cidade que não havia superado o passado e por isso não poderia atingir os padrões considerados civilizados.

Mesmo diante da necessidade da elite em se manter distante dos hábitos e comportamento dos negros, a imprensa, que apoiava o processo de modernização da cidade, que acompanhava aos anseios da elite, também noticiava o carnaval, e por isso se viu obrigada a publicar as notícias que davam vozes as manifestações da cultura afro-brasileira, entre elas as músicas, as danças e o comportamento de homens e mulheres negras, considerados “bárbaros”.

Na publicação do jornal A Tarde (1932), é possível percebermos o tom irônico e com certo teor pejorativo ao referir-se ao carnaval em período de crise, possivelmente, uma festa sem o glamour da elite, mas com a participação dos populares.

A folia está nas portas da cidade. Resistindo á crise e afrontando os desgostos. Afogando maguas, vencendo hesitações, forte, rejuvenescida, sadia, eugênica. E a cidade desde a noite de hoje vae mergulhar no turbilhão febricitante do reinado grotesco, pandemonico de Momo (A TARDE, 06 fev 1932, p. 2).

Esta situação se estendeu entre os anos de 1905 e 1915, aproximadamente, quando o poder público, com a conivência das elites intelectuais e econômicas, das instituições religiosas e da imprensa, proibiu as manifestações e costumes africanos no carnaval, dentre eles, as indumentárias, as batucadas, o candomblé e o afoxé, promovendo, dessa forma, um carnaval “desanimado” (VIEIRA FILHO, 1997).

De acordo com Ickes (2013) após a proibição ter sido revogada, os clubes carnavalescos com características “africanizadas” cresceram muito e a imprensa,



por sua vez, começou a noticiar o aumento na prática de dançar e tocar o samba afro-brasileiro no carnaval da capital baiana.

Por volta dos anos de 1915 e 1930, os clubes começaram, aos poucos, a tentativa de voltar a animar o carnaval na rua, embora a crise econômica ainda estivesse em vigor. No entanto, houve um relaxamento das proibições para com a presença das manifestações africanas nas ruas.

Ainda neste período, os jornais traziam que a animação corria às ruas da cidade para além dos clubes, pois, os próprios comerciantes se entusiasmavam com a festa, uma vez que o comércio aumentava muito seu movimento, conseqüentemente melhorava seu lucro com vendas de acessórios para as fantasias e produtos carnavalescos, como roupas, chapéus, máscaras, lança-perfumes dentre outros.

Nesses últimos tempos os negociantes da Rua dr. J. J. Seabra tomam a si a iniciativa dos festejos naquela movimentadíssima artéria commercial e este anno estão dispostos a dar nota nos três dias da "pereirada". Para isso a comissão encarregada tendo a frente o sr. Ramiro Castro, tem percorrido todo o commercio dali à cota de subvenções, cuja lista já se acha bastante adiantada e em breve então darão começo à organização da ornamentação que pretendem a capricho (O COMBATE, 1935, n.p.).

Tornou-se comum os clubes fazerem acordos com os comerciantes para que seus foliões, de alguma forma, retornassem à rua para uma espécie de "prolongamento da festa". Tal fato contribuía para o aumento das vendas de produtos e, ao mesmo tempo, dava notoriedade aos comerciantes e suas lojas, conforme destacado abaixo:

Honrado o compromisso tacitamente assumido com o commercio da Rua J. J. Seabra, o préstito dos INNOCENTES foi até aquele reducto carnavalesco, logo após ter deixado o barracão. Ali o receberam com estrondosas manifestações os líderes carnavalescos da zona e a grande massa popular que aguardava (O IMPARCIAL, 07 mar 1935, p.3).

Além dos três dias de festas carnavalescas, os foliões organizavam junto aos seus clubes, bailes à fantasia<sup>50</sup> como uma espécie de prévia carnavalesca, ou mesmo durante os dias de folias normalmente após os desfiles dos préstitos e ao

---

<sup>50</sup> A TARDE, 13 abr 1922, p. 2;

findar os dias de carnaval, como algo semelhante ao que chamamos atualmente de “ressaca do carnaval”.

Os referidos bailes à fantasia aconteciam normalmente nos salões dos maiores hotéis da cidade, como o Palace hotel, assim como no Teatro Polytheama, conforme descreveu o jornal Gazeta de Notícias: “o baile no Polytheama – o baile de sabbado esteve esplendido. A rapasiada foi ao mundo da lua, nas azas do prazer. O maxixe esteve mesmo muito bom, muito animado, magnífico” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 03 fev 1913, n.p.).

É importante salientar que os bailes no Polytheama eram frequentados pela elite que, por muitas vezes, organizou as festas fora dos salões dos seus respectivos clubes apenas por status, pois o Teatro era um dos mais glamurosos à época, totalmente condizente com a “civilidade” tão desejada.

Ickes (2013) relata em seu estudo que os pequenos clubes tiveram grande importância para a sobrevivência do carnaval neste período de crise econômica, assim como também os cordões e os blocos. E apesar dos esforços para que a festa acontecesse, não havia o reconhecimento da prefeitura, esta que continuava apoiando apenas os maiores clubes da cidade.

Na rua Chile o Armando das Duas Américas está disposto a fazer coisas funambulescas. O projeto de iluminação é da Praça Rio Branco à Piedade. Formidável! Uma coisa de estouro mesmo. As comissões de S. Pedro e da rua Chile reunir-se-ão para resolver de commum accordo o problema (O COMBATE, 1930, n.p.).

Mesmo com o tímido início de retomada da economia, por volta de 1930, os grandes clubes não desfilaram na Rua Chile, crescendo assim a influência de outros gêneros musicais e de suas danças, como o samba, o afoxé e os batuques<sup>51</sup>. Os pequenos clubes entraram em cena e a imprensa, a contra gosto, precisou noticiar.

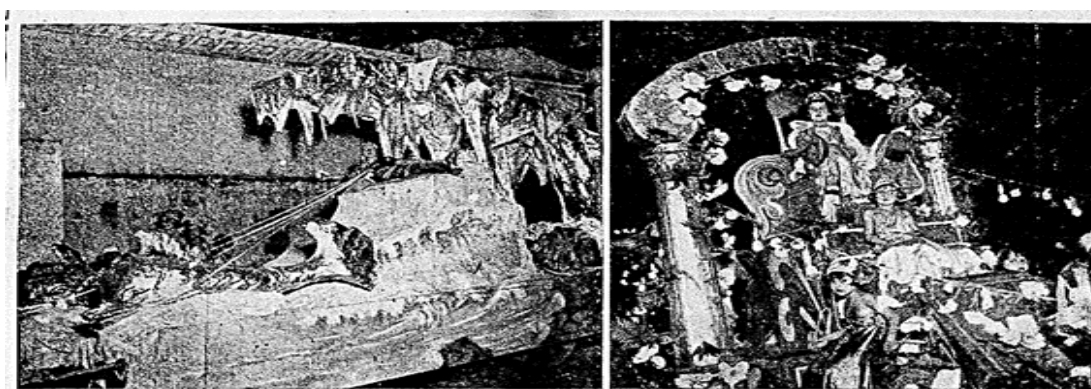
Momo vem ahi e os amantes da folia começam os preparativos para festejar esses três dias de franca pagodeira. E em todos os cantos da cidade só se ouve falar no Zé Pereira, que não tardará a surgir com o seu zabumba infernal a anunciar a breve chegada da folia que, este anno, parece vae ser de arromba. E não sendo!... pois se o querido “Cruz Vermelha” também vai sahir á rua para receber os aplausos dos seus milhares de adeptos fazendo reviver nesta cidade aquelles tempos em que a multidão se acotovelava nas principaes ruas da capital, onde os seus magestosos préstitos passavam para aclama-lo nem delírio estonteador (O COMBATE, 1930).

---

<sup>51</sup> A TARDE 26 jan 1933, p. 2

As batucadas institucionalizaram e transformaram as práticas musicais e dançantes da população afro-baiana no carnaval destas primeiras décadas do século XX (ICKES, 2013). Fato este que nos leva a pensar que este movimento tão circular se estende até os dias de hoje, de maneira que através de suas manifestações musicais e dançantes, os afrobaianos (ICKES, 2013) aproveitaram para pressionar a elite e a imprensa, obtendo maior relevância cultural e simbólica nas festas carnavalescas da capital baiana.

**Figura 47** – Carnaval do Clube Innocentes



Fonte: O Imparcial (1935)

As imagens antes destacadas são registros fotográficos do carnaval de 1935, do *Club Innocentes em Progresso*. O jornal *O Imparcial* (1935) fazia referência às imagens como sendo um dos mais lindos carros do Clube. À esquerda o carro das sereias e à direita o throno da rainha. O jornal imprimiu uma reportagem dando detalhes dos referidos desfiles carnavalescos.

Seguiu magestoso o carro da pequenina rainha dos INNOCENTES, a inocente Zoraide Aranha, ricamente vestida. Foi, sem dúvida, um dos mais bellos carros allegoricos, apresnetando magnifico effeito de luzes. Além do throno em que Zoraide dominava do alto provocando ruidosas palmas, viam-se formando a sua côrte, três lindas princesinhas, três encantos de creanças (O IMPARCIAL, 07 mar 1935, p. 3).

Na coluna de Zé Pandega, no jornal *O Combate* (1930) era muito comum as notas sobre o carnaval, publicadas com bastante antecedência com o intuito de atrair leitores e foliões, de animar toda a população para a festa.

Hontem, num bonde, um carnavalesco, folião temporã affirmava que os “Innocentes em Progresso” saem mesmo”. Valha-nos isso que

talvez sirva de injeção de óleo camforado no espirito dos “Fantoches” e para que tenhamos os três velhos clubs na rua a animar o carnaval, a reviver os bons tempos[...] (COMBATE, 1934, n.p.).

**Figura 48** – Carros de Fantoches



Fonte: O Imparcial (1935)

Entre os carros dos Fantoches, anteriormente mostrados vemos dois destaques, a esquerda o carro dos “Pavões” e à direita, o carro das “Águias”.

O bando anunciador que, se pode dizer, foi um prenuncio do Carnaval, saindo, por entre applausos, lindos carros allegoricos, acompanhados de inumeros automôveis ornamentados, a capricho. Centenas de máscaras concorreram para a alegria da festa. O préstito era aberto por dois clairs seguidos de 50 lacaios trajando ao século XVIII e constituindo afinada charanga. Após, vinham dois mandarins chineses abrindo caminho ao bello caro allegorico um pagode chinez cheio de senhorinhas do arrabalde, seguindo-se dois automôveis muito bem ornamentados e cheios de creanças (A TARDE, 01 fev 1923, p. 2).

De acordo com o anúncio publicado no jornal A Tarde (1923), pressupomos que a beleza das festas estava na decoração temática dos carros alegóricos e estes causavam grandes expectativas na população que contemplava seus desfiles. Não encontramos nas fontes nenhuma dança mais específica. No entanto, considerando os tipos de música e da presença de determinados instrumentos musicais, compreendemos que havia uma forte presença da dança não coreografada, esta

que embalava o balançar dos corpos dançantes que pelas ruas caminhavam e ou saltitavam.

Eia! Arreda gente que lá vae a “batucada...” E o barulho e o pandemônio da desfilada sonora vinha atroando aruá com os efeitos azulcrinantes dos ganzás, querréquechês, pandeiros, adupes, tamboris e flautas, num complexo infernal de sonsa capazes de fazerem endoidecer. – “coisa louca, meu deus é a tal cuica”, dizia uma ceroula, enquanto saracoteava, toda dengosa, com a gameleira do acarajé bambaleando na cabeça. E a “batucada”, vindo de longe, foi crescendo, se avolumando, subindo pela avenida como uma enxurrada sonora até desaguar na praça, onde os ruídos multivarios se dispersaram pelos sectores mais próximos, vibrantes e alucinadores! [...] Batucada de pretos, batucada de indígenas, batucada de brancos [...] (A TARDE, 02 fev 1935, p. 2).

Diante do anúncio publicado no jornal A Tarde em fevereiro de 1935, ano que marcou o início de uma nova fase de modernização da cidade, sobretudo quanto ao processo de urbanização, é possível perceber a consolidação de uma hibridização cultural (CANCLINI, 1997) que se destacou na musicalidade e seus tantos instrumentos musicais ressignificados, nos levando a refletir que essa mistura musical pode ter influenciado também uma mistura dançante que não mais se destaca em apenas um único grupo social. A música e, conseqüentemente, as danças foram a partir deste momento, conforme anunciado no recorte do jornal, a mistura da influência musical dos pretos, dos indígenas e dos brancos.

Ao longo do nosso estudo foi possível perceber que o samba, enquanto gênero musical, conseqüentemente enquanto dança, não foi fortalecido em nosso diálogo. Isto acontece não por falta de interesse para com este ritmo/esta dança, mas pela falta de registros nas fontes consultadas. Em alguns periódicos encontramos timidamente um ou outro anúncio que falava rapidamente sobre a presença do samba em algumas manifestações dançantes, ora nos clubes, ora nas festas de rua.

No entanto, as manifestações carnavalescas já existentes neste período, de algum modo, contribuíram para com o surgimento das escolas de samba a partir de 1950. A musicalidade, a organização dos desfiles e o envolvimento dos foliões, clubes, blocos, préstitos, cordões e batucadas, todos e tudo que envolvia a folia carnavalesca, da organização às experiências são fundamentais para a

compreensão do surgimento das primeiras escolas de samba em Salvador, por voltas do ano de 1957 (SOARES, 2014).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo, em alguns momentos, houve a necessidade de buscar o afastamento necessário para que as emoções do lidar com uma temática que tanto inspira não interferisse na análise das fontes, conseqüentemente no resultado da pesquisa. No entanto, a ausência de alguns registros históricos, considerados importantes no que se refere a presença da dança nos clubes sociais na cidade da Bahia resultou numa busca incessante por mais material empírico, como registros imagéticos, por exemplo. Tal fato, nos empolgou e nos levou a buscar nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (IHGB) e da hemeroteca digital todos os possíveis registros referentes ao assunto.

À medida que achávamos os registros, o assunto tornava-se ainda mais envolvente. Dessa forma, em termos quantitativos, podemos dizer que foram 23 anos de jornais consultados, mais de 4.000 ocorrências entre fotografias e notícias publicadas, e evidentemente, preciso aqui destacar os importantes encontros do grupo CORPO, que me levaram a uma aproximação e entendimento, cada vez melhor, da pesquisa no âmbito da história, até então uma área muito pouco explorada por mim, mesmo sabendo da sua relevância.

O conhecimento acerca da história da dança, bem como do levantamento sobre o estado da arte para com esta temática, nos levou a perceber as fragilidades do assunto no que se refere a Bahia, inclusive de registro literário. Tais questões foram abordadas no capítulo introdutório desta pesquisa, assim como outros argumentos que consideramos importantes e que justificam a realização dela. De todo modo, nos cabe destacar que, mesmo diante de tantas necessidades, foi importante a delimitação de um recorte temporal, tanto para dar conta das fragilidades aqui pontuadas, como também para atender as exigências da pesquisa histórica e do espaço-tempo necessários à conclusão do doutorado.

Assim sendo, pensando nos elementos da pesquisa histórica, o período entre 1912 e 1935 foi escolhido com base na perspectiva da modernidade que levou a capital baiana a passar por diferentes intervenções. Dentre elas nos debruçamos sobre as mudanças de caráter urbano, econômico, político e sociocultural, e a partir delas aprofundamos o diálogo nos diferentes capítulos deste estudo.

Todavia, neste espaço que se configura um momento para o registro final, compreendemos a necessidade de dialogarmos a partir das informações

apresentadas no corpo deste estudo, a fim de identificarmos se a maneira como a dança esteve presente nos clubes sociais de Salvador, entre as décadas de 1912 e 1935, expressaram as mudanças sociais e culturais advindas do processo de modernização que atingiu a cidade do Salvador à época e, conseqüentemente, sua população.

Para tanto, achamos necessária uma discussão mais aprofundada sobre a modernização das cidades brasileiras, sobretudo destacando as transformações urbanas oriundas dos projetos de modernidade que já avançavam para algumas capitais do país em virtude da necessidade de reorganização urbana para adequar as cidades às novas demandas que surgiam em detrimento da Revolução Industrial Europeia e que atingiam a vários lugares no mundo.

Em se tratando da cidade do Salvador, conforme apontado no estudo, a reorganização urbana de maior impacto, em variados setores, vai acontecer mais fortemente nas primeiras décadas do século XX, justamente no período que identificamos ser necessária a realização da pesquisa. Com a necessidade de se adequar a um novo modelo de cidade, portanto, uma cidade moderna e civilizada, Salvador precisou rever sua estrutura urbana, e contou com o apoio da elite local, esta composta por comerciantes, políticos, artistas e intelectuais, assim como também teve total apoio da mídia.

Ainda que a mídia fizesse a “propaganda” da modernidade chegando à capital baiana, podemos dizer que nem toda população aceitou ou pode consumir as conseqüências dessas mudanças, pois, o modo de vida moderno tão desejado pela elite também sofreu resistência por parte da população com menores condições financeiras para usufruir os produtos e a frequentar espaços criados para o consumo da própria elite, principalmente no que se refere aos aspectos socioculturais. Dentre estes espaços, os clubes sociais tornaram-se um dos principais pontos de encontro para o consumo de bens culturais, o que fortalece ainda mais a necessidade de aprofundar nosso olhar curioso, comum aos pesquisadores.

No tocante aos aspectos políticos, sociais e econômicos, não podemos deixar também de pontuar neste espaço final do estudo, que apesar das suas características urbanas, inclusive do seu crescimento populacional à época, a cidade da Bahia passou por sérios problemas econômicos em virtude da sua baixa produtividade industrial e do crescimento de outras capitais e estados brasileiros, como o Rio de Janeiro, por exemplo, que foi ao longo deste período, sua maior



referência em termos de civilidade, tanto nas mudanças urbanas, cuja maior referência foi a capital francesa, mas também nas práticas e costumes civilizados da população carioca.

Enquanto a elite satisfazia seus anseios de civilidade, o restante da grande maioria da população, composta por negros escravizados e seus descendentes, buscava melhores condições de vida e sofriam à margem dos olhares dos governantes. A capital baiana, neste momento, sofria com a ambiguidade, muito comum na modernidade, pois à medida que avançava na reorganização urbana, ainda vivia as questões habitacionais da população mais pobre, as dificuldades na oferta de energia elétrica, transporte e saneamento básico, por exemplo.

A presença destes problemas, assim como da população mais pobre no centro da cidade, também contribuiu para que a elite passasse a ocupar outros espaços e, conseqüentemente também fortaleceu neste grupo a ideia de que tudo que fosse considerado atrasado deveria ser combatido. Afinal, o maior interesse da elite era o status presente no contexto da população moderna e civilizada. Nesse momento, chamamos a atenção para um aspecto importante no estudo, pois as sedes dos clubes também sofreram mudanças, inclusive de locais dentro da cidade, são reformadas, a grande maioria, para se adequar a um padrão arquitetônico que também denotasse aderência a uma tendência moderna.

Sendo assim, costumes e práticas europeias, sobretudo no âmbito sociocultural, serviram de exemplo para a elite soteropolitana influenciando totalmente seus modos de viver a vida. E os clubes sociais e as manifestações dançantes presentes em vários momentos de festividades tornaram-se práticas de fortalecimento do ideário de modernidade desse grupo social. No entanto, a população mais pobre, em meio ao processo de reestruturação dos espaços e modos de vida da elite baiana, também foi em busca de meios de diversão e, não diferentemente da elite local, criaram seus próprios espaços, como os clubes sociais populares, ou chamados de clubes sociais para negros.

Sobre a população negra, na maioria das vezes, ao longo das primeiras décadas do século XX não houvesse interesse da mídia em noticiar seus espaços, tão pouco suas manifestações dançantes, encontramos em alguns periódicos indícios de que, principalmente nas festas carnavalescas, a dança também se fez presente para este grupo da população, que demonstravam uma relação cultural

muita fortalecida com suas raízes, em tempo que atraia olhares curiosos e cheios de interesses da própria mídia.

Destacamos no texto, os clubes sociais de caráter elitista, cujas atividades socioculturais realizadas, demonstravam uma relação direta com hábitos e costumes europeus como os chás das cinco, os famosos bailes de gala e principalmente os bailes carnavalescos. Para esse grupo social, as festas tiveram o glamour presente desde à decoração dos grandes salões dos clubes às roupas de seus associados e convidados. O que nos faz pensar, inclusive, em como estas pessoas dançavam trajando roupas longas, com tantos tecidos.

No tocante às músicas, conseqüentemente às danças, havia também grande representação da cultura europeia e norte americana envolvidas na musicalidade e nos jeitos de dançar das pessoas ali presentes. Os ritmos musicais, ao menos a sua maioria, faziam grande referência ao jazz, a polca, a valsa, ao maxixe, dentre outros. É importante ressaltar que com exceção do maxixe e do jazz, os demais ritmos animavam os salões mais timidamente, uma vez que eram e são ritmos tocados mais lentamente. Já o jazz e o maxixe, animavam frequentemente os bailes carnavalescos nos referidos clubes.

Com relação as danças, o maxixe teve seu maior destaque neste período. Sua presença foi marcante na maioria das festividades e a forma como as pessoas dançavam, mexeu com a moral e os bons costumes da sociedade elitista baiana. Com corpos colados, homens e mulheres dançaram demonstrando certa sensualidade, principalmente as mulheres com seus encantadores movimentos no quadril, fazendo com que a dança fosse proibida nos salões de muitas festas da elite baiana.

Quando os clubes passaram a investir nos carnavais de rua, naquele momento, ainda no final do século XIX, as danças encontradas nas fontes (maxixe, valsa, polca dentre outras) tinham relação com movimentos corporais não coreografados, de maneira que o ritmo intenso dos instrumentos percussivos e de sopro, contribuíam para uma dança mais solta e saltitante, cuja base musical estava associada mais diretamente as batucadas. Por sua vez, também se faz necessário registrar que muitos destes instrumentos foram percebidos em outros ritmos, como o samba, mais próximo da segunda década do século XX.

Embora os clubes tivessem, naquele momento, aberto suas portas para os desfiles de seus associados e simpatizantes pelas ruas do centro da cidade,

portanto, aderindo ao movimento carnavalesco mais popular, a elite fazia questão de manter seu status de uma sociedade moderna, aos moldes europeus, e seus luxuosos carros e as mais elegantes fantasias eram as mais aguardadas pelos expectadores dos desfiles.

Mesmo diante da crise econômica que tomou conta do estado e da capital baiana, os clubes tentaram manter um padrão de “excelência”, o que fez com que muitos fechassem suas portas, pois era muito difícil produzir os elegantes e luxuosos carros, bem como as fantasias de seus associados, já que a maioria dos adereços e materiais para a confecção destes produtos, vinham de outros países, fortalecendo, dessa maneira, um movimento importante na cidade, o de popularizar algumas festividades e, conseqüentemente, alguns espaços de divertimento em que a dança se fez presente, como a criação de clubes mais populares e dos clubes uniformizados negros.

Ainda que os clubes de elite tivessem perdido sua popularidade nas festas momescas, em virtude da crise, acabaram buscando alternativas para manter suas festas em tempos de difícil situação econômica. Para isso, passaram a organizar outras festas, como um carnaval fora de época, chamado de mi-carême, tão noticiado pelos jornais à época, hoje chamado de micareta, cuja ideia, naquele momento, era continuar proporcionando aos seus associados e à população baiana, espaços de vivências culturais e também de sociabilidade.

No momento em que a crise financeira chegou ao ápice, houve o fortalecimento dos pequenos blocos e cordões, com suas estonteantes batucadas, que por sua vez, fortaleceu os elementos presentes na cultura negra na cidade, e de seus hábitos e costumes de vida, que impactaram nos elementos culturais, inclusive os relacionados às danças, que tanto nos interessa enquanto pesquisadores.

É importante destacar que além dos clubes sociais, outros espaços, cuja função era semelhante, ocuparam um lugar de interesse da elite para com a realização e participação de eventos cuja dança se fez presente, como o Teatro Polytheama, por exemplo. Este, que apareceu mais frequentemente na agenda de eventos da elite baiana, pois tínhamos outro teatro também importante (São João) e era um importante local para apresentações artísticas e culturais trazidas de outros países. Assim como também, alguns restaurantes com pista para dança, alguns hotéis famosos por suas recepções dançantes, os cabarés e os próprios clubes de dança da cidade.

Com relação aos clubes de dança, estes atendiam tanto ao grupo elitista como a classe popular. Portanto, nos leva a compreensão de que nestes espaços havia uma circularidade de manifestações culturais, sobretudo, dançantes e musicais, que contribuíram para a formação e ou ratificação da cultura identitária da população baiana.

Ao analisarmos os clubes de dança, também percebemos que a vida noturna da cidade, principalmente nos bairros mais localizados na região central, era muito movimentada. Os hotéis, restaurantes e os cabarés, por exemplo, começavam a servir seus serviços de buffet, com comidas e bebidas, a partir das 19 horas, o que já atraía o público da localidade, sobretudo os comerciantes mais ricos após o final do expediente de trabalho. As apresentações de danças, principalmente de artistas estrangeiras, contratadas por estes espaços com a finalidade de atrair o público masculino, embora, não fosse este o único a frequentar os referidos espaços, iniciavam suas apresentações logo no início da noite, movimentando toda a madrugada.

Nestes espaços, a dança de salão, portanto, um tipo de dança dançada a dois, era muito comum, embora as artistas fizessem apresentações dançantes de maneira individual com o cunho mais artístico e, por vezes, envolvidos de muita sensualidade, independentemente do tipo de dança. Estes espaços foram surgindo, à medida que a cidade foi se reorganizando estruturalmente, e atenderam à elite e aos populares. Algumas festas dançantes realizadas em bares e nos clubes de dança eram frequentadas por um público bastante diverso, inclusive por homens da elite baiana, como empresários, comerciantes e políticos.

Desse modo, podemos considerar que à medida que a cidade se reorganizava estruturalmente, os clubes sociais iam surgindo, os que já existiam passaram a se adequar às novas exigências da elite local e da sociedade como um todo, de maneira que em todos os eventos realizados nestes espaços a dança se fez presente.

Os clubes sociais que atendiam aos populares, embora aparecessem muito pouco nos jornais da época, quando comparado aos clubes de elite, também tinham suas características festivas respaldadas com a forte presença da dança, que já naquele momento, entre os anos de 1912 e 1935, configurava-se como um importante fenômeno cultural que contribuiu para o rompimento de barreiras socioculturais da população soteropolitana.

Ainda que em determinados momentos do período estudado tenha havido uma forte segregação entre os clubes sociais de elite e os clubes sociais dos populares, em ambos os espaços, em qualquer festividade era notória a presença da dança. Dos bailes luxuosos da elite aos bailes populares, da forte presença do jazz, do tango, da valsa à estonteante presença do maxixe, da batucada e do samba, este último, um gênero musical que timidamente já se fazia presente em várias atividades festivas nos diferentes clubes da cidade e que vai se popularizar tornando um dos principais ritmos, conseqüentemente, umas das principais danças que compõem a cultura baiana.

Desse modo, compreendemos que os clubes sociais da cidade do Salvador foram espaços importantes para a construção e manutenção das relações sociais e culturais da população baiana. E a dança nos clubes, tornou-se uma importante amálgama no processo de construção de identidades e conseqüentemente promoveu trocas de valores e experiências simbólicas entre toda a população que viveu as festividades nos referidos clubes.

Nos espaços em que a dança se faz presente, além das experiências sociais, havia experiências culturais importantes, pois, o corpo que dança se expressa de todas as formas, e ao dançar ele comunica sua identidade com a identidade do outro, constituindo uma importante troca simbólica, que por consequência fortalece a sua identidade e também permite a constituição de novas identidades culturais.

Desse modo, a dança nos clubes sociais de Salvador foi se tornando um fenômeno cultural importante entre todos os grupos que frequentaram estes espaços, independente dos estratos sociais. O que diferenciava em alguns contextos, por exemplo, era o estilo musical, conseqüentemente o jeito de dançar cada ritmo ali executado. Nos clubes formais ou clubes elitistas as músicas eram tocadas com instrumentos musicais sofisticados, geralmente originários de países europeus embalando danças cujos corpos não “podiam” estar tão colados um no outro, visto que existia entre a elite a presença de muitos pudores nos modos de ser e viver, impactando claramente no jeito de dançar.

Já nos clubes populares o maxixe, a batucada e o samba estiveram presentes. Junto com estas danças suas músicas tocadas por instrumentos musicais mais percussivos, conseqüentemente os ritmos eram mais animados, provocando em homens e mulheres uma dança mais alegre e enérgica em suas expressões corporais. Nestes clubes, a elite juntamente com a mídia impressa, fortalecia a ideia

de que o jeito de dançar era inconveniente para com os moldes de civilidade de uma cidade moderna e, que por isso, as festas ou bailes em que estas danças aconteciam eram chamados de bailes dos desocupados ou ainda bailes inconvenientes. Mas apesar do olhar discriminatório da elite, sob forte influência da mídia, estes espaços foram muito importantes para a vivência da dança entre a população mais carente da cidade.

A dança, portanto, esteve presente nos clubes sociais da capital baiana, sejam os da elite e ou os clubes populares, e se tornou um importante fenômeno cultural que, ao mesmo tempo em que se beneficiou do avanço da modernidade na cidade, se expandindo para vários espaços, sendo acessada por muitas pessoas, ela também contribuiu para que, a partir de uma nova organização social e urbana a população soteropolitana pudesse expressar as mudanças sociais e culturais advindas do processo de modernização.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Henrique de. A economia de Salvador e a formação de sua região metropolitana. **IN:** Como anda Salvador e sua Região Metropolitana. CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso (Org.). Salvador: EDUFBA, 2008, p. 14 – 53.

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **O club Sportivo Feminino e As Formas de Sociabilidade Para As mulheres da Elite em Aracaju (1919-1926)**. Salvador, 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

AYLA, Maria Ignez Novais. Os cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX. **Revista Estudos Avançados**, n.13 (35), 1999. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/Dhhngnxnc7TChHkjXyDPXTJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 28 de abril de 2022.

ARAÚJO, Joelma. Idealizações modernas na cidade de Salvador: 1935 – 1960. **Cadernos PPG-AU/UFBA**. Salvador, v. 7, n. 1, 2009.

ANDRADE, Adriano Bittencourt; BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Geografia de Salvador**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2009.

BARRETO, Maria Renilda N.; ARAS, Lina Maria B. de. Salvador, Cidade do Mundo: da Alemanha para a Bahia. **Revista História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, Jan./Apr. 2003.

BARROS, Francisco Borges de. **Dr. J. J. Seabra: sua vida, sua obra na República**. [Salvador] Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1931.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. **Revista Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-14. 2005.

BARROS, José D'Assunção. Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011.

BELLOTTO, H. **As fronteiras da documentação**. Caderno FUNDAP. São Paulo, v.4, n. 8, pp.12-16, abril. 1984.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. 2 ed. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 2000.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza. Aspectos arquitetônicos dos clubes de Salvador durante o século XX. **Revista do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da Fausp**. Disponível em

<https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/107293>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASILEIRO, Livia Tenório. **Dança – Educação Física: (in)tensas relações**. Campinas, 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

BRITO NETO, Aquelino José de. **Maxixe**: Dança e Música na Circularidade Cultural Brasileira. XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH, Natal – Rio grande do Norte, 22 a 26 de julho, 2013. Disponível em:

[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371319782\\_ARQUIVO\\_maxixeDancaeMusicanaCircularidadeCulturalBrasileira.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371319782_ARQUIVO_maxixeDancaeMusicanaCircularidadeCulturalBrasileira.pdf). Acesso em: 13 de maio de 2020.

BRITTO, Fabiana. **Temporalidade em dança**: parâmetros para uma história contemporânea. Belo Horizonte: FID Editorial, 2008.

BRITTO, Lays; MELLO, Márcia; MATTA, Raissa. O processo de transformação urbana de Salvador-BA. **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**, Ano XIX, v. 2, N. 37, Agosto – 2017, Salvador-BA, p.111-127. Disponível em:

<https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/viewFile/4680/3232>. Acesso em 23 de maio de 2019.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BOURCIER, Paul. **História da dança no Ocidente**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CADENA, Nelson Varón. **História do carnaval da Bahia**: 130 anos do carnaval de Salvador. 1884-2014. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2014. 268p.

CAMARGO, L. A. R.; SILVA, M. R. Os clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro: uma relação de hábitos e costumes. In: Simposio Internacional Processo Civilizador, 2008, Buenos Aires. **Anais**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 68-75.

CAMINADA, Eliana. **História da dança**: evolução cultural. Rio de Janeiro: SPRINT, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

CARDOSO, Luiz Antônio F. **Entre vilas e avenidas**: habitação proletária em Salvador na Primeira República (1991). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura da UFBA, Salvador, 1991.



CARVALHO, José Jorge de. Um panorama da música afro-brasileira: parte 1. **Dos gêneros tradicionais aos primórdios do samba**. Série antropologia, n. 275, Dpto de Antropologia da UnB. Brasília: UnB, 2000.

CARNEIRO, Édison de Souza. **Religiões negras**: notas de etnografia religiosa; Negros Bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981.

CASTELLUCCI, A. A. S. **Uma história da Greve Geral de 1919 na Bahia**. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. 152p.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2002.

CINTRA, Rosana Carla Gonçalves Gomes. A Dança no Brasil: alguns caminhos percorridos até se tornar parte integral da Educação em Arte. **Revista Rascunhos Culturais**, Coxim, v. 2, n. 4, p. 125-139, jul./dez. 2011.

CLUBE BAHIANO DE TÊNIS. Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/clube-bahiano-de-tenis-100-anos-de-historias-de-lutas-e-glorias-sera-lancado-em-sp/>. Acesso em fev. de 2021.

CLUBE BAHIANO DE TÊNIS. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/>. Acesso em fev. de 2021.

CLUBE BAHIANO DE TÊNIS. Disponível em <https://historiadesporte.wordpress.com/2019/01/07/sobre-o-tenis-e-sua-pratica-em-salvador-dos-primeiros-momentos-a-fundacao-do-clube-baiano-de-tenis/>. Acesso em fev. de 2021.

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. A Bahia e a “civilização”: a cidade do Salvador no Brasil. **Revista eletrônica multidisciplinar Pindorama**. N. 01, Ano I, Agosto, 2010. Disponível em: <http://www.revistapindorama.ifba.edu.br> Acesso em: 23 de maio de 2019.

DACOSTA, Lamartine P. Clubes esportivos e recreativos. **IN**: Atlas do Esporte no Brasil, 2006. Disponível em: <http://cev.org.br/>. Acesso em: 25 de outubro de 2020.

DANÇAS PRIMITIVAS. Disponível em <http://histdanca.blogspot.com/2012/08/dancas-primitivas.html>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M.. **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: editora UNESP, 2013.

DICIONÁRIO AURÉLIO DIGITAL. Disponível em <https://www.dicio.com.br/aurelio-2>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

DÓREA, Dayane Ramos. **A dança como experiência de lazer: o caso dos grupos da cidade de Esplanada-Bahia**. 2020. Orientador: Coriolano Pereira da Rocha Junior. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas: Unicamp, 1995.

EFEGÊ, Jota. **Maxixe: a dança excomungada**. Coleção Temas Brasileiros, v. 16. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.

EHRENBERG, M. C. **A dança como conhecimento a ser tratado pela Educação Física escolar: aproximações entre formação e atuação profissional**. Campinas, 2003. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

ELLMERICH, Luis. **História da dança**. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

ESPINHEIRA, Carlos Geraldo D'Andrea. **Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel**. Salvador, 1975. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975, 228f.

FAHLBUSCH, Hannelore. **Dança: moderna-contemporânea**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

FAORO, R. **A questão nacional: a modernização**. Rio de Janeiro: Estudos históricos, 1992, p. 7-22.

FARO, Antônio Jose. **Pequena História da Dança**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FARO, Antônio Jose. **Pequena História da Dança**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. "Idealizações Urbanas e a Construção da Salvador Moderna". **IN: FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. Cidade & História**. Salvador, UFBA/Fac. de Arquitetura, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992.

FERNANDES, Ana. Projeto Pelourinho: operação deportação x ampliação do direito. Curso de Capacitação – Programas de reabilitação de áreas urbanas centrais. Disponível em: [https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/ReabilitacaoAreasUrbanas/Texto\\_Projeto\\_Pelourinho\\_Operacao\\_Deportacao.pdf](https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/ReabilitacaoAreasUrbanas/Texto_Projeto_Pelourinho_Operacao_Deportacao.pdf). Acesso em novembro de 2020.

FERREIRA, M. S. S. **A Tarde e a construção dos sentidos**: ideologia e política (1928-1931). Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. 125p.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. “Desafricanizar as Ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura Popular em Salvador, 1890-1937”. **Revista Afro- Ásia**, nº - 21, pp. 239-256, 1998 - 1999.

FRANCISCO FILHO, G. **A educação Brasileira no Contexto Histórico**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

FRANCO, Neil; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Evolução da dança no contexto histórico: aproximações iniciais com o tema. **Repertório**, Salvador, n. 26. p. 266-272. 2016.

FRAZÃO, Dilva. **A história de João do Rio**. Disponível em [https://www.ebiografia.com/jo\\_o\\_do\\_rio](https://www.ebiografia.com/jo_o_do_rio). Acesso em 10 de novembro de 2018.

FREIRE, Danilo Raniery Alves. **Práticas Culturais de Lazer em Salvador**: cotidiano entre os anos de 1920 e 1935 (Dissertação de mestrado). Salvador, 2020. 143 f.

HOBSBAWM, Eric, J; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ICKES, Scott. A era das batucadas: o carnaval baiano das décadas de 1930 e 1940. **Revista Afro-Ásia**, Salvador, n.47. 2013.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

KUMAR, Krishan. Verbete Modernidade. In: OUTHWAITE, William e BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LABAN, R. V. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LARA, Larissa Michele. **Corpo, Sentido Ético-estético e Cultura Popular**. Maringá: Eduem, 2011.

LECHNER, Norbert. A modernidade e a modernização são compatíveis? O desafio da democracia latino-americana. Tradução – Régis de Castro Andrade. **Lua Nova** – Revista de Cultura e Política, São Paulo, setembro 90, n. 21. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/YzxcYnPr9T9Wtj6LGF8J7t/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20 de setembro de 2020.

LEITE, Reinaldo César Nascimento. **E a Bahia civiliza-se: ideais de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana, Salvador 1912 – 1916**. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal da Bahia.

LEITE, Rinaldo C. N., ROCHA JUNIOR, Coriolano P. e SANTOS, Henrique Sena dos. Esporte, cidade e modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de (org). Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

LIMA, E. C. de, & OLIVEIRA NETO, C. R. de. **Revolução Industrial**: considerações sobre o pioneirismo industrial inglês. Revista Espaço Acadêmico, 17(194), 102-113, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/32912>.

Acesso em 19 de setembro de 2021.

LINDLEY, Thomas. **Narrativas de Uma Viagem ao Brasil**. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1969.

LUNDU RETRATADO POR EARLE, Rio de Janeiro, século XIX. Disponível em:

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/batuques-em-lisboa>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

MARTINHO, Lenira Menezes; GORENSTEIN, Riva. **Negociantes e caixeiros na sociedade da independência**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento geral de documentação e informação cultural, divisão de editoração, 1993.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia, século XIX**: uma província do Império. Rio de Janeiro, 2 ed, Editora Nova Fronteira, 1992.

MEMÓRIAS DO REINADO DE MOMO. Disponível em:

<http://memoriasdemomo.com.br/>. Acesso em maio de 2021.

MARQUES, Izabel A. **Dançando na Escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. 10. ed. Tradução de Maria Lucia Cumo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura).

MATTOS, Regiane A. **História e Cultura Afro-brasileira**. Contexto: São Paulo, 2007.

MELO JUNIOR, Djalma Santos. **A Escolarização da Práticas Corporais em Meio a “Babel da Instrução Pública Baiana: os confrontos em torno da gymanstica, musica e dança**. Feira de Santana, 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Ciência Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana.

MELO, Victor Andrade de.; PERES, Fábio de Faria. A cidade e o lazer: as desigualdades sócio-espaciais na distribuição dos equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro e a construção de um indicador que oriente as ações em políticas públicas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 127-151, setembro/dezembro de 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2886/1500> Acesso em maio de 2021.

MELO, Victor Andrade de.; PERES, Fábio de Faria. Lazer, Esporte e Cultura Urbana na Transição dos Séculos XIX E XX: Conexões entre Paris e Rio de Janeiro. **Logos 22** - Comunicação e Cultura Metropolitana, Ano 12, nº 22, 1º semestre de 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/15302>. Acesso em maio de 2021.

MENDONÇA JÚNIOR, Jair. **Clube dos Ingleses Comemora 140 anos**. Disponível em <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/clube-dos-ingleses-comemora-140-anos1593660#:~:text=Fundado%20em%201874%2C%20o%20Bahia,seletos%20s%C3%B3cios%20para%20confraterniza%C3%A7%C3%A3o%20especial>. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

MENEZES, Ednilson Luiz Santana. **O processo de Modernização de Salvador no Início do século XX: transformações urbano-sociais impostas à cidade entre 1900 e 1930**. Salvador, 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia.

MÉRIAN, Jean-Yves. A Belle Époque francesa e seus reflexos no Brasil. A Belle Époque francesa e seus reflexos no Brasil. **IN:** PINHEIRO, Luís C.; RODRIGUES, Maria M. M. (Orgs.). A belle époque brasileira. Lisboa: LusoSofia, 2012, pp. 135-161.

MINAYO, M. C. de S.. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música: história cultural da música popular**. Vol. 2, São Paulo: editora Autêntica, 2002.

NASCIMENTO, C. S.; SILVA, D. V. da. A modernização da cidade de Salvador: um olhar. **Revista ao pé da letra**, Pernambuco, v.2, p.29-34. 2000.

O BATUQUE. Disponível em <http://escoladosruralis.blogspot.com/2014/02/lundu-uma-leitura-da-musica-das-suas.html>. Acesso em janeiro de 2021.

OLIVEIRA, Luciana Xavier de. Bailes populares, clubes de subúrbio: territórios simbólicos, cultura popular e celebração da diferença. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais**. Rio de Janeiro: RJ, 2015.

OLIVEIRA, R. José de., OLIVEIRA, R. M. de S. Origens da segregação racial no Brasil, 2015. **Amérique Latine Histoire & Mémoire**. Disponível em: <https://journals.openedition.org/alhim/5191>. Acesso em 27 de abril de 2021.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**. Tatuapé: São Paulo, Editora Parisiense, 1991.

OS BALÉS DA CORTE. Disponível em <http://ceciliabazzotihistoriadanca.blogspot.com/2012/05/os-grandes-ballets-de-corte-e-contexto.html>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

OSSONA, P. **A Educação Pela Dança**. SP: Summus editorial, 1998.

PADILHA, Maria Itayra et al. O uso das fontes na condução da pesquisa histórica. **Texto contexto - enferm.** v.26, n.4, 2017.

PEREIRA, J.C. **Clubes dançantes e moralidades no Rio de Janeiro da Primeira República**. Dissertação. Universidade Federal Fluminense – Departamento de História – Niterói, 2017.

PERNA, Marco Antonio. **Samba de gafieira: a história da dança de salão brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2001. Reimpressão, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade: UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. 3 ed. Coleção História &... Reflexões. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 132p.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)**. Salvador: EDUFBA: 2011.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **Intervenções públicas na freguesia da Sé em Salvador de 1850 a 1920: um estudo de modernização urbana**. Dissertação de Mestrado, Salvador, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/UFBA, 1993.

PINHEIRO, Luís da Cunha; RODRIGUES, Maria Manuel Marques da (org.) **A Belle Époque Brasileira**. CLEPUL: Lisboa, 2012.

PIRES, Antônio Cardoso Simões. **Movimentos da Cultura Afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 – 1950)**. Campinas, 2001. Tese. Universidade Estadual de Campinas.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **História da Associação Atlética da Bahia**. História da Associação Atlética da Bahia, Salvador: Associação Atlética da Bahia, 2012. 352 p.

PUPPI, Suely de Oliveira Figueirêdo. **A arquitetura monumental de Salvador no início do século XX: Uma resposta local a um processo internacional**. 19&20, Rio de Janeiro, v. IV, n.4, out. 2009. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad\\_spuppi.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_spuppi.htm)>. Acesso em maio de 2021.



RIED, Bettina. **Fundamentos de dança de salão**. Londrina: midiograf, 2003.

RISÉRIO, Antônio. **Uma história da cidade da Bahia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

ROBATTO, Lia; MASCARENHAS, Lúcia. **Passos da Dança na Bahia**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Fazcultura, 2002.

ROBATTO, L. **A Dança Como Privilegiada de Educação: relato de uma experiência**. Salvador: EDUFBA, 2012.

ROCHA JÚNIOR, C. P. da. **Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX**. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História Comparada) – Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ROCHA JÚNIOR, Coriolano Pereira da; MELO, Victor Andrade de. As touradas na cidade da Bahia: transições na dinâmica pública soteropolitana. **IN**: “Pois temos touros”: Touradas no Brasil do século XIX. MELO, Victor Andrade de (org.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, p. 170 – 187.

RENGEL, Lenira; LANGENDONCK, Rosana Van. **Pequena Viagem Pelo Mundo da Dança**. São Paulo: moderna, 2006.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem Pitoresca ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

SACHS, Curt. **World history of the dance**. New York: Norton Library, 1963.

SAES, Alexandre Macchione. Modernização e Concentração do transporte urbano em Salvador (1849-1930). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 219-238, 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882007000200012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882007000200012&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 23 de fevereiro de 2020.

SANTOS, Edmar Ferreira. Os batuques da cidade: celebrações negras e ideias de civilização. In: O podem dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p.37-67. Disponível em <https://books.scielo.org>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. Crescimento Urbano e habitação em Salvador (1890 – 1940). **Revista de Urbanismo e Arquitetura - RUA**. v. 3, N. 4/5, 1990, p. 20 – 29. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3103/2221>. Acesso em 10 de abril de 2019.

SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade do Salvador**: estudo de geografia urbana. Salvador: UFBA/Livraria Progresso, 1974.

SANTOS, Milton. **A urbanização desigual**. 2. Ed. Editora Vozes: Petrópolis, Rio de Janeiro, 1982.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo, Editora Hucitec, 1993.

SANTOS, Henrique Sena. **Pugnas renhidas: futebol, cultura e sociedade em Salvador, 1901-1924**. Feira de Santana, 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Estadual de Feira de Santana.

SANTOS, H. S. Entre negros e brancos: considerações sobre a formação da cultura futebolística em Salvador, 1901-1920. **Recorde**: Revista de História do Esporte: Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2009, p. 1-28.

SARMENTO, S. N. **A raposa e a águia**: J.J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da primeira república [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, 215 p.

SCHWARCZ, Lília M. Viajantes em meio ao Império das festas. IN: Festa: **cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo, Hucitec, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Marco Ruiz da. Clubes sociorrecreativos centenários: espaços da memória do esporte e lazer nacional. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, SC, 2015.

SOARES, A. M. C. Cidade revelada: pobreza urbana em Salvador-BA. **Revista Geografias** – 05(1), jan-jun – Belo Horizonte, 2009, p. 83-96.

SOARES, Luiz Carlos. **A Albion revisada**: ciência, religião, ilustração e comercialização do lazer na Inglaterra do século XVIII, Rio de Janeiro: 7 letras, FAPERJ, 2007.

SOARES, Antônio Mateus de C. Cidade revelada: pobreza urbana em Salvador - BA. **Revista Geografias**. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 83 – 96. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13265>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

SOARES, Rafael Lima Silva. Múltiplo carnaval: o surgimento das escolas de samba de Salvador. **Revista olhares sociais**. Cachoeira, v. 03, n. 02. 2014.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. Danças licenciosas, voluptuosas, sensuais...mas atraentes!: representações do batuque em relatos de viajantes (Brasil – século XIX). **Revista brasileira de história das religiões**. ANPUH, ano IV, n. 11, setembro 2011.

TADRA, Débora Siqueira Arzua et al. **Metodologia do Ensino das Artes**: linguagem da dança. Curitiba: ibepex, 2009.



TAVARES, L. H. D. **História da Bahia**. 10. ed. São Paulo: Editora UNESP: Salvador, BA: EDUFBA, 2001. 542p.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Narrativas da Brasilidade: Paris, Rio de Janeiro e o maxixe**. III Journée d'histoire des sensibilités. Paris, EHESS, 2007.

VELHO, Gilberto. **Estilo de vida e modernidade**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 227-234

VIANA, Viviane Rocha. **Concepções e Práticas Pedagógicas de Dança na Formação de Professores de Educação Física**. Salvador, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado da Bahia.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. Nem só de afoxés brincam os homens: manifestações carnavalescas negras em Salvador Bahia no final do século XIX e princípios do XX. XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. **ANAIS** - ANPUH, Rio Grande do Norte, 2013.

VOSS, R. R. **Desafios Epistemológicos e Políticas de Ação na Graduação e Pós-graduação em Dança**. In: LARA, Larissa Michele (org.): **Dança: dilemas e desafios na contemporaneidade**. Maringá: Eduem, 2013.

ZANIRATO, Sílvia Helena. A restauração do Pelourinho no Centro Histórico de Salvador, Bahia, Brasil. Potencialidades, limites e dilemas da conservação de áreas degradadas. História, cultura e cidade. **Revista História Actual Online – HAOL**, n. 14, 2007, p. 35 – 47. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/40905870>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.